



FACULDADE AMADEUS



**III ENCONTRO
MULTIDISCIPLINAR**

Anais

2017

FACULDADE AMADEUS

**Anais do III Encontro Científico Multidisciplinar da Faculdade
Amadeus**

Aracaju/SE, Maio de 2017

Comissão Editorial

Eduardo de Andrade Gonçalves
Maria Auxiliadora Santos

Diagramação

Manoel Messias de Souza

Bibliotecária

Edla de Fatima Sousa Evangelista

E56 Encontro Multidisciplinar da FAMA (3. : 2017: Aracaju, SE).

Anais do 3º Encontro Científico Multidisciplinar: “tenho nível superior. e agora? a inserção profissional em debate” [textos de] trabalhos apresentados no III Encontro Científico Multidisciplinar da Faculdade Amadeus _ Aracaju: FAMA, 2017.
184 p.

ISSN 2358-0070

1. Mercado de trabalho 2. Nível superior-inserção profissional
3. Encontro Científico I - Título

CDU: 331.5 (063)

FACULDADE AMADEUS

3º Encontro Científico Multidisciplinar

“Tenho Nível Superior. E Agora? A Inserção Profissional em debate”

09 a 11 de Maio de 2017

José Augusto do Nascimento
Diretor-Presidente

Eduardo de Andrade Gonçalves
Diretor Geral e Acadêmico

Maria Auxiliadora Santos
Coordenadora do Encontro

Gisélia Maria Varela e Silva
Coordenadora da Pós-Graduação

Elaine Oliveira Praes
Coordenador do Curso de Administração

Washington Oscar Guimarães Pinto
Coordenador do Curso de Ciências Contábeis

Williams dos Santos
Coordenador do Curso de Pedagogia

Pedro Amado Oliveira Nunes
Coordenador de Relações Institucionais

Elisama Laila Caldeira de França
Secretária Geral

WWW.FACULDADEAMADEUS.COM.BR ☎ LIGUE 2105 2050

 (79) 99999 - 9574   faculdadeamadeus

Rua Estância, 937 - Centro

Coordenação do Encontro

Maria Auxiliadora Santos

Eduardo de Andrade Gonçalves

Organização

Eduardo de Andrade Gonçalves (Me) FAMA

Isabela Gonçalves de Menezes (Dra.) FAMA

Maria Aparecida Souza Couto (Dra.) FAMA

Maria Auxiliadora Santos (Dra.) FAMA

Comissão Científica

André Luis Oliveira Feitosa (Me) FAMA

Alda Valéria de Melo Carvalho (Ma) FAMA

Carla Daniela Konh (Ma) FAMA

Isabela Gonçalves de Menezes (Dra.) FAMA

Maria Aparecida Souza Couto (Dra.) FAMA

Maria Auxiliadora Santos (Dra.) FAMA - Coordenação

Elaine Oliveira Praes (Ma) FAMA

Washington Oscar Guimarães Pinto (Me) FAMA

Trabalhos Gráficos e Produtos Online (pastas, cartazes, panfletos, blog, anais etc.)

Eduardo de Andrade Gonçalves

Kelly Monique Oliveira

Divulgação

Rosalvo Nogueira

Kelly Monique Oliveira

Professores da Faculdade Amadeus

Coordenadores da Faculdade Amadeus

Monitores da Faculdade Amadeus

Captação de Recursos

Eduardo de Andrade Gonçalves

Kelly Monique Oliveira

Maurício Cajazeiras

Washington Oscar Guimarães Pinto

Logística

Eduardo de Andrade Gonçalves

Williams dos Santos

Maria Auxiliadora Santos

Elisama Laila Caldeira de França

Clovis Pereira

Secretária do Evento

Elisama Laila Caldeira de França

APRESENTAÇÃO

A Diretoria Geral da Faculdade Amadeus, com o apoio das coordenações dos cursos de Pós-Graduação e de Graduação: Administração, Ciências Contábeis e Pedagogia e como parte do Programa de Pesquisa – Iniciação Científica convida, neste momento, para o III ENCONTRO CIENTÍFICO MULTIDISCIPLINAR DA FACULDADE AMADEUS a ser realizado em Aracaju nos dias 9, 10 e 11 de maio de 2017, com a participação de alunos e professores dos cursos de Administração, Ciências Contábeis e Pedagogia da Faculdade Amadeus, profissionais e alunos de outras Instituições e Professores e alunos do Ensino Básico.

OBJETIVOS

Geral

Promover atualização de conhecimento e produção científica dos discentes e docentes da FAMA e outras INSTITUIÇÕES DO ESTADO DE SERGIPE.

Contribuir para a formação de professores do Ensino Básico com discussões sobre o desenvolvimento da percepção investigativa em sala de aula.

Apoiar organizações do terceiro setor que atuem com projetos sociais.

Específicos

Contribuir para a Formação continuada de Professores da Educação Infantil e Ensino Fundamental.

Socializar a produção do conhecimento acadêmico específico

Estimular a produção científica;

Incentivar o intercâmbio científico de docentes e discentes da FAMA e outras INSTITUIÇÕES DO ESTADO DE SERGIPE.

Validar a produção científica, por meio de sua publicação.

Atingir uma formação através da pesquisa - ação – formação, articulada com a prática profissional.

Maria Auxiliadora Santos
Coordenadora do Evento

**O conteúdo e a expressão dos trabalhos aqui publicados
são de inteira responsabilidade dos autores.**

Sumário

ARTIGOS

A FORMAÇÃO CONTINUADA: um Estudo de Caso com os Gestores da cidade de Cumbe/SE	11
A ARTE COMO FERRAMENTA DE SOCIABILIZAÇÃO: uma porta para elaboração	27
O EDUCADOR COMO INTERLOCUTOR NA PÓS-MODERNIDADE: uma Análise a partir dos Alunos do curso de Pedagogia da instituição FERA	36
A INCLUSÃO ESCOLAR QUE CONHECEMOS E A QUE ESTAMOS PROMOVENDO: Paradigmas na Escola Municipal de ensino regular em barra dos Coqueiros/SE	47
O PLANEJAMENTO DA PERÍCIA CONTÁBIL	61

PESQUISA-AÇÃO

TODOS CONTRA O MOSQUITO AEDES AEGYPT	80
ÁGUA: fonte da vida	92
COMPROVANDO A EXISTÊNCIA DO AR PARA UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA	103
HORTA VIVA ESCOLA: Escola Aquarela do Saber	115
A INFLUÊNCIA DA MEDIAÇÃO NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE CIÊNCIAS NATURAIS: quinto ano do Ensino Fundamental	127
FOLCLORE LAMBE-SUJO	151

RESUMOS

PROCESSO DE FORMALIZAÇÃO DE PRESTADORES DE SERVIÇOS AUTÔNOMOS	163
---	-----

APURAÇÃO DE CUSTOS EM UMA ENTIDADE SEM FINS LUCRATIVOS: FORNECIMENTO DE ALIMENTAÇÃO	164
ELABORAÇÃO DA FOLHA DE PAGAMENTO EM UMA AUTARQUIA PUBLICA INDIRETA: IPTS	165
VALORIZAÇÃO DO PROFISSIONAL CONTABIL NA FUNÇÃO DE PERITO CONTADOR E AS ALTERAÇÕES DO NOVO CÓDIGO DE PROCESSO CIVIL	166
APLICABILIDADE DOS INDICADORES ECONÔMICO-FINANCEIROS NA GESTÃO EMPRESARIAL NO RAMO DE MATERIAL DE CONSTRUÇÃO DE PEQUENO PORTE	167
FORMALIZAÇÃO EMPRESARIAL: Microempresa optante pelo Simples Nacional no município de Itaporanga D’Ajuda-SE	168
PLANEJAMENTO TRIBUTÁRIO DOS IMPOSTOS SOBRE FATURAMENTO PARA EMPRESAS PRESTADORAS DE SERVIÇOS DO LUCRO PRESUMIDO	169
COMO SE CONTABILIZA A DESPESA PÚBLICA EXECUTADA POR MEIO DE SUPRIMENTO DE FUNDOS	170
TRIBUTOS IMOBILIÁRIO NO PROCESSO DE COMPRA E VENDA	171
MEI E EIRELI CARACTERÍSTICAS DAS CATEGORIAS	172
A CONTABILIZAÇÃO DAS RECEITAS E DESPESAS EM UMA AUTARQUIA DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA DO ESTADO DE SERGIPE	173
FORMALIZAÇÃO DE MEIs	174
CONTABILIZAÇÃO DO SISTEMA DE MICROCRÉDITO DE UM BANCO NO ESTADO DE SERGIPE	175
DIFERENCIAL COMPETITIVO: um estudo da qualidade no atendimento ao cliente em uma organização empresarial	176
A INDEPENDÊNCIA FINANCEIRA ATRAVÉS DA UTILIZAÇÃO DO MARKETING MULTINÍVEL (MMN), APLICADO EM UMA EMPRESA DE COSMÉTICOS	177
CONDUTA ÉTICA E SEUS REFLEXOS: o estudo comparativo em Profissionais da Contabilidade e Administração	178

EMPREENDEDORISMO JUVENIL: como jovens de Aracaju/SE podem abrir e manter seus empreendimentos	179
RESPONSABILIDADE DOS PROFISSIONAIS NAS INTERPRETAÇÕES DOS ÍNDICES FINANCEIROS E ECONÔMICO NAS ORGANIZAÇÕES	180
GESTÃO DA QUALIDADE NO ESTOQUE: estudo de caso na empresa Figueiredo Novidades – Aracaju/SE	181
A QUALIDADE NO ATENDIMENTO DOS CANAIS DIGITAIS DA AGÊNCIA BRADESCO SIQUEIRA CAMPOS	182
EDUCAÇÃO INFANTIL NO ESPAÇO EM QUE CUIDAR E EDUCAR CAMINHAM JUNTOS	183
EDUCAÇÃO INCLUSIVA: uma contribuição para o aprendizado dos alunos com Transtorno do Espectro Autismo na Educação Infantil	184

ARTIGOS

Anais

ISSN 2358-0070

**III ENCONTRO
MULTIDISCIPLINAR DA
FACULDADE AMADEUS**

A FORMAÇÃO CONTINUADA: um Estudo de Caso com os Gestores da cidade de Cumbe/SE

Janecléia Santos da Silva¹

RESUMO

O presente estudo apresenta uma análise da Gestão Escolar, e Formação Continuada dos Gestores da Cidade de Cumbe/SE, com o propósito de esclarecer se existem propostas de formação continuada para os gestores da respectiva cidade. Desenvolveu-se uma pesquisa bibliográfica, bem como um estudo de caso, que apresenta um estudo sobre a gestão escolar e a formação continuada de gestores escolares. O mesmo teve como base as seguintes questões: Existem propostas de formação continuada para os gestores da cidade de Cumbe/SE? E se existe, de que forma ela acontece? Como resposta a estas questões disponho do presente artigo em duas partes. Na primeira descrevendo sobre a gestão escolar, e a formação continuada para gestores. No segundo momento trazendo os resultados do questionário aplicado aos gestores de todas as escolas da cidade de Cumbe/SE. Nas considerações finais são apresentados os resultados obtidos através do questionário, os quais mostraram que não existem propostas de formação continuada para os gestores da cidade de Cumbe/SE.

Palavras-Chave: Educação. Formação Continuada. Gestão Escolar.

ABSTRACT

This study presents itself discussions on the School Management and Continuing Education of Managers of the City of Cumbe / SE, in order to clarify whether there are proposals for continuing education for managers of the respective city. It developed a bibliographic research and field research, which features an extensive study of school management and the continued training of school managers. The same has the following questions based on: There are proposals for continuing education for managers in the city of Cumbe / SE? And if there is, how it happens? In response to these questions disposal of this two-part article. The first describing on school management, and continuing education for managers. In the second phase bringing the results of the questionnaire

¹ Graduada em Pedagogia pela Faculdade Amadeus. E-mail: sjanecléia@yahoo.com.

administered to managers of the city of Cumbe / SE. In the final considerations are presented the results obtained from the questionnaire.

Keywords: Education. Continuing Education. School Management.

1 INTRODUÇÃO

A qualidade da educação é um assunto bastante discutido pela sociedade, devido a importância que essa possui no processo de formação do indivíduo.

Nos últimos anos, a educação vem passando por uma série de mudanças, com o propósito de enfrentar os desafios impostos pela sociedade diante do processo contínuo de globalização. Dessa forma os elementos que fazem parte do processo formador de educação precisam estar preparados para enfrentar tais desafios. Dentre esses elementos estão os gestores escolares que possuem papel singular, já que este “é responsável pela liderança, organização, monitoramento e avaliação de tudo que acontece na escola” (LUCK, 2000, p. 63).

Por volta de 1980 houve um movimento de descentralização e de democratização da gestão das escolas públicas, com o propósito de mudar a cara da atual gestão daquela época. Esses movimentos pretendiam trazer melhorias à gestão, pretendia trazer a comunidade escolar para dentro da escola, visando a participação destes na seleção do gestor, criar um conselho que pudesse ficar à frente como poder decisório, e ainda repassar os recursos financeiros as escolas.

Essas mudanças aconteceram e devem continuar acontecendo com o propósito de democratizar a gestão escolar e melhorar a qualidade da educação. E para que essas mudanças de fato aconteçam é necessário que todos participem desse processo.

A participação, em seu sentido pleno, caracteriza-se por uma força de atuação consciente, pela qual os membros de uma unidade social reconhecem e assumem seu poder de exercer influência na determinação da dinâmica dessa unidade social, de sua cultura e de seus resultados, poder esse resultante de sua competência e vontade de compreender, decidir e agir em torno das questões que lhe são afetadas (LUCK, 1996. p. 19)

Percebe-se que, a qualidade da educação se encontra diretamente associada à forma com a qual a escola é gerida, portanto cabe ao gestor, preparar-se para atuar no atual cenário escolar, de forma responsável atento as oportunidades de sistematização de conhecimentos específicos, que favorecerá seu desempenho.

No entanto a formação dos gestores escolares, se torna nesse cenário, mecanismo fundamental na implementação e re-significação do ideário de gestão educacional, haja vista que se faz necessário, se ter claro quais os objetivos, valores e metas que delinearão, sob o olhar do gestor, a comunidade escolar. Sendo assim, não se pode aceitar mais, que os gestores de escolas públicas aprendam pelo ensaio e erro, mas pelo processo de formação em cursos de Pedagogia, Pós-graduação e qualificação continuada, pois, a responsabilidade educacional exige profissionalismo. (LUCK, 2000, p. 29).

Quando falamos em formação continuada de gestores escolares, estamos falando de um grande desafio, pois é difícil contribuir com uma proposta que corresponda às necessidades desses profissionais, levando em consideração as particularidades de cada um, e a realidade em que esses estão inseridos. Porém ainda assim, ela se faz necessária, visto que a formação continuada do gestor visa o aprimoramento de habilidades e competências nas áreas práticas e teóricas. Dessa forma cabe a ele eleger a formação continuada como meta de uma capacitação cotidiana.

Este artigo é resultado de uma pesquisa que teve como objeto a análise da formação continuada do gestor escolar na cidade de Cumbe/SE, visto que, se a sociedade vive num constante processo de mudanças, a escola precisa caminhar junto a essas mudanças com o propósito de corresponder aos anseios da sociedade. Logo os gestores necessitam também adaptar-se a essas mudanças e se prepararem para gerir de forma eficaz suas respectivas unidades de ensino.

A centralidade desse estudo está, em como se dá o processo de formação continuada dos gestores da cidade de Cumbe/se, tendo em vista certificar-se a respeito dessa formação continuada levando em consideração as particularidades do local de pesquisa, que se insere no baixo sertão, com uma população de aproximadamente 7.000 habitantes, além de uma economia bastante desfavorecida. É dentro desse contexto desprovido de muitos recursos é que percebi a necessidade de analisar, de que forma a gestão escolar vinha acontecendo, e como a formação continuada vinha sendo agregada a formação dos gestores da cidade de Cumbe/se, visto que, essa formação se faz necessária no processo de edificação da escola.

Dentro desse contexto questionou-se: Se existe formação continuada para os gestores da cidade de Cumbe? E se existe de que forma ela acontece?

Nesse sentido o estudo teve como objetivo analisar como se dá o processo de formação continuada dos gestores da cidade de Cumbe/SE.

Justificou-se a pesquisa por minha experiência pessoal, pois durante a educação infantil e ensino fundamental, estudei nas respectivas escolas, “Euclides Paes Mendonça”

e “Presidente Castelo Branco”, situadas na cidade de Cumbe/SE, a forma com a qual fui alfabetizada foi bastante tradicional, as aulas e a escola eram pouco convidativas. Com essa afirmação não quero aqui me opor ao modo tradicional de alfabetizar, porém penso que exista um misto de tradicionalismo e construtivismo que funciona com mais eficácia.

Naquele período entre 2005 a 2009 pouco se ouvia falar do construtivismo. Fui alfabetizada sem saber o “porque” de absolutamente nada, eu só ouvia que deveria fazer e saber todas aquelas coisas que me eram passadas. Passaram-se aproximadamente dez anos e o que percebo é que a educação acontece da mesma forma com a qual fui alfabetizada. O que significa dizer que existe uma lacuna nesse processo de educação.

E levando em consideração o pensamento de Luck (2000, p. 53), “A escola é a cara do diretor”, é que se percebe que a postura do gestor frente à escola pode mudar o cenário da escola a qual esse faz parte. E essa questão levou-me a desenvolver esse estudo, para então entender se os gestores da cidade de Cumbe/SE possuem uma formação continuada que pudesse ser agregada a formação que o gestor já possui, e de que forma ela acontece, para assim mudar a cara da educação de Cumbe/se.

Os procedimentos metodológicos utilizados para esta pesquisa de cunho qualitativo, que para Lakatos e Marconi (1991, p. 15) trata-se de “Um procedimento formal, com método do pensamento reflexivo, que requer um tratamento científico, e se constitui para conhecer a realidade ou descobrir verdades parciais”. Foram pesquisas bibliográficas, com base em fontes como, materiais escritos, livros, artigos, internet, teses, artigos científicos, monografias, os quais contribuíram cientificamente com o estudo. Além de uma pesquisa de campo com os gestores da cidade de Cumbe/se, tendo como base a aplicação de um questionário referente à problemática de como se dá o processo de formação continuada dos gestores da respectiva cidade.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Gestão Escolar

Se a sociedade vive em um processo constante contínuo de mudanças, é preciso que todos os setores que se inserem nessa sociedade, se adaptem e acompanhem essas mudanças, para que dessa forma não se excluam do atual contexto social, e se tratando

da educação e a forma como a qual é gerida essas mudanças tornaram-se indispensáveis.

A escola está inserida na “sociedade global” e na chamada “sociedade conhecimento”, onde as violentas e profundas transformações no mundo do trabalho e das relações sociais vem causando impactos conseqüentemente exigindo novos conteúdos de formação, novas formas de organização e gestão da educação ressignificado a teoria e da prática da administração da educação.(FERREIRA, 2001, p. 296).

Compreende-se que o termo “gestão advém do verbo latino *gero, gessi, gestum, gerere* e significa: levar sobre si, carregar, chamar a si, executar, exercer, gerar”. (CURY, 2002, p. 164). Trata-se de algo que implica o sujeito. Gestatio é um dos substantivos derivados que significa trazer em si e dentro de si algo novo. Tem ainda em sua origem latina o significado de conduzir, dirigir. O termo gestão tem sua raiz etimológica em *gerque* significa fazer brotar, germinar, fazer nascer. No plural latino *gesta* significa feitos ilustres, notáveis, nobres e corajosos.

Quando se fala em gestão, as pessoas logo associam a gestão de empresas, e a uma série de processos burocráticos por trás dessa gestão, o termo gestor no contexto escolar surgiu não faz muito tempo, pois a princípio fazia-se uso do termo diretor, que por sua vez possuem o único sentido, o de gerir a escola de forma organizada e coletiva a referida instituição de ensino, o ato de gerir não acontece isolado, “a palavra gestão tem em seu sentido original, “gestão”, que expressa á ação de dirigir. Para o autor, grande parte dessa população enxerga a gestão como um processo burocrático” (FERREIRA, 2011, p. 129).

Gestão vem de gerir, gerar, gestação, dar a vida, e na escola é exatamente esse o papel da gestão, trazer mudanças às pessoas que passam por essa escola com o propósito de torna-las promissoras, justas, mais humanas. Dessa forma podemos enxergar por outro ângulo que vai além da ação de dirigir ou administrar. “Com a ação voltada para a orientação da distribuição de bens e conseqüentemente da produção desses bens. É necessário observar também que o ato de gerir acontece em grupo, dessa forma exige decisões coletivas e organizadas.” (ANDRADE, 2004, p. 98).

Em meio a tantos termos quanto á gestão, o que precisa ser enfatizado é a eficácia e a qualidade desta, pois sendo a escola um dos ambientes em que se propaga a educação, se faz necessário uma organização das ações pedagógicas e administrativas que promova o crescimento de todos os membros em relação à compreensão e

participação na sociedade. E dessa forma, “torna-se necessário, igualmente, qualificar todos que desempenham cargos de gestão”. (FERREIRA, 2000, p. 115).

Em 1996, foi estabelecida pela LDB 9394/96 (Leis de Diretrizes e Bases), que a forma da gestão brasileira deveria dar um passo à frente, com o propósito de torná-la democrática e participativa.

Sendo a escola um dos ambientes em que se propaga a educação e para que esta seja de qualidade se faz necessário uma organização das ações pedagógicas e administrativas, que promova o crescimento de todos os membros em relação à compreensão e participação na sociedade. E dessa forma, “torna-se necessário, igualmente, qualificar todos que desempenham cargos de gestão”. (FERREIRA, 2000, p. 115).

O gestor educacional como interlocutor da direção de uma escola age como um verdadeiro educador, buscando assim favorecer o exercício da democracia pelos membros da comunidade escolar. “O educador pode encontrar condições de adequar seu discurso aos propósitos de desenvolvimento de uma atitude crítica, sem necessitar derivar para o campo mais ostensivo da pregação ideológica” (PARO, 2005, p. 121).

A LDB, nº 9394/96 (Brasil 1996) diz que a gestão do ensino público deve ser democrática, refletindo a forma da lei da legislação dos sistemas de ensino. No artigo 14 dessa lei, se estabelece os sistemas de ensino que definirão as normas da gestão democrática do ensino público, na educação básica de acordo com suas particularidades e conforme os seguintes princípios:

I- Participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola;

II- Participação das comunidades escolar local em conselho escolares ou equivalentes;

Como vimos a LDB 9394/96, artigo 14- I, II estipulou leis que determinam que a gestão, deve ser democrática e participativa. Dessa forma percebe-se a importância desses dois aspectos mediante a gestão escolar como salienta Barroso.

Democracia e participação são condições fundamentais para o bom andamento da gestão escolar que tem como princípio básico, a formação crítica, reflexiva e participativa dos cidadãos e cidadãs que fazem parte da referida comunidade escolar. “O reforço da dimensão local da escola exige alterações nos modos de regulação, nas formas de organização e nas práticas de gestão” (BARROSO apud TEODORO, 2001, p. 209).

Uma das principais características da gestão democrática é a promoção do gestor, que nesse caso é feita através de eleição que conta com a participação de toda comunidade escolar, e essa forma de eleger por sua vez, difere de outros processos para eleger o gestor, como é o caso da indicação política, concurso público, formas mistas.

O trabalho do gestor frente à escola é de suma importância no processo de edificação da escola, sendo assim este precisa de um perfil a altura de suas responsabilidades, logo a promoção deste ao posto de gestor precisa acontecer de forma democrática, tendo em vista que dessa forma ele estará ocupando um posto ao qual toda a comunidade escolar se mobilizou para que lá ele estivesse.

Outrossim, o gestor necessitará possuir uma postura de um líder. Pois para corresponder aos anseios da sociedade a educação necessita que os responsáveis pela edificação dessa tenham um perfil de liderança, como salienta Luck em entrevista dada ao site Gestão Escolar

A escola é uma organização que sempre precisou mostrar resultados- o aprendizado dos alunos. Porém nem sempre eles são positivos. Para evitar desperdício de esforços e fazer com que os objetivos sejam atingidos ano após ano, sabe-se que é necessária a presença de gestores que atuem como líderes capazes de implementar ações direcionadas para esse foco. A concepção de que a liderança é primordial no trabalho escolar começou a tomar corpo na segunda metade da década de 1990, com a universalização do ensino público. A formação e a atuação dos líderes, até então restritas aos ambientes empresariais foram adotadas pela educação e passaram a ser palavra de ordem para enfrentar os desafios. (Gente que Educa, abril de 2009: www.gestaoescolar.abril.com.br, acessado em 28/07/2015).

É com um perfil de liderança que o gestor conseguirá transformar a escola, e incentivar toda a sua equipe a cooperar e conseqüentemente alcançarem seus objetivos.

A liderança educacional se faz necessária a um bom gestor. O diretor-líder desperte o potencial de cada pessoa da instituição, transformando a escola em oficina de trabalho, onde todos cooperem, aprendem e ensinam o tempo todo. Assim como a essência da gestão é fazer a instituição operar com eficiência, a eficácia da gestão depende, em grande parte, do exercício efetivo da liderança (ANDRADE, 2004, p. 11).

Além de um perfil de liderança o gestor escolar necessita caminhar junto às mudanças que a educação vem sofrendo devido o processo de globalização, para assim poder alcançar novos patamares. Luck em entrevista dada ao site Gestão Escolar: afirma:

O gestor nunca deve ficar satisfeito com o que já foi conseguido. A satisfação leva a acomodação, o que deixa o gestor impossibilitado de perceber perspectivas para alcançar novos patamares (...). É preciso ter cuidado, pois os processos educacionais são complexos e sempre há desdobramentos novos a desenvolver. Resultados e competências podem

sempre melhorar. (Gente que Educa, abril de 2009: www.abril.com.br, acessado em 12/09/2015).

Possuir um perfil de liderança não basta apenas quando se trata de gerir uma escola, o gestor necessita trabalhar juntamente com a comunidade escolar, ele precisa de uma equipe preparada para atuar no atual cenário da educação, visando á qualidade da educação de seus alunos como enfatiza Andrade:

A complexidade do contexto atual, é muito difícil para o gestor assumir sozinho, a direção de uma escola. Ele deve ter discernimento para cercar-se de uma equipe competente e com ela estabelecer um processo de gestão democrática, pautada num planejamento estratégico aberto às inovações necessárias, com foco no sucesso dos alunos. Essa equipe assim como o gestor, precisará investir continuamente em seu conhecimento pessoal e profissional. (ANDRADE, 2004, p. 16)

Desse modo, acreditamos que uma gestão mais eficaz dentro desse contexto precisa levar em consideração a gestão democrática e participativa expressa na forma de conselhos escolares.

2.2 Formação Continuada

A formação continuada propagou-se no Brasil na década de 90, com o propósito de aperfeiçoar o profissional educador. Porém anteriormente essa expressão não era tão falada, pois outros termos eram usados para referir-se a essa proposta: treinamento, aperfeiçoamento, capacitação, reciclagem. Que procuram tratar da mesma situação, a formação do profissional no exercício de sua função.

Há muitos anos, ao terminar a graduação imaginava-se que o profissional estava pronto para atuar na sua profissão até o fim de sua vida. Porém hoje a realidade é outra, e o mercado de trabalho se torna a cada dia mais exigente, e se tratando dos profissionais da educação, estes precisam estar atentos e conscientes que sua formação deve ser permanente.

Os profissionais são temporais [...], pois utilizados e se desenvolvem no âmbito de uma carreira, isto é, de um processo de vida profissional de longa duração no qual fazem parte dimensões identitárias e dimensões de socialização profissional, bem como fases de mudanças (TARDIF, 2005, p. 262).

Apesar de sua importância a Formação Continuada é pouco aplicada devido à coordenação das instituições não tornarem essa proposta uma realidade na instituição.

Sempre lembrada, mas pouco aplicada, é a função de formação contínua de professores e funcionários, uma responsabilidade de todos; porém a coordenação, face à atividade-fim principal da instituição (pedagógica), é a

responsável por fazer com que essa condição seja uma realidade na instituição. Para isso, as atividades das quais a coordenação deve liderar e/ou participar são iguais. (ROSA, 2004, p. 142).

Sendo o gestor escolar integrante singular na comunidade escolar, é que se percebe a importância deste no cenário educacional. E foi visando essa importância que é impossível não enfatizar na formação deste. Tendo em vista que essa formação influenciará diretamente no processo educacional.

A formação do gestor tem como objetivo promover uma educação de qualidade e ainda comprometida com a sabedoria de conviver junto respeitando as diferenças, comprometidas com a construção de um mundo mais justo, tanto no mundo que se resume aos portões da escola, como o mundo que vai além dos muros da escola e onde todos nele habitam, independentemente de raça, cor, religião etc.

Sabe-se que o gestor possui sua formação acadêmica, porém com as mudanças violentas e profundas no cenário da sociedade como um todo. A formação continuada para o gestor escolar torna-se indispensável para assegurar que seus conhecimentos correspondam aos anseios da sociedade. Para Paro, (2005, p. 61), a formação por si só consegue muito pouco se não estiver ligadas as mudanças do contexto, da organização da gestão.

A formação do gestor deveria conter pelo menos conteúdos sobre fundamentos da educação (históricos, filosóficos, sociológicos, econômicos, psicológicos), didática, (as metodologias necessárias para bem ensinar determinados conteúdos programáticos e as questões relacionadas à situação da escola pública. (PARO, 2005, p. 61)

Há uma extrema necessidade da formação diferenciada e continuada do profissional gestor. As informações adquiridas em cursos de formação específica para a gestão escolar contribuem para o desempenho escolar. A formação continuada é, hoje, uma necessidade para todos os profissionais, e deve ser entendida como salienta Ferreira (2003, p. 20) “Se faz necessário um mecanismo de permanente capacitação reflexiva de todos os seres humanos, as múltiplas exigências, desafios que a ciência tecnológica e o mundo do trabalho colocam.”

É nesse contexto que a formação continuada, aperfeiçoa os conhecimentos adquiridos pelo profissional. A formação continuada deixa clara a ideia da existência de uma formação já existente, que precisa ser reciclada, para assim atualizar os conhecimentos do gestor. Porém existem casos onde a formação continuada, é vista tão somente como acúmulo de informações.

A formação continuada não pode ser concebida como acúmulo (de cursos, palestras, seminários etc. de conhecimentos técnicos), mas por meio de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de re-contrução permanente de uma identidade pessoal e profissional, em interação mútua. É nessa perspectiva que a renovação da formação continuada vem procurando caminhos novos de desenvolvimento. (CANDAUI, 1999, p. 64)

A gestão escolar necessita atualizar o corpo docente a as práticas educacionais da escola no sentido de atender as necessidades da escola e não permitir que esta prática seja vista como um acúmulo de informações como já vimos, mas lutar para trazer melhorias e fazer com que a escola não fique atrasada em relação ao mercado como salienta Rosa (2004, p. 143):

A coordenação escolar precisa estar atenta às novas necessidades da escola nesse sentido e procurar meios de atualizar o corpo docente, de forma que alunos e responsáveis por eles não sintam que a escola está atrasada em relação ao mercado. Seria fatal para a instituição se esse tipo de desconfiança instalar-se no público atendido por ela. A coordenação deve, então, refletir sempre sobre o currículo e práticas de ensino e aprendizagem, passando para o corpo docente as novas práticas. É bom nunca esquecer a frase da filosofia grega: “A única coisa definitiva é a mudança”

A formação dos gestores deve levar em consideração vários aspectos, dentro deles que o gestor necessita possuir a postura de um educador e não apenas de um gestor de processos, pois todo gestor deve ser um educador interessado em conduzir o processo educacional na escola levando tendo em vista a realidade vivenciada e favorecendo o exercício da cidadania como salienta Estevão (2002, p. 96):

Sua autoridade será legitimada não tanto pela sua habilidade em manusear técnicas de gestão, mas pelo seu perfil de pessoa educada e educador, capaz de reconhecer e dar poder a outros autores, dentro do pressuposto de que objetivo de uma política democrática não é erradicar o poder, mas multiplicar os espaços em que as relações de poder, estarão abertas à contestação democrática. Nesse sentido uma formação pressupõe um gestor consciente da possibilidade de desenvolvimento e aprimoramento contínuo de suas capacidades, seja por meio da experiência vivida na escola ou por meio da educação continuada. O que, sem dúvida, poderá se refletir em maiores e mais significativas chances de se implementar nas escolas o verdadeiro processo de gestão.

A competência do gestor escolar merece atenção especial e se torna um grande desafio para os sistemas de ensino, pois diante da oferta insuficiente de formação inicial, são incitados a promover cursos de capacitação para estes profissionais, como salienta Luck (2000, p. 32):

A maioria desses cursos promovidos por órgãos centrais tem seus programas pautados por generalizações, apresenta um distanciamento entre teoria e prática ao focalizar conteúdos formais em detrimento do desenvolvimento de habilidades (o saber fazer) e enfoca o indivíduo,

desconsiderando a necessidade de desenvolvimento do trabalho em equipe. Com este diagnóstico, destaca-se a necessidade de os sistemas de ensino “adotarem uma política de formação continuada de gestores, de modo a estabelecer unidade e direcionamento aos seus programas e cursos.

Sendo assim, fica claro que as propostas de Formação Continuada são eficazes, porém, elas precisam ser pautadas não de forma generalizadas, mas sim de forma específica para atender as necessidades da gestão e conseqüentemente da escola a qual esta será direcionada.

Vale ressaltar que a formação possui um papel tão singular, que existe uma lei que determina que ela seja ofertada como afirma a LDB:

Artigo 63:

III – Programas de educação continuada para os profissionais da educação dos diversos níveis.

Isso evidencia ainda mais a importância desta mediante a educação como um todo.

3 APROPRIAÇÃO DE DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O presente estudo tratou-se de uma pesquisa metodológica de cunho qualitativo, que segundo Lakatos e Marconi (1991, p. 15) é “Um procedimento formal, com método do pensamento reflexivo, que requer um tratamento científico, e se constitui para conhecer a realidade ou descobrir verdades parciais.” Composta de pesquisa bibliográfica em fontes como, materiais escritos, livros, artigos, internet, teses, tccs, monografias, os quais contribuíram cientificamente com o estudo e pesquisa de campo, que se realizou por meio de um questionário aplicado aos gestores da cidade de Cumbe/SE.

Dentre as perguntas contidas no questionário, duas delas se destacam devido à relevância que ambas possuem mediante a proposta de pesquisa, são elas:

- Existem propostas de Formação Continuada para os gestores da cidade de Cube/SE? De que forma ela acontece?
- De que forma a Formação Continuada pode contribuir no processo de aprimoramento dos conhecimentos do gestor?

Em respostas às estas perguntas obtive as seguintes respostas:

Gestor 1:

1 - Não existem propostas de formação continuada para nós gestores de cidade de Cumbe/SE, se a gente quiser aperfeiçoar nossos conhecimentos nós mesmos vamos buscá-los;

2 - Contribui no aprimoramento dos nossos conhecimentos.

Gestor 2:

1 - Não existem propostas de formação continuada para nós gestores aqui de Cumbe/SE, ao menos na atual gestão;

2 - Pode contribuir através de novos conhecimentos, para que possamos melhorar nosso trabalho.

Gestor 3:

1 - Não existe formação continuada;

2 - Nos ajuda a enriquecer nossos conhecimentos.

Gestor 4:

1 - Existe, porém fica apenas no papel;

2 - A formação continuada é de suma importância para aperfeiçoar os conhecimentos de qualquer profissional, e se tratando de um gestor escolar ela se torna indispensável.

Analisando as respostas dos gestores da cidade de Cumbe/SE, pode-se dizer que de acordo com 90% dos questionados não existem propostas de Formação Continuada para os gestores da respectiva cidade.

Um fato preocupante, pois se sabe que a formação inicial do gestor não é suficientemente eficaz para lidar com as necessidades das instituições de ensino, como salienta Luck (1999, p. 29):

A formação inicial, em nível superior, de gestores escolares esteve, desde a reforma do curso de Pedagogia, afeta a esse, âmbito de formação, mediante a oferta da habilitação em administração escolar, pois a formação inicial desses gestores não são insuficientes. O MEC propunha, na década de 70, que todos os cargos de diretor de escola viessem a ser ocupados por profissionais formados neste curso. No entanto, com a abertura política na década de 80 e a introdução da prática de eleição, para esse cargo, diminuiu acentuadamente a procura desses cursos que, por falta de alunos, tornaram-se inviáveis. Houve, no entanto, um movimento no sentido de ofertar cursos de especialização em gestão educacional, muito procurado por profissionais já no exercício dessas funções, porém, com um número relativamente pequeno de vagas.

Outro fator que deve ser observado dentro da formação dos gestores escolares é a formação ofertada pelas instituições de ensino de nível superior é a oferta insuficiente de oportunidades de formação inicial para os gestores.

Sendo assim recai sobre outros órgãos a responsabilidade de promover cursos de capacitação para aperfeiçoar esses cursos de formação como afirma Machado (1999, p. 30):

Recaem, portanto, sobre os sistemas de ensino a tarefa e a responsabilidade de promover, organizar e até mesmo, como acontece em muitos casos, realizar cursos de capacitação para a preparação de diretores escolares. Essa responsabilidade se torna mais marcante quando se evidencia a necessidade de formação contínua, complementarmente formação inicial.

Dessa forma se torna ainda mais evidente a necessidade desses cursos de formação para o gestor escolar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir o estudo teórico e de caso, constatou-se que de acordo com 90% dos gestores da cidade de Cumbe/SE não existem propostas de Formação Continuada para os gestores da respectiva cidade respondendo assim as questões norteadoras.

A gestão escolar de Cumbe/SE é composta por cinco gestores, porém um deles ao ser questionado a respeito da proposta de Formação Continuada, afirmou: “existe, porém fica apenas no papel”. Dessa forma pode-se perceber certa contradição nas respostas dos gestores. Todavia levando em consideração a respostas de 90% dos gestores é que é pode-se afirmar que não existem propostas de Formação Continuada para os gestores da respectiva cidade. Sendo assim foi possível perceber em mais uma situação dentre tantas outras o descaso da educação do Brasil, e se tratando de municípios pequenos onde as coisas caminham a passos bem mais lentos essa situação é ainda mais lamentável.

E todo esse descaso reflete diretamente no processo de ensino aprendizagem dos alunos. Tendo em vista que se as pessoas que estão à frente da educação não aperfeiçoam seus conhecimentos, a educação ficará estagnada e não será possível enxergar um futuro melhor nesse sentido.

Dessa forma os objetivos de pesquisa foram alcançados, tendo em vista as questões apresentadas. E novas pesquisas devem ser feita dentro do contexto da gestão escolar, pois esta necessita de um olhar rigoroso tendo em vista a importância da educação na formação de todo e qualquer ser humano.

Sendo assim o que deve ser feito pelos atuais gestores da cidade de Cumbe/SE é buscar meios pra exigir essas propostas de formação, buscando com o secretário da educação uma posição nesse sentido para que se oferte esses cursos de formação, conforme determina a legislação a fim de que possam aperfeiçoar seus conhecimentos para então estarem preparados para enfrentar os desafios da educação, impostos pela sociedade em meio às profundas e violentas mudanças no constante processo de globalização.

Ainda se fazem necessárias novas pesquisas sobre a temática da Formação Continuada para o Gestor Escolar, visando esclarecer mais sobre a importância da gestão educacional, bem como a importância do aprimoramento dos conhecimentos dos gestores que acontecem dentre tantos meios, através da Formação Continuada e dessa forma contribuir com a educação.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, R. C. de. Introdução: Gestão da Escola. In: ANDRADE, Rosamaria Calaes de (org.); ACÚRCIO, Marina Rodrigues B. (coord.). **A gestão da escola**. Porto Alegre/Belo Horizonte: Artmed/Rede Pitágoras, 2004 (Coleção Escola em ação; 4).

BARROSO, J.O reforço da autoestima das escolas e a flexibilização de gestão escolar em Portugal. In. FERREIRA, N.S.C. (org). **Gestão democrática: atuais tendências, novos desafios**.5. Ed. São Paulo: Cortez, 2006BRASIL/CNE/CP-Nº1, de maio de 2006.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais. Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental**: Introdução aos parâmetros curriculares nacionais/Secretaria de educação fundamental –Brasília. MEC/SEF, 1998.

CANDAU, V. M. Interculturalidade e educação escolar. In: CANDAU, V. M. (org.) **Reinventar a escola**. Petrópolis: Vozes, 2000.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Formação em política e administração da educação no Brasil**. Congresso Luso-Brasileiro de Política e Administração da Educação, 2001, Braga/PT. **Palestra...**Braga/PT: Universidade do Minho, 2001.

DOURADO, L,F. A escolha de dirigentes escolares: políticos e gestão da educação. In. FERREIRA, N.S.C. (org). **Gestão democrática da Educação: atuais tendências , novos desafios**, 5ed. São Paulo.

ESTEVÃO, C. V. Gestão educacional e formação. In: MACHADO, L. M e FERREIRA, N.S. C. **Política e gestão da educação: dois olhares**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p.83-106.

FERREIRA, E. B. **A organização da instituição de ensino após a LDB/1996 e as condições do trabalho pedagógico.**

FONSECA, Dirce Mendes da. **Gestão e educação.** In: FONSECA, Dirce Mendes da. Administração educacional: um compromisso democrático. Campinas: Papirus, 1994..

FREGONESE, Gladys B. **Supervisão escolar.** Londrina: UEL, texto apresentado no Curso de Pedagogia, na disciplina de Supervisão Escolar 1998.

GANDIN, D. **A prática do planejamento participativo.** 2. ed. Petrópolis: Vozes. 1994.

_____. Posição do planejamento participativo entre as ferramentas de intervenção na realidade. Currículo sem Fronteira, v.1, n. 1, jan./jun.. 2001.

GHANEM, Elie. **Democracia: uma grande escola :** alternativas de apoio à democratização da gestão. São Paulo: Ação Educativa, 1998.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica 1** Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. 5. ed. São Paulo : Atlas, 2003.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão escolar: teoria e prática.** 4ª ed. Goiânia: Editora alternativa.2001.

LUCK, Heloísa. **Perspectivas da Gestão Escolar e Implicações quanto à Formação de seus Gestores.** In: Em Aberto, nº 72 (Gestão Escolar e Formação de Gestores, Jun de 2000, p. 11-34).

MACHADO, Maria Aglaê de Medeiros. **Desafios a serem enfrentados na capacitação de gestores escolares.** Em Aberto, Brasília, v. 17, n. 72, p. 97 -112, fev./jun., 2000.

PARO, Vítor H. Administração escolar. São Paulo: Cortez, 2005.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** 2ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

VIEIRA, Sofia Lerche (org). **Gestão da escola: desafios a enfrentar.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

Digitais

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** – LDB. Disponível em: <<http://www.presidencia.gov.br/legislacao/>>. Acesso em: abr. 2009.

COSTA, Maria Antônia Ramos. **a função do gestor escolar.** Disponível em <http://www.webartigos.com/artigos/a-funcao-do-gestor-escolar/44851/>. Acesso em outubro de 2011.

FREITAS, Dirce Nei Teixeira de. **A gestão educacional na interseção das políticas federal e municipal.** Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551998000200003. Acesso outubro de 2011

A ARTE COMO FERRAMENTA DE SOCIABILIZAÇÃO: uma porta para elaboração

Magna Maria de Oliveira Santos¹

Magna Cecília Sobral Silva²

Olivia Maria Porto Rodrigues Manso³

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo principal trazer a discussão acerca de que existe um sujeito, com uma necessidade de criar e recriar a realidade em busca de sentidos seja para diminuir a solidão, depressão ou mesmo o vazio existencial. Sendo ela, uma via de expressão que pode trazer alívio emocional. Portanto, é neste vazio, que se pode encontrar uma produção de sentidos, através da arte. Para tanto, a pesquisa é qualitativa, descritiva, exploratória, com use de uma abordagem indutiva, associadas às ferramentas de técnicas e suplementares como: questionário e a pesquisa de campo com a observação. As abordagens a partir dos questionários previamente elaborados com questões abertas e fechadas foram ferramentas que contribuíram para a descrição da problemática levantada e principalmente da importância de se considerar a arte como uma ferramenta de socialização.

Palavras-Chave: Arte. Sentido. Sujeito. Subjetividade. Felicidade..

ABSTRACT

The main objective of this article is to bring up the discussion about the existence of a subject, with a need to create and recreate reality in search of the senses, either to reduce

¹ Pós-graduada em Educação Global e Mestranda em Ciências da Educação pela UNIFUTURO/ULB, Psicanalista pela UFS, Psicopedagoga pela Pio Décimo.

² Graduanda em Letras e Libras pela UFS/2016.1. Graduada em Licenciatura Plena em História (UNIT). Pós-graduada em Patrimônio e Educação em Sergipe (FACULDADE ATLÂNTICO). Mestranda do curso de Pós-graduação em Educação, pela Instituição FCU/UNIFUTURO/ULB E-mail: magnacecilia@bol.com.br.

³ Doutora em Psicologia (UFRJ), Mestre em Ensino de Ciências e da Saúde e Meio Ambiente, Licenciada em Filosofia, Psicanalista Especialista em Psicopedagogia Clínica Institucional e Hospitalar, Psicóloga Perita em Entrevistas de Revelação, Administradora, Orientadora e Supervisora Educacional, Arte Terapeuta, Psicóloga e Psicopedagoga.

loneliness, depression or even existential emptiness. Being her, a way of expression that can bring emotional relief. Therefore, it is in this emptiness that one can find a production of meanings, through art. To do so, the research is qualitative, descriptive, exploratory, with use of an inductive approach, associated to the tools of supplementary techniques such as: questionnaire and field research with observation. The approaches from the questionnaires previously elaborated with open and closed questions were tools that contributed to the description of the problematic raised and mainly of the importance of considering the art as a tool of socialization.

Keywords: Art.Sense.Subject.Subjectivity.Happiness.

1 INTRODUÇÃO

O amante da arte retrata a beleza nos objetos manuseados, mostrando assim, seu desejo de ser desejado, numa forma de linguagem não falada. A necessidade humana de criar e recriar a realidade busca na arte uma via de expressão que pode trazer alívio emocional (CAVALCANTI et al., 2003), como no caso da depressão. **A arte como ferramenta de sociabilização: uma porta para elaboração** nasce dessa necessidade humana, pois o depressivo se priva de qualquer contato humano, isolando-se do convívio social. Nesse sentido, a arte entra como elaborador, não para suprimir o sofrimento, mas para possibilitar vencer as dificuldades inerentes à vida.

“A vida é arte! “A gente não quer só comida, a gente quer prazer para aliviar a dor” (TITÃS, 1987). * Dor de existir que poderá ser aliviada pela arte, pois a vida, tal como nos coube, é muito difícil, traz demasiadas dores, decepções, e tarefas insolúveis. Para suportá-la, não podemos dispensar paliativos, gratificações substitutivas, tal como a arte nos oferece, são ilusões face à realidade, nem por isso menos eficazes, graças ao papel que tem a fantasia na vida mental (FREUD, 1930).

A arte pode tornar-se eficaz para a saúde mental, além de trazer alívio e gratificações, é também instrumento socializador. Pois nunca se faz arte sozinho, tem sempre um outro, seja para acompanhar ou como observador. Caberia muito bem para o idoso, uma vez que os traços depressivos, nessa fase, são bem prevalentes, porque o isolamento é o comportamento mais típico (CLÍNICA MÉDICA, 2009), que o impede de buscar ajuda ou mesmo a convivência social. Já que, na maioria das vezes, tornam-se dependentes de outras pessoas, devido suas limitações.

Ecléa fala da importância do sujeito continuar inseridos socialmente durante o processo de envelhecimento, o qual “deveríamos estar ainda engajados em causas que

nos transcendem, que não envelhecem, e que dão significado a nossos gestos cotidianos”. Diz ainda ser esse o remédio contra os danos do tempo (BOSI, 1994).

Pois, se a morte ou destruição é uma marca para o sujeito, buscar um sentido enquanto viver é essencial para seu bem-estar, e o prazer será uma possibilidade que o levará à consciência da autoria do seu caminhar. A idade traz limitações físicas, mas, para sonhar, jamais! Sobre isso, Simone de Beauvoir pondera quando diz que, se um trabalhador quando se aposenta, ou mesmo quando fica idoso, fica angustiado pela falta de sentido da vida presente, é porque na verdade, durante toda sua vida, foi-lhe roubado o sentido de viver. E sentindo-se esgotado não tem forças para um recomeço, ficando agradecido por ainda ter uma mísera aposentadoria (BEAUVOIR apud BOSI, 1994).

É nesse vazio, para um recomeço, que se encontra uma produção de sentidos. “É porque o sabor é essencialmente conhecimento que ele é dito brilhante pela sua própria vivência”. Sabor que o poeta assim, como o filósofo e o cientista, degusta ao buscar o saber da “essência da palavra” para dar conta do ser, confrontando-se com seus sentimentos (DAUMAL apud FORBES, 2015, p. 27). Significa que a emancipação humana se faz com as relações sociais onde a vida é produzida e sua formação é continuada. Nesse sentido, se supõe a compreensão das relações e todos seus fenômenos.

Cada época tem sua própria neurose coletiva, e cada época necessita de sua própria psicoterapia para enfrenta-la. O vazio existência, que pode levar a uma depressão, é a neurose em massa da atualidade. Vazio que pode ser descrito como uma forma privada e pessoal de niilismo, uma descrença absoluta, que pode ser definido como um posicionamento de não ter ou ver sentido na vida (FRANKL, 2008, p. 151).

A arte! Ela pode ocupar esse espaço vazio, seja por uma aposentadoria, um ninho desocupado, uma depressão ou a um non-sens, diante da vida. Ela leva o sujeito a religar-se a um sentido como expressão e alívio diminuidor da sua angustia. Interpretar a vida é buscar um sentido para ela. “Aquele que considera sua vida e a dos outros sem qualquer sentido é fundamentalmente infeliz, pois não tem motivo algum para viver” (MONTEIRO, 1988).

É nesse sentido, na busca do espírito da **coisa** que a arte resgata o verdadeiro sentido da vida e, como consequência, encontrará a felicidade. “A felicidade depende como o ser humano foi constituído na sua integridade interior,” é um objeto subjetivo onde “a construção dessa integridade tem seus alicerces fincados já nos primeiros meses de

vida, e sua estrutura certamente estará completa por volta dos seis ou sete anos” (DIAS, 1994, p.256). Ela não tem código de barra, não é um objeto mercantilista.

Busca-se no mercado algo que tem dentro de vocês e que pode estar do seu lado. “Exigimos que o homem civilizado reverencie a beleza, sempre que a perceba na natureza ou sempre que a crie nos objetos de seu trabalho manual”. O potencial terapêutico da brincadeira e arte não requer a supressão do sofrimento e, sim, a possibilidade do enfrentamento das dificuldades na busca da alegria. Toda brincadeira assim como a arte, traz alegria. A imitação é uma arte transformadora de uma realidade vivenciada, no plano das emoções e das ideias. “A criança imitará a mãe ou a empregada em seus afazeres diários, brincará com seus colegas de vendedor, de médico ou de família, num impulso irresistível para imitar” (LANZ, 1979, p. 38/39). E assim, aprende-se a arte de viver!

Quando os homens pintavam nas cavernas, dançavam nos rituais, ou imitava com suas flautas o barulho do vento e da chuva, eles já faziam arte. Depois foi que, a sociedade moderna separou a arte da vida. Tanto a brincadeira como a Arte são fatores preponderantes para a formação e a aprendizagem da criança, tendo em vista, que na atualidade, sua prática não está sendo tão utilizada. “Só aparecem quando se compara seu fundamento tão simples e lógico com aquilo que a educação, veio a ser em nossa sociedade” (LANZ, 1979, p. 69).

Uma sociedade de consumo, onde o conhecimento se transforma em mercadoria, cabendo à arte, um valor secundário. Onde deveria ser o primeiro investimento, pois será ela, a essência para a subjetividade humana, suas inter-relações e elaborações dos processos inconscientes. E para isso, deve-se resgatar a necessidade do artesanato, culinária, festas populares, romarias, folguedos e rituais religiosos.

A poesia é essa magia de falar ou escrever que sugere emoções por meios de uma linguagem que se combinam sons, ritmos e significados. É o corpo espiritual e sensível, que em oposição a prosa, navega por ondas profundas. A possibilitar ao ser humano, o conhecimento, sabedoria e compreensão dos mistérios em que se encontra envolvido. “A felicidade na vida é predominantemente buscada na fruição da beleza”, seja a beleza das formas, dos gestos humanos, das paisagens, dos objetos naturais, artísticos e científicos (FREUD, 1977).

Raciocínio este, complementado por (WINNICOTT, 1975) quando diz que compulsivamente o artista busca a construção de si próprio nas manifestações artísticas,

ao mesmo tempo em que se expõe à admiração do espectador, numa tentativa de se construir através do olhar do outro. Suas colocações permitem um deslocamento e uma ampliação, e mesmo uma reelaboração, do entendimento do papel e da função da arte. Ou seja, uma elaboração de sentido. “A produção de sentido não é uma atividade meramente representativa ou imaginária, mas um fazer, de natureza poética, que engaja o corpo e cria os laços de um mundo compartilhado”. Ele articula o sujeito e o mundo não sob a forma da identificação ideal ou narcísica, mas sob a forma de um paradoxo essencial e aceitável, que necessariamente não se destina a ser resolvido (WINNICOTT apud KON, 2014, p. 176).

O artista ou aquele que faz arte torna-se um parceiro do psicanalista, dando-lhe a oportunidade de vislumbrar, por meio da arte, a criação e recriação da realidade, por meio de objetos, assim denominados de transicionais. Essa parceria deixa para atrás, uma visão psicanalítica limitada da criação artística, ao remetê-la num espaço intermediário constituinte de novas realidades. E assim, amparando o sujeito em suas formulações múltiplas de sentidos (KON, 2014).

A arte é considerada transformadora e controladora das pulsões, Freud já dizia que a arte, a ciência e a religião estabelecem o sujeito no social. Parafraseando Goethe disse: “Quem tem ciência e arte, tem religião. Quem essas duas não têm, esse tenha religião!” (FREUD, 1905). Encontrar um sentido para viver, seja através da ciência, arte ou religião, é o que faz esse animal falante, sempre à procura de algo, perdido, que lhe sustente. Existe no ser humano, uma necessidade incessante em busca de prazer, um desejo de alcançar uma plenitude, um estado de paz e satisfação, cujo nome é felicidade, e está vinculado intimamente ao princípio de prazer freudiano.

A arte é terapêutica, fato já demonstrado por (SILVEIRA,1981). A música, a poesia, os contos, as pinturas e as confecções de trabalhos manuais propõem algo que não é novo, mas que inova a cada dia na construção e elaboração de técnicas. Além disso, ela pode ser um grande instrumento na subjetivação do sujeito. Evidencia-se, assim, a importância da arte e da mobilização do desejo sobre a constituição de uma sociedade civil, criando condições de convivência que não sejam paranoicas ou narcísicas. Um atalho mais próximo da psicanálise, que consiste em levantar o recalque: lembrar a parte de história e discurso que nós recalamos, dizê-la na vida cultural ou no divã (CALLIGARIS, 1993).

Seja no espaço psicanalítico ou na cultura, existe em todo ser humana, uma necessidade de criar e recriar e, através da magia da arte, buscar instintivamente o sentimento de ser um sujeito que pertence a uma determinada época e cultura como bem lembra a estudiosa da sociologia da arte (ZOLADS, 2000).

2 METODOLOGIA

Metodologia é uma palavra composta que define um caminho para o conhecimento ou saber. “Não se trata, pois, de qualquer método, qualquer caminho, mas de um método que leva a um conhecimento; um método reconhecido pela comunidade científica; isto é, um "método lógico"”. (CECCARELLE, 2012, p. 137-146).

Neste contexto, cada passo a ser dado segue-se de um ponto de partida já iniciado através de planejamentos para se alcançar o caminho, de acordo com Apolinário,

Seção que normalmente se subdivide em quatro partes: sujeitos, materiais, procedimentos e considerações éticas. O objetivo geral é explicar as decisões e opções metodológicas adotadas pelo autor, durante as diversas etapas de produção do trabalho (APOLINARIO, 2015, p.90).

3 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa se desenvolverá com a psicanálise extramuros sobre estudo de caso, que terá caráter qualitativo, de natureza básica de forma descritiva, exploratória e bibliográfica. As investigações de crenças e análise de atitudes sobre assuntos e temas delicados, serão feitas com o estabelecimento de uma relação de confiança. Portanto, quantitativamente anulando a riqueza dos processos inconscientes, por não serem mensuráveis, objetivos, contados e medidos. Nos quais prevalece o pensamento cartesiano, onde recaem críticas que faz coro com (MODIN Apud TURATO, 2011). E conseqüentemente, essa negação anularia a psicanálise. Ou seja, a transferência estabelecida permitirá o manejo do pesquisador com os pesquisados. Os dados colhidos serão analisados para se chegar à verdade do sujeito e suas manifestações inconscientes. Tais como: angústias, ansiedades, doença, morte, relações interpessoais e sexualidade.

Espera que o idoso asilado com depressão possa resgatar através da arte e psicanálise: o sentido de viver. E que esse resgate a vida, possa servir de modelo por

outras instituições, e com isso, resgatar o bem mais precioso, que com o tempo vai se perder: o desejo de viver.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa divide-se em momentos, pesquisa bibliográfica e de campo, ambas cruciais para que se possa chegar a comprovação ou negação das hipóteses levantadas. Neste sentido, a pesquisa bibliográfica e os autores referenciados ao final deste artigo, fizeram sua contribuição e ponderam a discussão teórica. Afinal como escrever sobre subjetividade sem citar, por exemplo, Freud, Forbes, Calligares e Cavacante. Além desses renomados escritores e estudiosos, na pesquisa bibliográfica houve a preocupação constante de está inserindo obras e autores que entre se complementam as questões abordadas, como também a possibilidade de analisar e descreve a importância da sociabilização e do papel arte enquanto ferramenta para que a mesma aconteça.

Certamente a bibliografia referenciada auxiliou na busca por entender o segredo do fazer artístico, talvez o psicanalista esteja buscando, ainda que implicitamente, as condições de possibilidades do próprio trabalho analítico do que é capaz de produzir uma análise convencional. Pois tal trabalho certamente não é capaz de gerar artistas, mas pode dar origem a caminhos sublimatórios não menos enigmáticos e imprevisíveis (RIVERA, 2005). Uma vez que a psicanálise é a ciência que estuda o homem, sua história com interpretação de símbolos culturais, mitos, sonhos e rituais, através dos quais o inconsciente se faz presente (LATOIR, 2001).

Presença marcante do inconsciente que se faz surgir proporcionando uma escuta dinâmica da arte/saúde mental. O que se espera, é mostrar como a Arte assume na contemporaneidade, um papel na subjetivação para dominar angústias e controlar impulsos, além de estabelecer contatos sociais, habilidades e criatividade. Oportunizando todos aqueles que transitam por ela, possam descobrir além de suas tendências e preferências artísticas, um modo poético de viver enfrentando suas limitações, num constante aprendizado e auto desafio.

A música, a poesia, os contos, as pinturas, o folclore, as confecções de trabalhos manuais, como o artesanato – uma “arte santo” propõem algo que não é novo, mas que inova a cada dia na construção e elaboração, não só de técnicas, mas de sentido à vida

dos sujeitos. E que ora envolvidos, com outras formas de expressão, possam encontrar a compreensão das suas ações, e que ela seja através da **arte: uma porta para sociabilização e elaboração.**

REFERÊNCIAS

- APPOLINÁRIO, Fabio. **Metodologia Científica: filosofia e pratica da pesquisa.** – 2 Ed. – São Paulo: Cengage Lararning, 2015.
- CALLIGARIS, C. **Sociedade e indivíduo.** In M. Fleig (org.), *Psicanálise e sintoma social* (2ª Ed.). São Leopoldo, RS: Unisinos, 1993.
- CAVALCANTI, M.T. et al. **Pode a arte ser terapêutica? Reflexões a partir do trabalho desenvolvido com pacientes da terceira idade no Ateliê da Vida do Instituto de Psiquiatria UFRJ-IPUB.** Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo, v.14, n.3, p.-110-7, 2003.
- CECCARELLI, Paulo Roberto **Considerações sobre pesquisa em psicanalise** in: *Psicologia: diálogos contemporâneos.* Curitiba: CRV, p.137-146, 2012.
- CLÍNICA MÉDICA, vol.1: **Atuação da clínica médica, sinais e sintomas de natureza sistêmica, medicina preventiva, saúde da mulher, envelhecimento e geriatria, medicina laboratorial na prática médica.** Barueri, SP: Manole, 2009.
- DIAS, Marco Aurelio da Silva. **Quem Ama Não Adoece: O papel das emoções na prevenção e cura das doenças.** Circulo do Livro. Sao Paulo/SP: 1994.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- FORBES, Jorge. **Da palavra ao gesto do analista.** Barueri, Sao Paulo: Manole, 2015.
- FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de contração.** Petropolis: Vozes, 2008.
- FREUD, Sigmund. **Sobre o Narcisismo: Uma Introdução.** Obras Completas XV. 1905.
- _____. (1930) **O Mal-estar na civilização.** In: _____. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1977, v. XXI.
- KON, Noemi Moritz. **Freud e seu Duplo: Reflexões entre Psicanálise e Arte.** São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 2014.
- LANZ, Rudolf. **A Pedagogia Waldorf: Caminho para um ensino mais humano.** São Paulo: Ed. Summus, 1979.
- LATOUR, Bruno. **A esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos.** Bauru, Edusc, p. 13-37(cap.1), 2001.

MONTEIRO, Irineu. **Einstein: Reflexões filosóficas**. São Paulo: Martin Claret:1988.

RIVERA, Tânia. **Arte e psicanálise**. Ed Jorge Zahar- Rio de Janeiro, 2005.

SAMPIERI, Roberto Hernandez. **Metodologia de pesquisa**. – 3ed. –São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

SILVEIRA, N. **Imagens do inconsciente**. Rio de Janeiro: Alhambra; 1981.

TITÃS. **Jesus não Tem Dentes no País dos Banguelas**. WEA, São Paulo: SP, Gênero: Rock, 1987.

TURATO, Edberto Ribeiro. **Tratado da metodologia científica da pesquisa clinico-qualitativa**: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas de saúde e humanas. Petrópolis: Rio de Janeiro, Vozes, 2011.

WINNICOTT, D. W. (1986-1971). **O Brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

ZOLADZ, R.W. **A propósito do Imaginário e suas representações culturais**. Arte e Ensaio. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ, 2000.

O EDUCADOR COMO INTERLOCUTOR NA PÓS-MODERNIDADE: uma Análise a partir dos Alunos do curso de Pedagogia da instituição FERA

Olivia Maria Porto Rodrigues Manso¹

Magna Maria de Oliveira Santos²

Magna Cecilia Sobral Silva³

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo elucidar a discussão acerca do papel do professor enquanto interlocutor na pós-modernidade, principalmente este docente da pedagogia. A relevância da pesquisa está na possibilidade reacender a discussão do pedagogo ou educador na atualidade. A metodologia utilizada na investigação é de abordagem qualitativa, apropriando-se de ferramentas de coleta como: entrevistas, questionários, subsidiadas pela pesquisa de campo que possibilitarão o acesso as informações pertinentes e relevantes para análise e contextualização a cerca dos fatos. A pesquisa é de natureza básica, descritiva, bibliográfica e de abordagem dialética. O universo e a amostra incidem nos alunos do curso de pedagogia, localizados nos Polos de Itaporanga D'Ájuda e São Cristóvão em Sergipe.

Palavras-Chave: Educador. Interlocutor. Pedagogia. Pós-modernidade.

ABSTRACT

This paper aims to elucidate the discussion about the role of the teacher as interlocutor in postmodernity, especially this teacher of pedagogy. The relevance of the research is the

¹ Doutora em Psicologia (UFRJ), Mestre em Ensino de Ciências e da Saúde e Meio Ambiente, Licenciada em Filosofia, Psicanalista Especialista em Psicopedagogia Clínica Institucional e Hospitalar, Psicóloga Perita em Entrevistas de Revelação, Administradora, Orientadora e Supervisora Educacional, Arte Terapeuta, Psicóloga e Psicopedagoga.

² Pós-graduada em Educação Global e Mestranda em Ciências da Educação pela UNIFUTURO/ULB, Psicanalista pela UFS, Psicopedagoga pela Pio Décimo.

³ Graduanda em Letras e Libras pela UFS/2016.1. Graduada em Licenciatura Plena em História (UNIT). Pós-graduada em Patrimônio e Educação em Sergipe (FACULDADE ATLÂNTICO). Mestranda do curso de Pós-graduação em Educação, pela Instituição FCU/UNIFUTURO/ULB E-mail: magnacecilia@bol.com.br.

possibility to rekindle the discussion of the pedagogue or educator in the present time. The methodology used in the research is a qualitative approach, appropriating collection tools such as: interviews, questionnaires, subsidized by field research that will enable access to pertinent and relevant information for analysis and contextualization about the facts. The research is of a basic, descriptive, bibliographical and dialectical approach. The universe and the sample focuses on the students of the pedagogy course, located in the Poles of Itaporanga D'Ájuda and São Cristóvão in Sergipe.

Keywords: Educator. Interlocutor. Pedagogy. Postmodernity.

1INTRODUÇÃO

Ao longo da história, etnias, pessoas, homens, mulheres, países, nações criaram mecanismos de aproximação, de integração, de defesa e ataque. A coexistência e o confronto sempre foram desafios postos cotidianamente no encontro com outro, outro que, sobretudo, diz do que não sou, do que não somos – não queremos ser – e leva ao descentramento. Ora, esse movimento não é fácil de ser vivido. Para ninguém, principalmente quando as construções culturais reforçam no indivíduo o caminho para o centro do mundo. Os que foram empurrados para fora desse “centro” cada vez mais e de formas cada vez mais diferenciadas se declaram publicamente: (gritam, escrevem, gravam, se fazem belos e belas, choram). Impossível desconhecê-los; impossível ignorá-los.

Para os cientistas sociais que se dedicam ao estudo dessas questões acerca do redemoinho da educação, muitas vezes imperfeita, sempre almejante, o desafio – convenhamos! É muito grande. Trata-se de compreender “ciência social”, de apropriar-se da teoria e operá-la fazendo-a funcionar diversamente e, ainda, pensar em saídas estratégicas de ação. Os pesquisadores da área de educação fazem tudo isso, mas para atingi-lo, precisam de bons instrumentos de trabalho.

E é esta a nossa proposta: oferecer um instrumento de trabalho para quem deseja trabalhar afinado com os desafios éticos do nosso tempo e pensar numa educação que educa com o objetivo de fazer valer seus direitos à diferença.

Uma pedagogia pós-moderna deve dirigir as atitudes mutáveis, as representações e os desejos desta nova geração de jovens que foram produzidos no atual momento histórico, econômico e cultural.

Uma pedagogia pós-moderna deve dirigir as atitudes mutáveis, as representações e os desejos desta nova geração de jovens que foram produzidos no atual momento

histórico, econômico e cultural. Por exemplo, os termos de identidade e produção de novos mapas de significado devem ser entendidos em novas práticas culturais híbridas, inscritas em relações de poder que interatuam de forma diferente segundo a raça, a classe, o gênero e a orientação sexual.

Porém, segundo o autor Giroux, (1996), tais diferenças não devem ser entendidas tão somente em termos do contexto de seus conflitos, mas também através de uma linguagem de resistência compartilhada que aponta para um projeto de esperança e possibilidade. Aqui é onde a herança de um movimento crítico se converte em valiosa, enquanto que nos lembra da importância da linguagem da vida pública, luta democrática e os imperativos de liberdade e justiça.

Para o bem ou para o mal, é o que parece restar neste início de século, que coincide com uma virada também de milênio. Estamos plugados na Internet, lemos jornais, temos acesso aos mais variados tipos de literatura assistiram à televisão, ouvimos o rádio, enfim, vivemos a era da globalização. O mundo parece estar mais do que nunca interligado. Ironicamente, essa mesma interligação abriu, e continua abrindo, questões que nos deixam “com o queixo caído”, provocando situações em que o sentido parece caminhar dois palmos à frente dos “nossos narizes”.

Assim como afirma Morin (2000, p. 29),

As sociedades domesticam os indivíduos, por meio dos mitos e ideias que, por sua vez, domesticam as sociedades e os indivíduos, mas os indivíduos poderiam, reciprocamente, domesticar a sociedade que o controla... As ideias existem pelo homem e para elas. Somente poderemos utilizá-las apropriadamente se soubermos também servi-las.

Acostumados ou não ao jargão acadêmico, já topamos muitas vezes com essas duas palavras – que na verdade até agora nos soam quase que de uma forma agressiva. Tempo do fim das ideologias, tempo do chamado fim das vanguardas, que conceitos estão embutidos dentro dessas duas expressões? Por que desavisadamente o olhar é de desconfiados para elas, achando-as quase sem expressão, assunto para se desconversar? São perguntas pertinentes e constantes que educadores e gestores precisam estar constantemente analisando e fazendo uma reflexão sobre as práticas pedagógicas em vigência.

2 DISCUSSÃO TEÓRICA

2.1 O professor Intermediando as Práticas Pedagógicas nas Diversidades Culturais

O conceito de Diversidades Culturais pode ser entendido, no processo de formação de uma sociedade multiétnica, como um terreno de debates e polêmicas intermináveis, confrontando diferentes ideologias quanto aos modos de promover a igualdade de oportunidades. Por um lado, defende-se a educação multicultural como um imperativo moral de um ramo da tradição liberal; por outro, argumenta-se que uma vitória pensada a partir das Diversidades Culturais, significaria dar início a um processo para a destruição da herança intelectual ocidental existente.

Portanto, o que se observa é Incidência de debates que emergem junto a conceitos nas mais diversas áreas, dentre elas a educação, a sociologia, a antropologia e muitas outras. É possível também observar, o quanto é interessante perceber o modo como a antropologia, enquanto ciência social vem se relacionado e influenciando o desenvolvimento das Diversidades Culturais.

Na década de 60, “novos” sociólogos da educação basearam-se nos argumentos do relativismo cultural para defender o desenvolvimento de políticas e práticas multiculturais em países ocidentais com forte presença de minorias étnicas. A descentralização eurocêntrica, essencial na diversidade é indissociável do relativismo cultural. Este suporte inicial acabou por criar constrangimentos na evolução do conceito e das práticas multiculturais. Também o conceito mais frequente de cultura contém em si constrangimentos ao desenvolvimento das Diversidades Culturais.

A maioria das perspectivas de educação multicultural mantém referências implícitas numa concepção estática de cultura, ou seja, cultura enquanto conjunto de características mais ou menos imutáveis atribuídas a grupos de pessoas vincando o caráter totalizante das sociedades e os seus aspectos integradores e funcionais. Assim vista, a cultura é um todo funcional homogeneizado, transmitido de modo semelhante de uma geração para outra.

Esta perspectiva de cultura, aliada ao conceito de relativismo cultural, tem dado origem a uma concepção dominante de Diversidades Culturais que se concentra nas várias identidades e diversidades culturais, desvalorizando denominadores interculturais comuns que desafiem mudanças culturais e sociais. A crescente heterogeneidade das

sociedades com a intensificação das migrações e das interações étnicas, a globalização das relações interculturais e os movimentos em favor dos direitos humanos apontam direções que já não podem ter suporte nos conceitos tradicionais de cultura e relativismo cultural.

O respeito pelo outro diferente é cada vez mais em função do modo como são reconstruídas e modificadas as interações do que do aprisionamento dos homens nas fronteiras de definições estáticas.

Assim sendo, são comuns a prática e a assimilação de costumes de culturas consideradas “mais avançadas” por países menos favorecidos. Pessoas de baixa renda usam tênis Nike ou roupas de uma determinada etiqueta. Não podendo, adquirem produtos falsificados, porque isso é o que lhes dá “status”, na busca da identificação com uma classe, a qual não pertence. Da mesma forma, automóveis e muitos outros produtos representam um estágio entre a fabricação em massa e o desmassificação.

Estas formas de produção pós estandardizada tipo configuracional, traço comprovativo de uma forte política econômica de segmentação de mercado, atenta aos públicos divergentes, afiguram-se como reação à desmassificação. Tendem a responder à sua notória orientação para a difusão do dissenso e do heterodoxo ao nível de informação e valores, marcando a transição que encaminha a condução sociológica para a compreensão de que, afinal, se vive em diversidade.

Pode se ver essa heterogeneidade de liberdade de movimentos e de ideais na desnuclearização da família ou em minorias étnicas, religiosas, ideológicas e comportamentais que reivindicam a afirmação de sua identidade e reclamam direitos sonnegados. Essa diversidade é visível em todos os campos e áreas da intervenção humana, desde a administração territorial das nações, em regime regionalista ou descompactada sob forma descentralizada e desconcentrada, compulsando divisões geográficas de zonas tidas como unidades espaciais aglutinadoras de participações e descaracterizações comuns ao nível de interligações históricas, biológico-culturais e físico-funcionais, que é visto até na educação, onde a uniformização curricular dá lugar a alternativas formativas, pelas quais o aparelho escolar se detém na construção de um ensino baseado nas Diversidades Culturais.

Uma vez iniciado o movimento da globalização e com o advento da internet, abriram-se portas à fragmentação e dissolução, por pluralidade opinativa, de consensos e ortodoxias, desativando-se, dessa maneira, representações unitárias da sociedade. Como

assinala Derrick de Kerckhove, diretor do programa McLuhan da Universidade de Toronto: “O que me sossega na Internet é que há uma infinita pluralidade. Está viva, está em todo o lado. Não há uma mensagem única, uma ideologia” (KERCKHAVE, 1997, p.13).

É esta perspectiva de cultura na diversidade que está implícita as Diversidades Culturais crítico (TURNER, 1980) que visa mudanças culturais, conceitualista e questiona a hegemonia do grupo étnico dominante, ao dar lugar à expressão das culturas minoritárias e que, finalmente, promove a igualdade real de oportunidades. Para os multiculturalistas críticos, cultura é entendida como um meio para atingir aqueles fins. Para isso, sublinham princípios e elementos comuns às culturas no sentido de estabelecer uma cultura democrática com fortes denominadores comuns, em permanente mudança, sem determinismos baseados na tradição e na autoridade.

3 METODOLOGIA

A finalidade da pesquisa é Básica, exatamente por ter como objetivo gerar conhecimento possui também um cunho exploratório, ela se aproxima do problema, tem como objetivo conhecer o problema relacionado ao tema, recuperar informações e enfim, proporcionar maior finalidade com o problema. Todavia, ratificando que pelo viés da natureza da pesquisa ela é qualitativa e quantitativa, de acordo com Sampieri (2006), “**os enfoques quantitativos e qualitativos utilizam teorias existentes, porém de maneira diferente**” (SAMPIERI, 2006, p. 71, grifo nosso)

Visto que, a mesma parte do pressuposto que há um fenômeno ou problema a ser investigado, a partir de uma observação que conseqüentemente possa trazer uma melhor compreensão, onde o pesquisador fara o papel de imparcial, e o participante não estarão neutros ao problema.

A Classificação da pesquisa, segundo seus objetivos, caracteriza-se por: descritiva, exploratória e explicativa, neste caso, seus propósitos estão voltados a maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explicito ou a construir hipóteses e por se tratar da descrição de uma determinada população de docentes, objetivando identificar possíveis relações variáveis. Além de, identificar fatores que determinem ou contribuam para a ocorrência do fenômeno estudado.

Portanto, a pesquisa devido a sua abordagem é qualitativa, por envolver coleta de dados, e integração social do pesquisador com o fenômeno pesquisado. Os ambientes

referidos são os Polos de Itaporanga D'Ájuda e São Cristóvão no Estado de Sergipe, onde foram pesquisados alunos do curso de licenciatura em pedagogia. O tipo da pesquisa caracteriza-se por: bibliográfica, documental e exploratória. No quesito modalidade, apresenta-se como um estudo de caso, tomando por base a análise de Gil (2010) "(...) mais adequado para a investigação de um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto real, (...)".

4 ANÁLISE DO MATERIAL COLETADO

O ambiente da pesquisa envolveu os polos localizados nos municípios de Itaporanga e São Cristóvão, pertencentes a instituição denominada Faculdade de Ensino Regional Alternativo (Fera), a amostra foram os alunos do curso de pedagogia, onde foram realizadas entrevistas objetivando investigar a percepção desses futuros educadores, que serão futuros como interlocutores na pós-modernidade nas instituições escolares.

Nesse contexto, foi investigada como a educação multicultural visaria então, proporcionar iguais oportunidades de sucesso escolar através de currículo, processos e políticas educativas que refletissem com igual ênfase e consideração dos elementos das culturas representadas na escola e na sociedade.

As culturas são vistas como "fatos sociais totais" com dinâmicas Inter e Intra Institucionais próprias só compreensíveis através de atitudes relativistas dos investigadores e de técnicas de observação participante que permitem ao investigador ser simultaneamente observador e parte das interações dos indivíduos e do funcionamento das instituições.

Nas falas coletadas via questionários, observou-se que os mesmos fazem um contexto de sociedades modernas culturalmente heterogêneas, o relativismo cultural desvalorizando o projeto de realização de uma sociedade multicultural baseada a abertura intercultural e na partilha de elementos culturais comuns que permitem interações num clima de respeito e justiça.

Porém, sabe-se que na educação, o bloqueio relativista das culturas dentro de si próprias, pela subvalorização de dimensões comuns entre elas, constitui um obstáculo ao desenvolvimento de políticas e práticas consistentes de educação multicultural. A ausência de um quadro geral comum que de suporte a educação para todos, mas numa

sociedade culturalmente heterogênea, pode fazer pensar aqueles que se dizem bem intencionados, a sensação ilusória de estar praticando ações educativas corretas e na pior das hipóteses, estes pensarem estar fornecendo bons argumentos lógicos aos opositores da educação multicultural.

Para estes futuros docentes, existem barreiras teóricas à interpenetração de culturas subjacentes ao relativismo cultural, elas promovem a ideia enganosa e perigosa, de que vivemos numa sociedade de culturas diferentes, mas separadas, e podem constituir argumentos para diferentes políticas e práticas que institucionalizam a separação.

Ao tratarmos de prática pedagógica, as referências definidas pelos entrevistados, foram de conceito de relativismo cultural gera a ilusão de que as suas atitudes em relação aos alunos de diferentes culturas são absolutamente corretas. No entanto, as diferenças entendidas a partir dos conceitos estáticos de cultura e de relativismo cultural influenciam de modo crescente o discurso e as práticas dos professores, em contextos etnicamente heterogêneos. Esta posição é vista, em muitos casos, como um avanço em relação ao uso imediatista do conceito de igualdade.

No entanto, tantas limitações podem apresentar o slogan liberal, frequente no primeiro nível do discurso dos professores de que para si “todos os alunos são iguais”, como o slogan contrário de que: “todos são diferentes”. No primeiro caso o professor pode, não intencionalmente, ignorar as diferenças que, em todo o caso, permanecem entre alunos de origens culturais diferentes, aferindo as suas práticas pedagógicas aos alunos pertencentes à cultura dominante. No segundo caso, pode subvalorizar as dimensões comuns entre as culturas, aproximando-se de práticas pedagógicas separatistas e discriminatórias.

Na sua forma extrema, o relativismo aprisiona os membros de uma estrutura conceptual na sua própria estrutura, impedindo a apreciação, a comunicação e trocas conceptuais com outras, através, de críticas mútuas. No limite, os relativistas ignoram a possibilidade, cada vez maior nas sociedades modernas, de comunicação, comparação e trocas entre diferentes padrões de estruturas conceptuais com base em critérios que decorrem de comportamentos comuns a todos os seres humanos.

Em suma, as mutações atuais circulam no sentido da afirmação de estilos de vida heterogêneos os quais, engendrados por multiplicidade opcional, afetam as condições e necessidades plurais, assumidas em convicções políticas, tendências sexuais, atitudes

étnicas, métodos educacionais, crenças religiosas, em paridade com uma desinformação dos grupos regionais, locais, étnicos, religiosos e sociais, numa afirmação e descoberta da diversidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hoje, é possível dizer que vivemos na pós-modernidade e ainda não sabemos ao certo o que isso significa. Os futuros docentes possuem provavelmente uma ideia um tanto equivocada de diversidade cultural, como também uma possível e errônea concepção de pós-modernismo.

A pedagogia pós-moderna tem que ser mais sensível para a maneira como professores e estudantes negociam textos e identidades, porém deve ser através de um projeto político que articule sua própria autoridade a partir de um entendimento crítico de como o eu reconhece os outros como sujeitos mais do que como objetos históricos.

Assim sendo, que pós-modernismo é esse de que muitos falam agora? Terá a vida social se modificado tanto a partir do início dos anos 70 que possamos falar, sem errar, que vivemos numa cultura pós-moderna, numa época pós-moderna? Ou será simplesmente que as tendências da alta cultura deram, como é do seu feitio, mais uma circunvolução e que as modas acadêmicas também mudaram sem o único vestígio ou eco de correspondência na vida cotidiana dos cidadãos comuns?

A pesquisa junto a esses futuros docentes promoveu uma reflexão sobre o tipo projeto política da escola primária que estamos construindo, obviamente que se sabe que os educadores podem definir e devem debater sobre parâmetros através dos quais as comunidades que apresentam diferenças definidas por relações de representação e recepção dentro de sistemas de informação superpostos e transnacionais intercambiam, e a distribuição pode indicar o que significa ser educado como prática para tomada de decisões.

Assim sendo, que pós-modernismo é esse de que muitos falam agora? Terá a vida social se modificado tanto a partir do início dos anos 70 que possamos falar, sem errar, que vivemos numa cultura pós-moderna, numa época pós-moderna? Ou será simplesmente que as tendências da alta cultura deram, como é do seu feitio, mais uma circunvolução e que as modas acadêmicas também mudaram sem o único vestígio ou eco de correspondência na vida cotidiana dos cidadãos comuns?

Quanto ao sentido do termo, talvez só haja concordância em afirmar que o “pós-modernismo” representa alguma espécie de reação ao “modernismo” ou de afastamento dele. Como sentido de modernismo também é muito confuso, a reação ou afastamento conhecido como “pós-modernismo” o é duplamente. Fato é que vários profissionais de diversas áreas tentaram, e ainda o fazem definir o termo.

Não há uma relação rígida e identificável entre a mensagem e o meio como no modernismo, tampouco uma separação do texto e uma reunião do mesmo formando uma nova combinação como no pós-estruturalismo. E, aí, está a grande particularidade do criador pós-moderno: a de não ser tão obcecado por exibir uma voz própria. Ele busca soluções artísticas locais e imediatas, que podem ser diferentes a cada momento.

Uma questão difícil sobre o movimento pós-modernos é o seu relacionamento com a cultura da vida diária e sua integração nela. Geralmente, é tão confuso e abstrato, que nem sempre fica claro quem está influenciando quem no processo.

Certamente que não se deve cometer o erro de ler o pós-modernismo como uma corrente artística autônoma, pois seu enraizamento na vida cotidiana é uma de suas características mais. É importante que o docente ou educador, reflita sobre essas questões aqui apresentadas, de modo a ajudá-lo a compor um novo olhar sobre a realidade, podendo participar da proposta pedagógica da sua escola, onde possa apresentar uma forma que instrumentalizar o grupo, levando-o a pensar sobre as melhores formas de compor um trabalho afinado com o seu tempo-espaço-sócio-histórico.

REFERÊNCIAS

GIL, ANTONIO CARLOS. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. Ed- São Paulo: Atlas, 2010.

GIROUX, Henry, A. **Counternarratives: Cultural Studies and Critical Pedagogies in Postmodern Spaces**. Editora: Psychology Press, 1996.

KERCKHAVE, D. **A pele e a cultura: uma investigação sobre a nova realidade eletrônica**, Editora: Relógio D'agua, Toronto, 1997.

MORIN, Edgard. **Os Sete Saberes Necessários para a Educação do Futuro**. São Paulo:SP, Editora:Cortez, 2000.

SAMPIERI, Roberto Hernandez. **Metodologia de pesquisa**. – 3ed. –São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

TURNER, T. **Anthropology and muticulturalism**: what is anthropology that multiculturalism should be mindful of it? In D. Goldberg (Ed.), *Multiculturalism: a critical reader*. Cambige (USA): Blackwell ltd. Zec. 1980.

**A INCLUSÃO ESCOLAR QUE CONHECEMOS E A QUE ESTAMOS PROMOVENDO:
Paradigmas na Escola Municipal de ensino regular em barra dos Coqueiros/SE**

Magna Cecília Sobral Silva¹

Magna Maria de Oliveira Santos²

Olivia Maria Porto Rodrigues Manso³

RESUMO

O presente artigo tem como proposta elucidar a discussão acerca da inclusão de crianças com necessidades especiais no âmbito escolar de ensino regular e de como ocorre seu processo nas escolas municipais de Barra dos Coqueiros/SE. Para entender o percurso no âmbito da inclusão a metodologia utilizada na investigação é de abordagem qualitativa, a partir do método indutivo e subsidiada pela pesquisa de campo que possibilitou a coleta de dados. As reflexões elucidadas nesse estudo apoiam-se no referencial teórico de Carvalho (2014), Cananéa (2015), Damázio (2007), Quadros e Schmiedt (2006). Ademais, inclusão não pode ser vista apenas como uma ação de inserção da criança ao ambiente escolar, ela está garantida por leis que a legitimam, porém as instituições escolares matriculam e aceitam essas crianças, assim como se cumpre uma determinação imposta pela justiça. Porém o que se promove é um acolhimento camuflado por uma ação inclusiva, além disso, é necessária que a criança esteja principalmente inserida no processo de aprendizagem, com um planejamento adequado as necessidade dela e das demais.

Palavras-Chave: Down. Escola. Inclusão Regular. Município.

¹ Pós-graduanda em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela FAMA; Graduada em Letras e Libras pela UFS/2016.1; Graduada em Lic. Plena em História (UNIT); Pós-graduanda em Patrimônio e Educação em Sergipe (Fac. Atlântico). Pós-graduanda em Educação Global e Mestranda em Ciências da Educação, pela Instituição Unifuturo/UFC.

² Pós-graduada em Educação Global e Mestranda em Ciências da Educação pela Unifuturo/UFC, Psicanalista pela UFS, Psicopedagoga pela Pio Décimo.

³ Doutora em Psicologia (UFRJ), Mestre em Ensino de Ciências e da Saúde e Meio Ambiente, Licenciada em Filosofia, Psicanalista especializada em educação hospitalar.

ABSTRACT

This article aims to elucidate the discussion about the inclusion of children with special needs in the school context of regular education and how their process occurs in the municipal schools of Barra dos Coqueiros / SE. To understand the course in the scope of inclusion the methodology used in the research is a qualitative approach, based on the inductive method and subsidized by the field research that enabled the data collection. The reflections elucidated in this study are based on the theoretical reference of Carvalho (2014), Cananéia (2015), Damázio (2007), Quadros and Schmiedt (2006). In addition, inclusion can not be seen only as an action of insertion of the child to the school environment, it is guaranteed by laws that legitimize it, but the school institutions enroll and accept these children, just as if a determination imposed by justice is fulfilled. However, what is promoted is a host camouflaged by an inclusive action, in addition, it is necessary that the child is mainly inserted in the learning process, with adequate planning the needs of it and the others.

Keywords: Down. Inclusion. Regular School. Municipality.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho trás como proposta a análise e estudo, sobre o processo de inclusão da criança com necessidades especiais no ambiente escolar municipal de ensino regular. A escolha do tema é bastante oportuna no que se trata de problemas na educação brasileira, mas principalmente pela possibilidade de poder contribuir no para que se possa haver um melhor entendimento a cerca do processo inclusivo nas escolas de ensino regular.

Portanto, o primeiro passo foi buscar nos especialistas e teóricos que forneceram informações que norteassem a pesquisa, principalmente por contribuírem na produção de material e desenvolvimento nas discussões, dentre estes estão: Cananéia (2015), Carvalho (2014a e 2014b), Damázio (2007), Quadros & Schmiedt (2006), que contribuíram na discursão a cerca da inclusão e autores renomados em escritos sobre metodologia, como: Apolinário (2015), Deslande (2011), Gil (2010), Lakatos (2013), enfim autores e pesquisadores, que serviram de arcabouço nas questões e afirmações expostas na pesquisa.

No entanto, o mais importante está na possibilidade de desenvolver um trabalho que possa contribuir para o as instituições escolares, como também para os educadores e demais atores da educação. Nesse contexto, será conduzindo um diálogo a partir da realidade a que está inserido o aluno com necessidades especiais no ambiente escolar, questionando se esse ambiente é acolhedor e/ou inclusivo.

A inclusão é uma temática que por muito tempo iremos ouvir falar, mas que nos últimos anos o levante das discussões são balizados pela defesa dos direitos da criança, presente nas discussões institucionais no âmbito escolar, jurídico e social. Sendo assim, faz-se necessário levar a sociedade a uma reflexão de como o processo de inclusão ocorre partindo exatamente do local que são os municípios, depois pensando no geral, ou seja, adquirir uma percepção do que ocorre nas instituições que fazem parte do nosso cotidiano, para que assim seja possível analisar a inclusão no seu contexto geral de Brasil.

A presente pesquisa tem como principal objetivo elucidar o processo inclusivo no que determina a legislação e como ela de fato ocorre. A inclusão e seu processo sofrem interferências, no entanto, ambas não devem ser dissociadas. Portanto, faz-se necessário a abordagem da temática sugerida, principalmente por ser inteligível o avanço das informações e o crescente contingente de crianças com necessidades inseridas nas instituições escolares de ensino regular municipal.

Dentre as questões que nortearam as discussões levantadas na pesquisa, foi observado, que a escola e seus colaboradores (funcionários, gestores, docentes), como também as crianças e o cotidiano escolar, ou seja, ambiente interno e externo a sala de aula nas instituições pesquisadas.

Nesse contexto, foram observados os recursos, metodologias e demais ferramentas necessárias para e durante o processo de inclusão da criança com necessidades também nas escolas municipais Francisco de Assis e João Cruz, que fazem parte da rede de ensino regular do município de Barra dos Coqueiros.

Portanto, as informações e dados coletados durante a pesquisa de campo, tornaram-se elementos de suma importância para as discussões e formulações de hipóteses a cerca da problemática a que se propõe o estudo. A pesquisa se desenvolveu em dois momentos o de observação e de coleta de dados, na primeira fase, observou-se: dificuldades como estrutura física precária na escola F.A; acessibilidade um problema em ambas as escolas; a falta material didático adequado, sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE) apenas em uma das escolas a J. C.; a opção por cuidadores para auxiliar o docente.

Na segunda fase: detectado a falta de cursos de especialização ou voltado para o atendimento de crianças com necessidades especiais para os docentes, o planejamento das ações e atividades para as crianças com necessidades. Além disso, dentre as

informações coletadas, destacam-se: como ocorre o processo de acolhimento e de inclusão na escola, formação dos docentes, dificuldades e demais questões voltadas ao aluno com Down e sua inserção no ambiente escolar da instituição pública municipal de ensino regular.

2 DISCUSSÃO TEÓRICA

A construção do referencial teórico parte do princípio básico da necessidade de reorganização de ideias de diversos trabalhos que foram escritos sobre o tema e que contribuam para processo de elaboração dissertativo do projeto de pesquisa, por ratificarem, contribuir para uma descrição fidedigna, além de, clarificarem as ideias, esta última quando escritas, possuem um papel fundamental na compreensão do tema abordado.

2.1 A Inclusão Escolar na Escola de Ensino Regular.

Partindo do pressuposto de que a escola é local ou lugar onde se produz conhecimento e pensamentos nela é que estes são desenvolvidos, tal argumento para Carvalho (2014), é por suficiente para que se faça uma reflexão da caracterização dos processos inclusivos, com uma proposta de inocentar docentes e discentes a perversa condição de réus. No entanto, deve-se pensar que “o ambiente do espaço educacional escola, estabelece as inter-relações entre aqueles que ensinam e os que aprendem, todavia, os que ensinam muitas vezes aprendem com quem ensina”.

A escola e o processo de inclusão escolar fazem parte da rede de significações já citadas neste trabalho. Mas obviamente que ela por se só não faz inclusão ou exclusão, porém, ela possui um papel crucial.

O leque de candidatos a beneficiários a candidatos a beneficiários do paradigma da inclusão educacional é muito abrangente, principalmente se levarmos em conta as insustentáveis estatísticas educacionais brasileiras que nos apontam milhares na escola e os que a ela nem têm acesso (CARVALHO, 2014a, p. 99).

É fato a existência de políticas educacionais e instituições escolares públicas que não medem esforços para atender todas as exigências e permitir a acessibilidade e garantia dos direitos a educação. No entanto, as funções da escola nos últimos tempos no

que se refere ao processo de escolarização das grandes massas da população brasileira, no decorrer dos anos sofreram mudanças, os processos assim como o de inclusão de alunos antes segregados é uma conquista somada ao aumento de responsabilidades, mas que por muitas vezes faz vista grossa a um conjunto de questões muito serias e gritantemente existentes, mediante as situações.

Ainda no que se trata de responsabilidade da escola, outro fator a ser observado é o Projeto Político Pedagógico (PPP), ele é uma ótima ferramenta para construção ou inserção do processo de inclusão escolar e principalmente de fazer registro de ações com propostas orientadoras inclusivas, apostando sempre na possibilidade de que todos podem aprender, levando em consideração as subjetividades e necessidades de todos seus aprendizes.

Se PPP, não for um bom projeto pedagógico, de certa forma promovera a inclusão ou a exclusão. Se ele não tiver a voz e a análise de seus atores, provavelmente não conseguirá ser inclusivo, já que ao não conter o olhar e a análise de seus colaboradores, deixa de pensar de maneira plural, tornando-se um documento que exclui, ao subestimar a capacidade de seus docentes, de pensar, de fazer, de cooperar, de sensibilizar e fatalmente de comprometimento.

O espaço educacional escolar será inclusivo, não apenas pela presença física dos sujeitos, como alunos e alunas; muito menos pela sua intencionalidade educativa estiver centrada no redimensionamento, no conteúdo curricular, ou em atividades de aprendizagem que não considerem as diferenças individuais porque assumiram uma abordagem homogeneizadora (CARVALHO, 2014a, p. 95).

Diante da afirmação acima, entende-se que, a escola precisa conceber o planejamento sistêmico estratégico, associado a um atendimento, que integre a criança com necessidade e sem necessidades ao aprendizado, não apenas acolhendo em sala de aula, muito menos a segregando, não rotulando, atendendo as diversas características do seu alunado. Esse trabalho deve acontecer de maneira coesa entre todos os atores da escola, envolvendo-os e objetivando a identificação de possíveis problemas, enfrentamentos e barreiras existentes, removendo todas as barreiras visíveis ao aprendizado.

A escola não pode ser vista como o único e exclusivo local de aprendizagem, mas a sala de aula pode ser vista como um espaço privilegiado, embora não o único onde a resposta educativa contemple as indagações de mundo ou de sociedade. Afinal como ela não é a única porá de entrada para as mudanças necessárias para que ocorra de fato o

processo inclusivo escolar e não de acolhimento, mas também cabe às comunidades acadêmicas buscarem aprimorar sua oferta educativa nos cursos de nível superior, ou seja, processo inclusivo escolar é sistêmico e envolve uma gama de atores.

O cotidiano da escola revela muito do seu processo de inclusão escolar, em todo o contexto ensino-aprendizagem, ou seja, de seus atores. Mas tem algo muito importante que são o que se dialoga e que idiomas são utilizados e respeitados nesse processo, a explicação esta na análise da referida autora, ao descrever o mito da igualdade de oportunidade que a escola traduz para o entendimento de que ela oferta educação idêntica para todos os seus alunos, na maioria das vezes, sobrepõem a diversidade e a complexidade dos diferentes idiomas de ensino e de aprendizagem, fatidicamente essa escola estará legitimando a exclusão.

Logo, é pertinente pensar na educação especial como processo, para que se possa evitar a possibilidade de alimentar o recorrente engano de duplicidade entre educação Regular e Educação Especial, só assim, “evitaremos os sistemas de atendimento educacionais frequentados”.

Mas, trazendo para uma realidade antes citada, ela sinaliza para o fadado fracasso das ações, quando essas voltadas para uma congregação para equipes com pouca ou nenhuma interlocução com seus parceiros igualmente educadores e que estão encarregados de elaborar e programar políticas publica de educação infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, ainda que no paradigma da inclusão.

O que a escola precisa é aprimorar a qualidade da resposta educativa oferecida para que a valorização do magistério se impõe como ponto de partida de novas reflexões e novas ações (CARVALHO, 2014a, p. 117).

2.2 Acolhimento um Modelo de Normalidade como o Exercício da Inclusão Escolar

Segundo Carvalho (2014b), “Ao pé da letra a inclusão entendida como inserção é o nível mais elementar do acolhimento entre pessoas, tal como nos ensina a sociologia” (CARVALHO, 2014b, p. 68).

Neste contexto, quais os caminhos ou processos estão inseridos esse acolhimento e a inclusão escolar. Para a referida autora, o problema pode estar justamente nas concepções existentes na sociedade, elas contribuem de maneira incisiva para um imaginário de inclusão e do sujeito que nela se insere. Logo, o condicionamento de uma

chancela filantrópica e de realidade praticada nos espaços institucionais, que por sua vez encontram-se envoltos aos projetos de desmonte (para não dizer distorcido), mas que são encarados como provinciais e de caráter inclusivo.

A bula norteadora dos caminhos citados pela autora possui sua base legal, é de ótima aceitação e muito eficaz, porque trazem resolução que conter os males existentes, porém, serão sobrepostos o conceito de para todos, ao atender apenas o desejo de alguns, em detrimento de um poder de autoridade que inevitavelmente, não atenderá a todos.

Portanto, uma proposta de inclusão escolar ao ser implementada na escola de ensino escolar, precisa estar acompanhada de muita cautela, para não ficar fadada a uma proposta de acolhimento, para não colocar em risco, parafraseando a autora uma trajetória de descaminhos, aprisionando esses seres humanos a um jardim com um labirinto, que os aprisiona em uma teia de significados (insignificantes), mascaram e negam as diferenças, a partir de um discurso de uma falácia desigual.

O acolhimento não pode ser visto como a inclusão, mas como elemento que auxilia para que o processo de inclusão escolar ocorra sem maiores atropelos. Mas o grande dilema está às propostas pensadas, a partir da premissa maior da inclusão escolar que está em promover o ensino-aprendizagem de todos, aos diferentes níveis de compreensão e de desempenho dos alunos, com ou sem necessidades especiais, como também incluam estratégias que causem a interatividade entre alunos.

Dado o exposto, entende-se que, (...) não se pode entender a inclusão numa escola onde não esteja integrado e aprendendo, com afirma Carvalho (2014a, p. 96).

Embora se tratando do aprender a aprender, na mesma obra a autora, sinaliza para o preocupante processo de inclusivo vigente, quando ele não faz a inserção no aprendizado, para ela, quando “(...) não há aprendizado se não houver aprendizagem e está só ocorre se tiver significados para alunos, interessados e motivados em suas relações com os saberes” (Idem p. 64).

Outro fator acolhedor existente pode estar associado à maneira como as salas de Atendimento Educacional Especializado (AEE), ou conhecidas também como de recursos, são confundidas com espaços que darão suporte pedagógico aos alunos e docentes para a remoção das barreiras para a aprendizagem. Ao contrario do que muitos acreditam remover barreiras é um trabalho coletivo de facilitação. Ela objetiva completar ou suplementar a formação do aluno, disponibilizando serviços, recursos de acessibilidade e

estratégias que possam maximizar a sua atuação na sociedade. Ferramenta crucial na inclusão da criança com necessidade especial ao aprendizado e integração com os demais alunos, esse atendimento deve ocorrer de maneira prioritária no horário contrário ao que aluno está matriculado.

O serviço de acolhimento destina-se ao acolhimento provisório de crianças e adolescentes afastados do convívio familiar por abandono ou cujas famílias ou responsáveis encontrem-se temporariamente impossibilitados de cumprir sua função de cuidado e proteção, até que seja viabilizado o retorno ao convívio com a família de origem ou, na sua impossibilidade, encaminhamento para família substituta (CONSELHO NACIONAL DO MINISTÉRIO PÚBLICO, 2013, p. 13, grifo nosso).

Portanto, é perceptível que escola não é citada como instituição que realiza acolhimento de crianças, logo sua função é a inclusão escolar.

Porém, no documento supracitado no parágrafo anterior, os promotores de Justiça assinalaram a existência nos abrigos e casas-lares de crianças ou adolescentes com necessidades especiais, mas:

(...) atendidos em condições especiais, a saber: acolhidos com deficiência física, sensorial, mental, com transtorno mental, dependentes químicos, portadores de doenças infectocontagiosas, acolhidos em situação de rua, ameaçados de morte e adolescentes grávidas e/ou com filhos (CONSELHO NACIONAL DO MINISTÉRIO PÚBLICO, 2013, p. 39).

Contudo, as crianças com necessidades especiais que são direcionadas aos abrigos, estão lá por motivos que não são de aprender, mas situações de abandono familiar. Portanto, o acolhimento nesse viés de sem perspectivas e indefeso servirá apenas para a situação citada, a pessoa com necessidades especiais que procura a escola quer e tem o direito de ser acolhida, mas principalmente de ser inserida no processo de aprendizagem e socialização, afinal essa é a função da escola.

Portanto, as escolas devem acolher todas as crianças, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras. Devem acolher crianças com deficiência e crianças bem dotadas; crianças que vivem nas ruas e que trabalham; crianças de populações distantes ou nômades; crianças de minorias linguísticas, étnicas ou culturais e crianças de outros grupos/zonas desfavorecidas ou marginalizadas. (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994 citado por Carvalho, 2014a).

3 METODOLOGIA

De acordo com os autores acima, a pesquisa devido a sua abordagem ela é qualitativa e quantitativa, por envolver coleta de dados, e integração social do pesquisador com o fenômeno pesquisado. Os ambientes referidos são das escolas João Cruz. e Francisco de Assis. Onde o objeto de estudo são os docentes que fazem parte do quadro de funcionários das instituições estudadas. Portanto, com finalidade descritiva do processo de inclusão de crianças com necessidades especiais da rede municipal de Barra dos Coqueiros.

A pesquisa é básica e exploratória por ter como objetivo gerar conhecimento e possuir um cunho exploratório, como também por se aproximar do problema. Apresentando como objetivo principal, conhecer o problema relacionado ao tema, recuperar informações e enfim, proporcionar um conhecimento e aprofundado no contexto do processo inclusivo nas escolas supracitadas.

É uma pesquisa bibliográfica e documental, por usar autores e obras que deram subsídios e embasamento para as discussões a cerca da temática proposta. Realizando concomitantemente pesquisas em sites governamentais que possuem informações que foram cruciais no levantamento da hipótese. Logo devido ao quantitativo de materiais pesquisados foi necessária a organização de fichamentos resultantes da pesquisa bibliográfica.

A pesquisa pode ser caracterizada por uma pesquisa ação por envolver pesquisado e pesquisador, pensada e planejada, mas que principalmente por contar com a colaboração e participação de todos os atores envolvidos para e com o pesquisador.

Todavia, ratificando que pelo viés da natureza da pesquisa ela é qualitativa e quantitativa, de acordo com Sampieri, (2006, p. 71, grifo nosso), **“os enfoques quantitativos e qualitativos utilizam teorias existentes, porém de maneira diferente”**. Visto que, a mesma parte do pressuposto que há um fenômeno ou problema a ser investigado, a partir de uma observação que conseqüentemente poça trazer uma melhor compreensão, onde o pesquisador fara o papel de imparcial, e o participante não estarão neutros ao problema.

As ferramentas utilizadas para coleta partem do pressuposto da sua eficácia de acordo com o tipo e natureza da pesquisa. Neste sentido, foram utilizados como mecanismos de coleta, questionários e entrevistas.

A entrevista foi realizada, por meio de questionário, com perguntas fechadas e abertas, dentre os entrevistados estão: uma coordenadora pedagógica de cada instituição; ambas as diretoras; cerca de oito docentes dos turnos matutino e vespertino, que se propuseram a colaborar com a pesquisa; duas merendeiras e duas secretarias, uma de cada escola.

Ademais, é com esse trabalho de pesquisa, que foi possível suscitar discussões acerca do ambiente de acolhimento caracterizado por inclusivo, a que está sendo inserida a criança com deficiência na escola de ensino regular, utilizando de relatos dos colaboradores das instituições que foram entrevistados durante a pesquisa de campo com alunos do 2º ano do Ensino Fundamental Menor, do turno vespertino, da Escola Municipal de Ensino Fundamental João Cruz, localizada na Rua Moisés Gomes Pereira, nº 280 e a Escola Municipal São Francisco de Assis, localizada na Rua Pedro Ricardo Nascimento, s/nº, CEP: 49140-000. Ambas localizadas no Centro da cidade, no município de Barra dos Coqueiros - SE.

4 RESULTADOS DA PESQUISA

Durante a pesquisa de campo foram utilizados métodos de abordagem como questionários, entrevistas informais e a observação do ambiente na instituição escolar São Francisco de Assis e João Cruz, localizada no município de Barra dos Coqueiros, na região urbana do central, objetivando a coleta de dados que fornecessem subsídios às discussões a cerca da inclusão e do processo a que a mesma envolve.

Ao responder aos questionamentos, a diretora esclarece que a participação dos professores no PPP é limitada, o que justifica também a resposta especificamente de dois docentes, onde eles afirmam que a escola não possui nenhum projeto para ser trabalhado com crianças com Down e que desconhece os acompanhamentos do município como o de uma assistente social.

Tais afirmativas provoca uma refletir a respeito da importância do Projeto Político Pedagógico da Escola para que a inclusão aconteça como preconiza a legislação. Uma das professoras entrevistadas informalmente revelou que possui formação de nível superior graduação em pedagogia e pós-graduada em psicopedagogia, não exerce a função de psicopedagoga e quando questionada sobre suas dificuldades em trabalhar com a criança deficiente auditiva responde: “No meu caso, a falta de orientação, não

tenho o curso de sinais e também não iria adiantar porque o aluno não conhece os sinais e nem usa”.

É perceptível o quanto os docentes se sentem inseguros, no que se refere à comunicação com o aluno com necessidades especiais, no caso aqui abordado a criança com Down, alguns descreveram sua frustração pela falta de um treinamento ou qualificação. Provavelmente as dificuldades descritas em sua fala, devem atrapalhar o processo de alfabetização destes alunos, logo o mesmo não pode ser considerado inserido ou participando do processo de aprendizado.

Quando questionada sobre se participou de algum curso preparatório para trabalhar com crianças deficientes, a professora respondeu: “sim, fiz alguns cursos na área, não específico para deficiente com Down, que é o que tenho este ano em sala”.

Faz-se necessário ressaltar que a falta de preparação e a não formação continuada dos professores, que, muito embora garantida pela legislação, não ocorre na mesma velocidade ou tempo que as crianças com necessidades vão ocupando o quadro de matrículas das escolas. A exemplo da professora que afirma ter participado de cursos que hoje não contemplam sua necessidade de trabalho.

Quando define seu aluno a professora diz: “Um aluno com potencial, porém a minha falta de conhecimento faz com que o mesmo fique limitado”. Tal afirmativa gera uma reflexão do quanto à professora tem consciência da necessidade de cursos preparatórios voltados para inclusão, que possam orientar o trabalho com crianças especiais e que possam contribuir para o aprendizado e desenvolvimento destas crianças nas escolas.

Outra importante inquietação que a pesquisa buscou elucidar, foi como ocorria o acompanhamento social desses alunos por parte do poder público municipal. Nesse sentido, os respondentes expuseram que não existe assistência social para auxiliar as famílias e as escolas, o que dificulta a adequação das necessidades globais desses alunos.

E quanto aos professores, esse estudo procurou saber qual o papel desses atores na inclusão das crianças com necessidades especiais e que tipo de capacitação recebem que promove maior conhecimento acerca das necessidades desses alunos.

5 CONSIDERAÇÕES

No âmbito escolar, é notório que estes pequeninos são totalmente excluídos, eles são aceitos na rede regular de ensino devido à lei que obriga as instituições escolares aceitar a matrícula dessa clientela, pois tanto o espaço físico da escola como os profissionais que a compõe não estão preparados para receber e atender estas crianças.

Segundo Carneiro (2013, p. 133),

Uma instituição especializada ou escola especial é assim reconhecida justamente pelo tipo de atendimento que oferece, ou seja, atendimento educacional especializado. Sendo assim, suas escolas não podem substituir, mas complementar as escolas comuns em todos os seus níveis de ensino.

Diante da afirmação do autor supracitado, a pesquisa sinaliza para outro fator importantíssimo detectado no decorrer desta, que é contradição entre professores e diretor, onde o primeiro afirma que oferece todo suporte e apoio aos professores para trabalhar com os alunos com que possuem necessidades especiais, enquanto o segundo afirma que o grande empecilho encontrado para trabalhar com os mesmos é a falta de apoio e suporte.

Portanto, o que se pode perceber claramente é que se faz necessário dar visibilidade às crianças com necessidades especiais, porque elas possuem capacidade de evoluir, basta que acreditem em seu potencial, que os mesmos sejam estimulados, que principalmente que se faça do ambiente onde está inserido um grande aliado e que não o que irá excluir dentro da instituição que a priori se diz escola inclusiva, visto que falar que incluiu um aluno é fácil, difícil é tratá-lo da mesma forma que tratam os demais. Isto é, inclusão não meramente ocupar em espaço em sala de aula, mas possibilitar que esse aluno tenha estimulação em seu convívio e aprendizado através das atividades compatíveis com as de seus colegas de sala denominados normais.

Não obstante, dentro do planejamento escolar deve haver projetos pensados também para os pais ou responsáveis, onde estes também façam parte do processo de inclusão da criança com Down, já que o nascimento de uma criança com a síndrome coloca a mesma na condição de reajustar suas perspectivas e planos à nova realidade com a qual não era esperada. A qualidade da interação escola, aluno, docente e família fatalmente contribuirá para superação dos problemas existentes, como também promovera o equilíbrio.

Enfim, o processo de inclusão da criança com ou sem necessidades nas instituições escolares, perpassa por um desenvolvimento cognitivo, onde requer adaptação até mesmo para as crianças que não possuem necessidades especiais.

O fato é que as dificuldades são perceptíveis e que a criança que possui algum tipo de necessidade provavelmente também terá suas limitações dentro de qualquer ambiente. Portanto, não diferente dos demais ambientes de sociabilidade, na escola ela precisará de um tratamento especial. Neste sentido, a importância do presente trabalho se justifica, por proporcionar ressurgimento de discussões que possam contribuir para um melhor entendimento a cerca dos processos de inclusão nas escolas regulares e os possíveis problemas existentes para a criança e para a instituição escolar.

REFERÊNCIAS

APPOLINÁRIO, Fabio. **Metodologia Científica: filosofia e pratica da pesquisa**. 2 Ed. São Paulo: Cengage Learning, 2015.

CANANÉA, Fernando Abath. **Percursos educacionais: ação-reflexão-ação**. João Pessoa: Editora Imprell, 2015.

CARNEIRO, Alves Moaci. **O acesso de alunos com deficiência às escolas e classes comuns: possibilidades e limitações**. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CARVALHO, Rosita Edlar. **Escola inclusiva: a reorganização do trabalho pedagógico**. 6. Ed. Porto Alegre: Mediação, 2014a.

_____. **Educação inclusiva: com os pingos nos “is”**. 10. Ed. Porto Alegre: Mediação, 2014b.

CONSELHO NACIONAL DO MINISTÉRIO PÚBLICO. **Relatório da Infância e Juventude – Resolução nº 71/2011: Um olhar mais atento aos serviços de acolhimento de crianças e adolescentes no País**. Brasília: Conselho Nacional do Ministério Público, 2013. 108 p. il.

DAMÁZIO, Mirlene Ferreira Macedo. **Atendimento educacional especializado: pessoa com surdez**. SEESP/SEED/MEC, Brasília: DF, 2007.

DESLANDES, Suely Ferreira e Minayo, Maria Cecilia de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 30 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed São Paulo: Atlas, 2010.

LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projetos e relatórios e trabalhos científico**. 7. ed. 8. Reimpr. - São Paulo: Atlas 2013.

QUADROS, R. M. de; SCHMIEDT, M. L. P. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, SEESP. 2006.

SAMPIERI, Roberto Hernandez. **Metodologia de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

O PLANEJAMENTO DA PERÍCIA CONTÁBIL

Daniela Laves Santos¹

RESUMO

O trabalho em questão evidencia o planejamento da perícia contábil, demonstrando as técnicas e procedimentos utilizados na execução da mesma, no tocante ao patrimônio de entidades. Tratando-se de um estudo de caso, explica a forma de planejar as etapas da perícia contábil com o auxílio de normas e leis, fixando os prazos e ressaltando a maneira de direcionar as atividades periciais. A pesquisa esclarece os custos, dando destaque aos fatores pertinentes ao estudo em uma entidade e promovendo a adequação dos quesitos e procedimentos utilizados na execução do planejamento. Nesse sentido, a pesquisa é qualitativa no levantamento de dados com base em questionário aplicado ao profissional na área de perícia contábil, a metodologia é descritiva, explicativa para com o planejamento pericial. O profissional que executa e transcreve as informações levantadas é capacitado para orientar a entidade periciada com as particularidades do objeto patrimonial e que não só as empresas de grande porte devem receber orientações, mas sim as entidades de pequeno porte que estão tomando espaço global, mesmo dispondo de menores recursos para investimento e que, por isso, não deixam de ter problemas entre os sócios no que diz respeito a avaliações de ativos e seu patrimônio.

Palavras-Chave: Planejamento. Perícia Contábil. Procedimentos.

ABSTRACT

The work in question evidences the planning of accounts inspection, showing the techniques and procedures used in its execution. Once the research is a case study, it explains the way of planning the process stages of the accounts inspection with the aid of legal regulations, setting the deadlines and highlighting the way of driving the inspection activities. The research clarifies the casts, highlighting, the relevant factors to the study of an entity and promoting the adequacy of the aspects and procedures used in the planning execution. In this regard, the research is qualitative in the data collection based in a survey applied to professionals in accounts inspection area, the methodology is descriptive, explanatory to the inspection planning. The professional who executes and transcribes the collected in formations is enabled to lead the inspected entity with the features of the

¹ Graduada em de Ciências Contábeis pela Faculdade Amadeus. E-mail: daniela.dddaves@gmail.com

patrimonial objects and not only the big companies should receive orientations, but also the small entities which are taking global space, even though they have less resources to invest and because of this, the managing partners could have some problems concerning asset valuation and patrimony.

Keywords: Planning; Accounts Inspection; Procedures.

1 INTRODUÇÃO

Mediante o atual cenário econômico do país, faz jus a necessidade de empresas preparadas para um desempenho organizacional estruturado, conforme exigência de mercado para assim, conseguirem manter suas metas e objetivos institucionais, isto contando com a forte contribuição de colaboradores, gestores e empresários para a tomada de decisão.

No entanto, as entidades necessitam explorar seu diferencial de forma constante, pois a disputa pelos negócios cresce e a concorrência destaca-se entre as entidades que acompanham as necessidades de padronizações e desenvolvimento comercial. Dentro desse contexto, as Empresas de Pequeno Porte crescem e geram empregos. Elas representam um número considerável diante da economia nacional e para as quais a contabilidade vem orientá-las através do emaranhado jurídico brasileiro, seja de forma qualitativa ou quantitativa.

Diante da complexidade das normas, além dos fatores gerenciais e de qualificação, os gestores e proprietários também possuem dúvidas sobre os bens ativos e as atividades da empresa. É nessa situação que surge a necessidade de uma investigação por parte de uma terceira pessoa para que se emita uma opinião e esclareça situações de conflito. A perícia ganhou espaço como auxiliar da justiça com a especialização nas atividades do perito contábil. Alguns autores colocam a perícia como resultado material da atividade probatória, pois além de identificar os resultados obtidos, é direcionado o esclarecimento da verdade factual, solucionando dúvidas e conflitos no tocante aos fatos contábeis.

É conhecido que as Micro e Pequenas Empresas, além de ter menor dispersão espacial, menor quantidade de funcionários e menor quantidade de patrimônio, também tem menor disposição de recursos para investir. Porém, apesar de sua estrutura mais simples, também, eventualmente, possui problemas entre os sócios quanto às avaliações dos seus ativos e do seu patrimônio. Nesse sentido, a perícia contábil pode vim auxiliar esses proprietários. Todavia, um dos principais obstáculos que se deparam os micros

empresários é quanto ao temor do custo de uma perícia contábil. É preciso que se verifique que vai haver perícias para cada tipo de empresa e é possível adaptar a atividade pericial num método e processo mais simplificado, que venha atender a esse público.

Considerando o campo de atuação das Micro e Pequenas Empresas, sabe-se que são entidades com fragilidade maior dentro do mercado competitivo e, diante do contexto da economia nacional, existe uma série de carência de natureza de capital, de estrutura e meios de distribuição, motivo pelo qual é grande a falência de Micro e Pequenas Empresas no país. Todos os requisitos e elementos que possam colaborar para a sobrevivência, aperfeiçoamento e crescimento dessas entidades são extremamente relevantes. Nesse sentido, essas empresas não podem se privar de nenhum elemento que as ciências sociais tenham a aplicar, a contabilidade demonstra na área de perícia o esclarecimento para as empresas que estejam vivenciando algum tipo de conflito, onde a pessoa do perito pode solucionar as dúvidas existentes. A melhor forma de fazer isso é através de um estudo como esse que se propõe uma investigação aprofundada sobre o conteúdo, aplicando a realidade das Micro e Pequenas Empresas, o que seria de grande relevância não só para os profissionais da contabilidade que planejam atuar nesse mercado, como para esse segmento de Micro Empresas.

2 METODOLOGIA

A técnica metodológica desenvolve a pesquisa científica com a necessidade de expor habilidades que vinculam um projeto, interpretando e esclarecendo o planejamento da perícia contábil através dos seus objetivos. A pesquisa propõe a aplicação de procedimentos através do método aplicado e a metodologia específica à elaboração da ilustração dos critérios explorados.

Para Pereira (2012, p. 31):

O método pode ser aceito como um conjunto de procedimentos, regras e técnicas que devem ser adotados na realização de uma pesquisa científica. A metodologia é o emprego do conjunto dos métodos, procedimentos e técnicas que cada ciência em particular põe em ação para alcançar os seus objetivos.

Tal pesquisa é de caráter descritivo e explicativo, mantendo os processos da realização do serviço pericial em uma empresa de pequeno porte. Durante a pesquisa, define-se a fundamentação de informações para compreender os meios que determinam

o conjunto da aplicação do planejamento que descreve a função da perícia, em que estabelece os planos de oportunidades aplicados a uma entidade englobando as informações relevantes, tendo em vista a forma que esclareçam dúvidas sejam elas relevantes ou não.

Conforme os processos científicos, a pesquisa busca explicar a forma de explorar e classificar sua finalidade, solucionando os problemas encontrados para que predomine a forma de analisar e verificar as fases de um estudo. Nessa concepção, baseado na solução de uma problemática que trata de métodos para definir a relevância de fatos e de que maneira será introduzido o êxito do planejamento proposto (ANDRADE, 2006). Serão abordados através dos procedimentos, possibilitando a ênfase do que é relevante no planejamento da perícia contábil.

Serão identificadas e relatadas as características para proporcionar a veracidade dos fatores analisados, determinando as possibilidades de obter resultados satisfatórios.

Para Andrade (2006, p. 152):

A coleta de dados constitui uma etapa importantíssima da pesquisa de campo, mas não deve ser confundida com a pesquisa propriamente dita. Os dados coletados serão posteriormente elaborados, analisados, interpretados e representados graficamente. Depois, será feita a discussão dos resultados da pesquisa, com base na análise e interpretação dos dados”.

O elemento desse estudo pericial na área contábil se estabelece através de pesquisa bibliográfica e documental com base em livros, leis e normas para colher informações com a intenção de confirmar o caráter qualitativo, descrevendo os parâmetros alcançados nesse estudo sobre o objeto e tomando como base os processos para elaboração do planejamento de uma atividade de perícia. Os dados serão expostos através de uma tabela com informações baseadas em um questionário respondido por um perito que atua na área pericial a 1(um) ano, fazendo revisões contratuais de financiamentos e demais atividades pertinentes à perícia contábil. Na tabela, serão mencionados os custos, demonstrando a relevância dos fatores que proporcionem a clareza das informações, descrevendo de forma explicativa as normas periciais para embasamento do planejamento, visando à eficácia da elaboração.

Nessa pesquisa, será caracterizada a realização do planejamento para uma perícia contábil sendo de forma qualitativa, como é mencionado por Pereira (2012, p. 84): “No método qualitativo a pesquisa é descritiva, ou seja, as informações obtidas não podem ser quantificáveis. Por sua vez, os dados obtidos são analisados de forma indutiva”.

2.1 Desenvolvimento

Na perícia contábil encontramos as informações destinadas às entidades através do profissional capacitado para com o objeto periciado, disponibilizando condições para a elaboração do planejamento e tornando as questões periciais de extrema relevância no tocante à tomada de decisão.

Transcorrendo a esse estudo, analisou-se a atuação do Perito Contábil que está vinculado ao tema de situações patrimoniais, expressando valores e detalhando a investigação, vistoria e levantamento das informações relevantes para que chegue ao objetivo, confrontando situações que remetem ao planejamento e custos da perícia contábil. Por isso, a perícia utiliza-se de regras e normas para direcionar o laudo e parecer através de procedimentos e técnicas para a prova pericial.

É nítido que o profissional se destaca com um perfil ético e esclarecedor, tomando como base as documentações e todo material acessível para fornecer informações destinadas ao patrimônio da entidade. Para fundamentar a necessidade de planejar, Alberto (2012, p. 33) acrescenta que se trata de “instrumento técnico científico de constatação, prova ou demonstração quanto à veracidade de situações, coisas ou fatos oriundos das relações, efeitos e haveres que fluem do patrimônio de quaisquer entidades”.

Com a finalização desse estudo de caso, torna-se claro que o objetivo geral e seus objetivos específicos foram atingidos, com a veracidade de informações para o planejamento e custos referentes à perícia contábil. O profissional que executa e transcreve as informações levantadas é capacitado para orientar a entidade periciada no tocante às particularidades, para demonstrar e provar os dados expostos que estão relacionados ao objeto patrimonial e que não só as empresas de grande porte devem receber orientações de um profissional da área pericial, mas também as entidades de pequeno porte que estão tomando espaço global, mesmo dispondo de menores recursos para investimento, o que não garante a possibilidade de deparar-se com problemas entre os sócios, no que diz respeito a avaliações de ativos e seu patrimônio.

Por fim, conclui-se que toda entidade deve e necessita ter um profissional que oriente e dê informações para um direcionamento técnico e específico para cada área e, com isso, os profissionais necessitam buscar constantemente formação continuada, através das normas que os farão obterem êxito e capacidade de alta eficiência.

2.1.1 Perícia contábil

Mediante informação, as empresas necessitam de auxílio com esclarecimentos para tomada de decisão. Profissionais que podem contribuir na evidenciação de fatos para o bom andamento das ações e orientação para os seus usuários. A contabilidade consolida, junto à perícia, na demonstração de técnicas, vistorias e indagações, proporcionando aos gestores e proprietários um controle e oferecendo opinião ao objeto do patrimônio referente a questões contábeis para que todas as dúvidas sejam esclarecidas e solucionadas de forma satisfatória. Alberto (2002, p. 19) afirma que: “perícia é um instrumento especial de constatação, prova ou demonstração, científica ou técnica, da veracidade de situações coisas ou fatos”. A perícia é um meio de solucionar dúvidas, através de conhecimento técnico, relatando a veracidade dos aspectos do patrimônio.

Conforme o Conselho Federal de Contabilidade, em março de 2015, foi editada a Resolução NBC-TP 01 estabelecendo as regras e os procedimentos técnico-científicos, auxiliando o profissional em perícia contábil para execução no ambiente judicial ou extrajudicial. Para que, através dela, possa, assim, esclarecer dúvidas entre as partes interessadas, seja no âmbito judicial ou semijudicial (BONIOLO, 2016).

Para Lopes de Sá (2007, p. 14) “perícia contábil é a verificação de fatos ligados ao patrimônio individualizado visando oferecer opinião realizam-se exames, vistorias, indagações, investigações, avaliações, arbitramentos, em suma todo e qualquer procedimento necessário à opinião.”

Durante a civilização romana e com o surgimento do direito romano, já se conseguia identificar a pessoa do perito com a necessidade de parecer técnico. Foi no século XIII que a contabilidade se desenvolveu na Europa, apresentando a perícia como objeto de prova, presença forte na Grécia, França, Inglaterra e Itália. No século XVII foi descrito o perito como auxiliar da justiça, que especifica:

Quando a prova do fato depender de conhecimento técnico ou científico, o juiz será assistido por perito, segundo o disposto no art.421.

§ 1º – os peritos serão escolhidos entre profissionais de nível universitário, devidamente inscritos no órgão de classe competente, respeitado o disposto no Capítulo VI, seção VII, deste código.

§ 2º – os peritos comprovarão sua especialidade na matéria sobre que deverão opinar, mediante certidão do órgão profissional em que estiverem inscritos.

§ 3º – nas localidades onde não houver profissionais qualificados que preencham os quesitos dos parágrafos anteriores, a indicação dos peritos será de livre escolha do juiz.

A expressão perícia vem do latim “*peritia*” que define o alcance da experiência utilizado na Roma Antiga, que destaca o talento do saber. No Brasil, a perícia foi introduzida no Conselho Federal de Contabilidade através do Decreto da Lei 9.295/46 destacando as atribuições do contador mediante sociedade definindo, assim, os parâmetros da perícia contábil com exclusividade aos contadores e legalizados na época, estabeleceu as técnicas contábeis no andamento da história com o Código de Processo Civil da Lei 5.869/73 (HOOG, 2011).

Assim, para esclarecer dúvidas referentes à entidade, podemos solicitar o auxílio da técnica contábil através da perícia, que pode sinalizar irregularidades e promover o entendimento dos fatos analisados. Diante da necessidade de examinar os fatos, ela busca promover o esclarecimento, demonstrando a verdade contábil para a entidade, informando aos seus gestores e proprietários a formulação de opinião para que seus usuários possam apropriar-se da melhor decisão para a empresa (ALBERTO, 2012).

Conforme Zappa Hoog (2011, p. 56):

A perícia é utilizada como elemento de prova, ou reveladora da verdade em assuntos fisco-contábeis, e tem por finalidade a demonstração de um fato ou ato, a qual deve ser efetuada com o maior rigor possível e embasada na mais pura e genuína expressão da verdade.

Para os devidos fins, a perícia determina que cada informação tenha a base que direcione os meios onde será explorado todo andamento de esclarecimento, tornando as técnicas um fator determinante na junção de demonstração de provas e veracidade para conclusão do parecer. O tipo de perícia transcreverá as diversas modalidades para cada parecer, seja ela judicial ou extrajudicial.

2.1.2 Tipos de perícia

A perícia judicial evidencia a realização de métodos nos processos vinculados ao Poder Judiciário por meios de provas e veracidade de situações que necessitam do esclarecimento do profissional capacitado, através de técnicas e conhecimentos específicos auxiliando a Justiça. Já a perícia semijudicial ou oficial, auxilia as instituições do Estado fora do âmbito Judiciário, com o objetivo de prestar informações nas comissões parlamentares de inquérito ou especiais e na esfera da administração pública tributária ou conselhos de contribuintes. É mencionada como semijudicial por se tratar de uma área

que auxilia as autoridades parlamentares, policiais ou administrativas com a dimensão de poder jurisdicional por estar submetidas a regras legais que possuem semelhança às judiciais (ALBERTO, 2012).

Com a perícia extrajudicial, voluntária ou particular, podemos destacar sua atuação fora do Estado por opção de entes físicos e particularidades de pessoas jurídicas. Define-se informando a veracidade dos fatos especificados de um atendimento, quando há interesse das partes envolvidas em solucionar fraudes, desvios ou simulações. A perícia arbitral é executada no juízo arbitral, através da necessidade das partes em averiguar fatos que comprove uma característica diferenciada das demais citadas anteriormente, definindo seu agente ativo como o árbitro da contestação (ALBERTO, 2012).

Portanto, cada tipo de perícia estabelece critérios com normas e o cuidado que devem ser observados na realização do planejamento e fundamentação dos possíveis levantamentos técnicos que influencia a natureza e abrange os elementos que compõe suas técnicas e os benefícios que se identificam na conclusão do seu parecer. Diante dos fatores estabelecidos, a área pericial é a prova baseada através de conhecimento técnico ou científico, que convence as partes, demonstrando existência, autenticidade e veracidade de ato ou fato, compreendendo a apresentação da certeza convicta entre o depoimento pessoal, confissão, documento e testemunha, que ressalta suas conclusões técnicas demonstrando habilidades e direcionamentos para oferecer opinião (MELLO, 2013).

2.2 Perito Contábil

Para Mello (2013, p. 38) “O perito é o contador regularmente registrado em Conselho Regional de Contabilidade, que exerce a atividade pericial de forma pessoal, devendo ser profundo conhecedor, por suas qualidades e experiências, da matéria periciada.”

Os fatos contábeis determinam o aprimoramento das técnicas favorecendo a área pericial, promovendo ações e regras que vinculam o perfil do profissional que está determinado a oferecer opinião e prestando à sociedade seus serviços para resolver qualquer tipo de conflito. Assim a contabilidade dispõe de um profissional com estudo técnico ou científico que vai solucionar as dúvidas dando esclarecimento referente ao

patrimônio da entidade mediante ferramentas que as Normas Brasileiras de Contabilidade promovem para o embasamento das questões levantadas durante o estudo e pesquisa.

A NBC nº 1.244 de 2015, item 7 afirma que:

O perito deve comprovar sua habilitação como perito em contabilidade por intermédio de Certidão de Regularidade Profissional emitida pelos Conselhos Regionais de Contabilidade. O perito deve anexá-la no primeiro ato de sua manifestação e na apresentação do laudo ou parecer para atender ao disposto no Código de Processo Civil. É permitida a utilização da certificação digital, em consonância com a legislação vigente e as normas estabelecidas pela Infraestrutura de Chaves Públicas Brasileiras – ICP-Brasil.

Para Wakim (2012) é necessário que o perito, mesmo com o curso superior, busque aprimoramento constante por meio de capacitações, treinamentos e outras atividades preservando seus conhecimentos e favorecendo-se conforme os aspectos contábeis. Conforme a Educação Continuada é regulamentada pela NBC PP 01 de 2015, no item 14: “o perito, no exercício de suas atividades, deve comprovar a participação em programa de educação continuada, na forma a ser regulamentada pelo Conselho Federal de Contabilidade”. É de extrema responsabilidade do profissional, utilizando a descrição sobre as questões definidas e levantadas, conforme CFC a norma continua afirmando referente ao perfil do profissional, a NBC PP 01 do item 18: “O perito deve conhecer as responsabilidades sociais, éticas, profissionais e legais às quais está sujeito no momento em que aceita o encargo para a execução de perícias contábeis judiciais e extrajudiciais, inclusive arbitral”.

O perfil do perito-contador determina funções que estabelecem à ética e a responsabilidade, conforme a aprovação do Código de Ética do Contabilista em outubro de 1996 com a Resolução CFC 803, tornando, assim, referência para qualquer área profissional, despertando no ser humano a marca de valor moral e formando uma consciência para a função moral social da profissão, a responsabilidade, o zelo e a eficiência (ZAPPA HOOG, 2011). A Resolução do CFC nº 1.502 de 19 de fevereiro de 2016 dispõe sobre o Cadastro Nacional de Peritos Contábeis (CNPC) do Conselho Federal de Contabilidade (CFC) especificando que todo Perito Contador estará sujeito a possuir um cadastro junto ao Conselho para que assim, seja acompanhado conforme necessidade de comprovação da experiência profissional e educação continuada.

A NBC PP 01 de 2015, item 26 dispõe que:

O zelo profissional do perito na realização dos trabalhos periciais compreende:

- (a) cumprir os prazos fixados pelo juiz em perícia judicial e nos termos contratados em perícia extrajudicial, inclusive arbitral;
- (b) assumir a responsabilidade pessoal por todas as informações prestadas, quesitos respondidos, procedimentos adotados, diligências realizadas, valores apurados e conclusões apresentadas no laudo pericial contábil e no parecer técnico-contábil;
- (c) prestar os esclarecimentos determinados pela autoridade competente, respeitados os prazos legais ou contratuais;
- (d) propugnar pela celeridade processual, valendo-se dos meios que garantam eficiência, segurança, publicidade dos atos periciais, economicidade, o contraditório e a ampla defesa;
- (e) ser prudente, no limite dos aspectos técnico-científicos, e atento às consequências advindas dos seus atos;
- (f) ser receptivo aos argumentos e críticas, podendo ratificar ou retificar o posicionamento anterior.

Com o compromisso de fundamentar sua postura ética, o profissional perito precisa dispor de um profundo conhecimento de assuntos contábeis, ou seja, conhecido como *expert* dos assuntos contábeis, precisa ter humildade para recusar trabalho que não seja do conhecimento dele. O perito precisa reconhecer caso ocorra erros em sua análise de trabalho ao oferecer opinião para que seja solucionado e permitindo ações que o corrijam, devendo ser decidido e eficiente em sua integridade profissional (WAKIM, 2012). O Novo CPC entrou em vigor a partir do dia 17/03/2016 e destaca a responsabilidade do profissional, conforme o Art. 158: “O perito que, por dolo ou culpa, prestar informações inverídicas responderá pelos prejuízos que causar à parte e ficará inabilitado para atuar em outras perícias no prazo de 2 (dois) a 5 (cinco) anos, independente das demais sanções previstas em lei, devendo o juiz comunicar o fato ao respectivo órgão de classe para adoção das medidas que entender cabíveis”.

O profissional em perícia deve ser recompensado com a proposta apresentada para o trabalho que será realizado, estipulando tempo e detalhando estimativa de horas para cada etapa de atividade executada. Com isso, mostra a clareza dos fatos propostos para especificar a razão dos honorários periciais e garantir a prestação de serviço através de contrato assinado de ambas as partes.

2.3 Honorários do Perito

Para manter a assistência do perito contábil é fundamental estabelecer, ao profissional capacitado que oferece opinião à pessoa física ou jurídica, uma remuneração no que se refere à necessidade de contratar o serviço do especialista da área. O profissional seja ele nomeado pelo juiz ou assistente técnico indicado pelas partes,

promovem a contribuição do serviço pericial. A parte que contrata pode solicitar um orçamento que dê uma estimativa da remuneração antes de iniciar o trabalho pericial, determinando também toda documentação necessária para que se planeje cada procedimento (ORNELAS, 2007).

A NBC PP 01 de 2015, item 34 destaca: “O perito deve elaborar a proposta de honorários estimando, quando possível, o número de horas para a realização do trabalho, por etapa e por qualificação dos profissionais, considerando os trabalhos”. Os honorários possuem uma padronização que caracteriza as fases do orçamento pericial onde se fundamenta na iniciação de retirada e entrega de processo ou procedimento arbitral em cartório para que o perito tenha conhecimento do fato, obtendo, assim, uma interpretação sobre o processo para que dentro de cinco dias o profissional possa apresentar todas as descrições exigidas na fase inicial. A elaboração de termos de diligências conta com a dedicação e zelo para arrecadação de provas e comunicação dos profissionais envolvidos, sejam eles terceiros ou peritos assistentes, que estarão empenhados na junção do processo realizando a investigação proposta pela parte judicial ou extrajudicial.

Com isso, para que a pesquisa documental venha a ter êxito, é necessário fazer o levantamento de exame de livros contábeis, fiscais e societários, vistoriando toda a documentação que tenha acesso e para que, através deles, obtenha-se a credibilidade de fatos ocorridos e conste um esclarecimento probatório na elaboração de planilhas de cálculos, quadros, gráficos, simulações de situações cabíveis para esclarecer o conflito existente, sendo um fator determinante para análises de resultados.

Durante a realização de diligências, as partes poderão apresentar os quesitos suplementares que compõem na realização de perguntas para esclarecer o conflito existente que tem como objeto o patrimônio. O perito organizará as reuniões com os assistentes quando necessário, fazendo uma revisão final e direcionando toda a necessidade das despesas com viagens, hospedagens, transporte, alimentação e outros trabalhos com despesas supervenientes.

Com a proposta dos honorários, o perito discrimina o serviço prestado especificando relevância da execução das atividades propostas com a especificação das horas consumidas, incluindo até a necessidade de se apresentar para explanação na audiência, a remuneração para a equipe técnica que estará executando as tarefas do processo, a fixação do prazo para execução das atividades, despesas com viagens, estadias, locomoção se for o caso, manutenção do escritório, tributos com encargos

sociais e o lucro; tudo isso esclarecendo como informações para o Juiz que solicita o serviço no caso da perícia judicial (ZAPPA HOOG, 2011).

Conforme o Novo CPC (Código de Processo Civil) discrimina no Art. 95:

Cada parte adiantará a remuneração do assistente técnico que houver indicado, sendo a do perito adiantada pela parte que houver requerido a perícia ou rateada quando a perícia for determinada de ofício ou requerida por ambas às partes.

§ 1º O Juiz poderá determinar que a parte responsável pelo pagamento dos honorários do perito deposite em juízo o valor correspondente.

§ 2º A quantidade recolhida em depósito bancário à ordem do juízo será corrigida monetariamente e paga de acordo com o art. 465, § 4º.

§ 3º Quando o pagamento da perícia for de responsabilidade de beneficiário de gratuidade da justiça, ela poderá ser:

I. Custeada com recursos alocados no orçamento do ente público e realizada por servidor do Poder Judiciário ou por órgão público conveniado;

II. Paga com recursos alocados no orçamento da União, do Estado ou do Distrito Federal, no caso de ser realizada por particular, hipótese em que o valor será fixado conforme tabela do tribunal respectivo ou, em caso de sua omissão, do Conselho Nacional de Justiça.

§ 4º Na hipótese do § 3º, o Juiz, após o trânsito em julgado da decisão final, oficiará a Fazenda Pública para que promova contra quem tiver sido condenado ao pagamento das despesas processuais, a execução dos valores gastos com a perícia particular ou com a utilização de servidor público ou da estrutura de órgão público, observando-se, caso o responsável pelo pagamento das despesas seja beneficiário de gratuidade da justiça, o disposto no art. 98, § 2º.

§ 5º Para fins de aplicação do § 3º, é vedada a utilização de recursos do fundo de custeio da Defensoria Pública.

3 RESULTADOS

Este capítulo tem como objetivo expor os dados coletados na entrevista e apresentar os processos de elaboração no planejamento da perícia contábil, apresentando seus custos, procedimentos e relevância nas informações em atendimento aos objetivos específicos propostos no estudo. Assim, em atendimento ao primeiro objetivo específico observou-se a relevância das informações dentro do planejamento. Já no segundo, destacam-se os procedimentos que são indispensáveis na utilização, tanto para investigar como para avaliar o objeto em estudo e compor a viabilidade técnica do planejamento.

O questionário foi aplicado a um profissional que exerce na área extrajudicial na cidade de Aracaju há um ano através de revisões contratuais de financiamentos. Conforme as respostas destacam-se a utilização dos procedimentos da investigação,

mensuração e avaliação, porém ressalta que vai depender da necessidade do trabalho pericial a utilização de cada procedimento. Um fator primordial mencionado no objeto da perícia é a natureza, a legislação a ser aplicada e a extensão da perícia contábil. O planejamento deve ser iniciado a partir da apresentação do objeto ao profissional, onde deve ser conhecedor da matéria e evidenciar as informações para a análise dentro da entidade periciada.

Segundo as Normas da NBC T 13 – da Perícia Contábil: 13.2.1.5 – “Quando do planejamento dos trabalhos deve ser realizada a estimativa dos honorários de forma fundamentada, considerando os custos e a justa remuneração do contador”. O perito deve conhecer o objeto estudando os principais fatores com referência patrimonial, e após esse estudo dar andamento ao planejamento da perícia, conforme a orientação das Normas Contábeis deve examinar os documentos, livros contábeis, fiscais, abordando com entrevistas conforme a necessidade das informações, utilizando os meios de indagações através de questionamentos para obtenção dos dados necessários.

Diante do levantamento das informações extraídas do referencial teórico, depara-se com a pesquisa em que esse estudo de caso estabelece as características determinadas pelas normas para se planejar e aplicar as orientações periciais. Com isso, evidencia-se a introdução, o desenvolvimento e a conclusão dos processos utilizados na perícia contábil, demonstrando os custos mediante gastos utilizados para conseguir o êxito no planejamento, portanto, surge à necessidade de apresentar as considerações da exposição do levantamento, especificando as fases do objeto estudado, segue abaixo as informações:

Tabela 1 - Planejamento da Perícia Contábil

FASE	ATIVIDADE	AÇÕES	TEMPO	
			ESTIMADO	REAL
1ª	Conhecimento do objeto	Fazer um levantamento detalhado do objeto a ser periciado;	8h	10h
2ª	Verificação dos fatos a serem explorados	Conhecer os detalhes acerca do objeto da perícia, realizando a leitura e o estudo;	20h	22h
3ª	Documentos a serem analisados	Aceitando o encargo da perícia, proceder ao planejamento;	35h	36h
4ª	Definição dos procedimentos utilizados	Através da investigação, verificar as informações coletadas e identificar o que está oculto;	23h	24h
5ª	Mensurar os valores dos bens móveis	Verificação dos valores, certificando os dados coletados.	10h	12h

Fonte: NBC TP 01, 27 de fevereiro de 2015.

Mediante exposição dos dados apresentados, demonstra-se a necessidade de conhecer o objeto da perícia, transcorrendo o estudo do mesmo e estabelecendo a forma das evidenciações que promovam a análise de documentos. A obtenção de conhecer e explorar o objeto periciado requer a utilização dos procedimentos que evidenciam a expressão de direcionar o planejamento, obtendo informações adequadas para cada necessidade.

O perito deve conhecer todas as etapas necessárias para se aplicar no planejamento da perícia que estabelece a execução e a realização das atividades, bem como o prazo para receber e entregar a documentação. A verificação das informações será estabelecida diante da investigação de qualquer circunstância que não esteja clara, a fim de que venha à tona o que estiver oculto. Para o levantamento de valores que não estejam determinados através dos bens adquiridos pela entidade periciada, será feito um levantamento científico através da análise técnico-científico.

As atividades são direcionadas mediante os procedimentos que definem a forma de avaliar e como proceder com as informações coletadas, determinando cada tarefa:

- Exame – Analisar todos os documentos pertinentes ao caso.
- Vistoria – Diligenciar a objetividade e verificação dos fatos.
- Indagação – Buscar informações mediante o objeto relacionado à perícia.
- Investigação – Trazer à tona o que se encontra oculto em qualquer circunstância.
- Arbitramento – Determinar valores através de conhecimento técnico – científico.
- Mensuração – Quantificar e qualificar os bens, direitos e obrigações.
- Avaliação – Estabelecer os valores de bens, direitos e obrigações.
- Certificação – Assegurar informações do relatório com autenticidade dos fatos (Mello, 2013).

Os procedimentos detalham a demanda das atividades periciais, conforme natureza e complexidade, tornando a análise do profissional detalhado e efetivo. Para serem analisadas as propostas de honorários, a norma ressalta a relevância do vulto, do risco e da complexidade dos serviços, demonstrando a percepção de prazo antes do início das atividades. A quantidade de horas deve ser determinante nesse momento da elaboração, verificar a necessidade de equipe para dar andamento às atividades e procedendo com a proposta de honorários.

Para a exposição da pesquisa de campo foi entrevistado um profissional na área pericial, colocando os pontos cabíveis para a execução dos trabalhos e expondo algumas

situações que ocorrem na prática e o que a NBC PP 01 evidencia para que o objeto periciado seja introduzido de forma satisfatória.

Tabela 2 – Proposta de Honorários da Perícia Contábil

CUSTO DA PERÍCIA	HORAS		TOTAL
ESPECIFICAÇÃO DO TRABALHO	PREVISTAS	R\$/HORA	R\$
Entrega do Contrato	1	120,00	120
Interpretação do Objeto	16	120,00	19.200
Preparação de anexos	8	120,00	960
Pesquisa e exame de livros e documentos técnicos	4	120,00	480
Elaboração do relatório	8	120,00	960
Reuniões com assistentes e equipe	4	120,00	480
Revisão final	2	120,00	240
OUTROS GASTOS			
Despesas com viagem			200
Material de expediente (cópias)			100
TOTAL			22.740,00

Fonte: NBC PP 01, 27 de fevereiro de 2015.

Na apresentação dos honorários o perito deve especificar as horas trabalhadas e valor referente às atividades, assim, elaborando a proposta de honorários com base no levantamento das informações do objeto periciado, expondo os custos mencionados no terceiro objetivo específico que abrange os gastos totais do planejamento executado. Na sequência segue alguns esclarecimentos da prática contábil com a pesquisa de campo através do questionário aplicado e as informações embasadas na norma contábil.

Tabela 3 - Discussão das Informações Questionário da pesquisa de campo

PERGUNTAS	PERITO CONTÁBIL	NBC TP 01
Qual o fator primordial para a execução do planejamento da perícia contábil?	Conhecimento do objeto da perícia.	Conhecer o objeto.
A partir de que momento é elaborado o planejamento pericial?	Após a proposta de honorários.	Após o conhecimento do objeto da perícia, antes de cálculos, pesquisas e diligências.

Em que momento deve iniciar o planejamento pericial?	Após a proposta e antes do início das atividades.	Inicia-se antes da proposta de honorários.
Possui equipe técnica para ajudar na elaboração do planejamento e execução da perícia?	Não	Quando a perícia exigir a necessidade de utilização de trabalho de terceiros.
O que deve ser considerado para mensurar os custos da perícia contábil durante a etapa do planejamento?	Todos os fatos levantados que gerem gastos para fim de execução do projeto.	Todas as despesas e custos inerentes.
Quais os requisitos que devem ser considerados para a elaboração do planejamento pericial?	Objeto da Perícia, Legislação a ser aplicada e a extensão da perícia contábil.	Conhecer o objeto, definir a natureza, extensão, oportunidade, cumprimento do prazo, revisão do trabalho entre outros.

Fonte: NBC TP 01, 27 de Fevereiro de 2015.

Diante disso um planejamento conduz a inicialização das informações para obter êxito profissional e estabelecer os procedimentos técnicos necessários com as entidades, e por meios desses procedimentos é feita uma vistoria nas instalações da organização empresarial do nível de pequeno porte fazendo uma investigação através de notas fiscais e documentações.

4 CONCLUSÃO

Na perícia contábil encontramos as informações destinadas às entidades através do profissional capacitado para com o objeto periciado, disponibilizando condições para a elaboração do planejamento e tornando as questões periciais de extrema relevância no tocante à tomada de decisão.

Transcorrendo a esse estudo, analisou-se a atuação do Perito Contábil que está vinculado ao tema de situações patrimoniais, expressando valores e detalhando a investigação, vistoria e levantamento das informações relevantes para que chegue ao objetivo, confrontando situações que remetem ao planejamento e custos da perícia contábil. Por isso, a perícia utiliza-se de regras e normas para direcionar o laudo e parecer através de procedimentos e técnicas para a prova pericial.

Ficou nítido que o profissional se destaca com um perfil ético e esclarecedor, tomando como base as documentações e todo material acessível para fornecer informações destinadas ao patrimônio da entidade. Para fundamentar a necessidade de planejar, Alberto (2012, p. 33) acrescenta que se trata de “instrumento técnico científico de constatação, prova ou demonstração quanto à veracidade de situações, coisas ou fatos oriundos das relações, efeitos e haveres que fluem do patrimônio de quaisquer entidades”.

Com a finalização desse estudo de caso, torna-se claro que o objetivo geral e seus objetivos específicos foram atingidos, com a veracidade de informações para o planejamento e custos referentes à perícia contábil. O profissional que executa e transcreve as informações levantadas é capacitado para orientar a entidade periciada no tocante das particularidades, para demonstrar e provar os dados expostos que estão relacionados ao objeto patrimonial e que não só as empresas de grande porte devem receber orientações de um profissional da área pericial, mas sim as entidades de pequeno porte que estão tomando espaço global, mesmo dispendo de menores recursos para investimento, o que não garante a possibilidade de deparar-se com problemas entre os sócios, no que diz respeito a avaliações de ativos e seu patrimônio.

Por fim, conclui-se que toda entidade deve e necessita ter um profissional que oriente e dê informações para um direcionamento técnico e específico para cada área e, com isso, os profissionais necessitam buscar constantemente formação continuada, através das normas que os farão prosperar com êxito e capacidade de alta eficiência.

REFERÊNCIAS

- ALBERTO, Valder Luiz Palombo. **Perícia Contábil**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2012.
- ALMEIDA, Marcelo Cavalcanti. **Introdução à Metodologia da Contabilidade**. São Paulo: Atlas, 2010.
- ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 7. Ed. São Paulo: Atlas, 2006.
- BONIOLO, Eduardo. **Perícias em falências e recuperação judicial**. São Paulo: Trevisan Editora, 2016.
- FRANCO, Hilário. **Contabilidade Geral**. 23. Ed. São Paulo: Atlas, 1997.
- HOOG, Wilson Alberto Zappa. **Prova Pericial Contábil**. 9. Ed. Curitiba: Juruá, 2011.

MARION, José Carlos. **Contabilidade Empresarial**. 9. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MATIAS, Alberto Borges; JÚNIOR, Fábio Lopes. **Administração Financeira nas Empresas de Pequeno Porte**. 1. Ed. São Paulo: Manole, 2002.

MELLO, Paulo Cordeiro de. **Perícia Contábil**. São Paulo: Senac, 2013.

MELLO, Paulo Cordeiro de. **A Perícia no Novo Código de Processo Civil**. São Paulo: Trevisan Editora, 2016.

ORNELAS, Martinho Maurício Gomes de. **Perícia Contábil**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2007.

PEREIRA, José Matias. **Manual de Metodologia da Pesquisa Científica**. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 2012.

QUINTANA, Alexandre Costa. **Contabilidade Básica**. São Paulo: Atlas, 2014.

SÁ, Antônio Lopes de. **Perícia Contábil**. 7. Ed. São Paulo: Atlas, 2007.

SZUSTER, Natan... [et al]. **Contabilidade Geral – Introdução à contabilidade societária**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2013.

WAKIM, Vasconcelos Reis; WAKIM, Elizabete Aparecida de Magalhães. **Perícia Contábil e Ambiental**. São Paulo: Atlas, 2012.

**III ENCONTRO
MULTIDISCIPLINAR DA
FACULDADE AMADEUS**

TODOS CONTRA O MOSQUITO Aedes Aegypt¹

Alice dos Santos Moura²

Bárbara Regina Alves dos Santos Lessa³

Elaine dos Santos Silva Bezerra⁴

Marcleide Messias dos Santos⁵

RESUMO

Jamais se imaginou na história, que em pleno século XXI o ser humano estivesse vivenciando um duelo entre ele e um mosquito. Entretanto, tal fato inimaginável está ocorrendo: O mosquito *Aedes aegypti* empreende, nos tempos atuais, investidas lesionáveis e mortais contra o homem. O artigo evidencia o espírito do projeto que lhe antecedeu, que não poderia ser outro senão munir o alunado das informações necessárias, para que os próprios se tornassem construtores de uma sociedade livre das ofensivas do inseto que deste é protagonista. O trabalho que consistiu em levar informações aos discentes, não deixou de dispor de uma preocupação com a didática, na qual se verifica quando o artigo aborda o levantamento feito, quanto aos conhecimentos prévios das crianças. A linguagem utilizada na aplicação do projeto se revelou plenamente acessível ao grau de compreensão dos alunos, ao tempo em que estimulou em cada membro das equipes, autoestima e capacidade de liderança, na representação do respectivo grupo a que cada qual pertencia.

Palavras-Chave: *Aedes Aegypti*. Didática do ensino de ciências. Natureza e sociedade. Pesquisa-ação.

¹ Trabalho apresentado à disciplina Fundamentos e Métodos do Ensino de Ciência do Curso de Pedagogia da Faculdade Amadeus, sob orientação da Prof. Dra. Maria Auxiliadora Santos.

² Graduanda do curso de Pedagogia da Faculdade Amadeus.

³ Graduanda do curso de Pedagogia da Faculdade Amadeus.

⁴ Graduanda do curso de Pedagogia da Faculdade Amadeus.

⁵ Graduanda do curso de Pedagogia da Faculdade Amadeus.

ABSTRACT

He never imagined the history that in the XXI century human beings were experiencing a duel between him and a mosquito. However such unimagined fact is occurring: The *Aedes Aegypti* mosquito undertakes nowadays, lesionáveis and deadly attacks against the man. The article clearly highlights the spirit of the project that succeeds it, which could be another if not equip the student body of the necessary information, so that themselves become coconstrutores a society free of insect offensive that this is the protagonist. The work was to bring information to the students, did not fail to have a concern with teaching, which occurs when the article discusses the survey, as the prior knowledge of learners. The language used in the application design has become fully accessible to the degree of understanding of the learners, the time that encouraged each member of the teams, self-esteem and leadership capacity, when a member succeeded each other in the respective group representation that each which belonged.

Keywords: *Aedes Aegypti*. Didactics of science teaching. Nature and society. Action research.

1 INTRODUÇÃO

O Brasil experimenta na atualidade uma situação epidemiológica que ultrapassa fronteiras. Pois os males que os cidadãos deste e de outros países têm sido acometidos em função das investidas vorazes e altamente danosas que o mosquito *Aedes aegypti* tem empreendido, exige uma ação veemente e imediata de toda a coletividade. É surpreendente e aparentemente irônico o fato de nos tempos de agora, em que a ciência e a tecnologia em tese dominam tudo, um mosquito ameace de modo frontal a saúde e a vida do ser humano.

Tal incidente, ou acidente, exige não só ações de natureza científica, tecnológica e educacionais, mas também uma discussão filosófica, no tocante a condição antropocêntrica como o homem se posiciona em relação ao universo. Todavia, a situação atual é de gravidade tão imensa que quase não se tem tempo para rever conceitos sobre isto ou aquilo, pois é fato que nos encontramos numa guerra em que ou nós sobrevivemos, ou sobrevive o mosquito *Aedes aegypti*. (BUSCATO e RODRIGUES, 2016; FUNDAÇÃO OSVALDO CRUZ, s/d).

Essa é a razão maior do presente artigo, que teve como objetivo conscientizar alunos no tocante à importância quanto à responsabilidade intransferível que todos temos independentemente de faixa etária, com relação a deter o processo de proliferação do inseto supracitado. O elemento principal para que este projeto tenha sido executado com

eficácia foi levar os alunos e toda comunidade escolar a conhecerem os danos que o mosquito, aqui em foco, pode causar o que é de importância fundamental.

Portanto, tivemos como questão de pesquisa: como conscientizar os alunos sobre os cuidados com a transmissão da dengue, utilizando a pedagogia de projetos?

Foi uma pesquisa qualitativa, de acordo com a metodologia da pesquisa-ação. O projeto que deu origem a este artigo teve como tema: “Todos contra o mosquito *Aedes aegypti*” e foi elaborado com base em pesquisa feita através da internet, revistas e autores como Espinoza (2010), (Coll e Solé, 1996) e Carvalho (1998). Executamos uma intervenção pedagógica com alunos do terceiro ano, com faixa etária entre oito e nove anos, em uma escola de Ensino Fundamental, situada no Bairro Santa Maria, Aracaju SE, como atividade da disciplina Fundamentos e Métodos do Ensino de Ciências, do curso de Pedagogia, da Faculdade Amadeus (FAMA).

Para tanto utilizamos de recursos tais como: figuras ilustrativas, texto e panfletos informativos, vídeo educativo, dinâmica de interação, jogos, orientação na construção de mosquiteiras na sala de aula e por fim a exibição de uma peça teatral, com personagens confeccionados com materiais reciclados, peça esta que se constituiu da síntese de todas as informações que foram discutidas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O presente projeto teve o intuito de provocar no aluno uma mudança de atitude, sendo que a partir desse conhecimento o mesmo pudesse ter uma visão diferente, referente aos cuidados necessários para combater o mosquito *Aedes aegypti*. Além disso, formar um educando consciente do seu papel na sociedade e fazê-lo entender que a prevenção deve começar por cada indivíduo em sua casa com sua família.

Na escola, o professor deve ser um orientador e mediador, propondo e problematizando as atividades, e isso inclui lançar questões problema; observar continuamente as reações dos alunos, dando o suporte necessário, levar ao grupo questões que não foram expostas pelos alunos, para que possam desenvolver refletir, ter novas descobertas. Nessa concepção, o educando irá ter uma participação ativa, sendo agente da sua própria aprendizagem.

A concepção construtivista parte da natureza social e socializadora da educação escolar, situa-se no âmbito da psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem, envolve

vários processos de ensino-aprendizagem que articulam atividades na construção de conhecimento, sem necessitar de explicações teóricas exaustivas. Nestes pressupostos se observa que nossa estrutura cognitiva esta configurada por uma rede de esquemas de conhecimento. Estes esquemas de conhecimento de um aluno dependem de seu nível de desenvolvimento e dos conhecimentos prévios que pôde construir. (COLL, 2004)

Para que este processo de ensino ocorra, não é suficiente expor conteúdos, é necessário utilizar os conhecimentos existentes, compará-los com os que são novos, identificar diferenças e semelhanças quando isto acontece. Para possibilitar uma aprendizagem significativa é preciso intervir, junto aos esquemas cognitivos, fatores vinculados às capacidades de equilíbrio pessoal de relação interpessoal e de inserção social. Na concepção construtivista o aluno tem o papel ativo e o professor é o mediador. Tudo que é aplicado em sala deve estar relacionado ao cotidiano do aluno, ao que eles sabem e vivem. (COLL, 1983, apud ZABALA, 1998).

A interação pedagógica acontece como uma ajuda adaptada ao processo de construção de conhecimento pelo aluno. Uma interação que vai criando zonas de desenvolvimento proximal e que os ajuda a percorrê-las. (VYGOTSKY 1979, apud ZABALA, 1998)

3 DESENVOLVIMENTO

A primeira etapa teve início com a auto apresentação de cada membro do grupo, pois a intenção foi, de que todos iniciassem as atividades conhecendo-se mutuamente. Em seguida fizemos a dinâmica do nome (Figura 1) para apresentação dos alunos e descontração dos mesmos E em seguida principiou-se uma roda de conversa (Figura 2) com a finalidade de diagnosticar os conhecimentos prévios do alunado, em relação ao conteúdo que seria abordado. Dando continuidade, fez-se a exibição de um vídeo (Figura 3), cujo conteúdo tinha relação com o tema da abordagem Sucedendo à exibição fizemos distribuição de panfletos (Figura 4) a fim de que os alunos se envolvessem e expressassem as ideias que construíram durante o processo.

Professora: *Vocês saberiam dizer que figura é esta?*

Alunos: *Sim, é o Aedes aegypti, mosquito da dengue.*

Professora: *Por que vocês acham que é o mosquito Aedes aegypti?*

Alunos: *Porque ele transmite doenças.*

Professora: *Mas o mosquito é assim mesmo preto com machas brancas?*

Alunos: *Sim*

Figura 1 - Dinâmica do nome



Fonte: Acervo das autoras.

Figura 2 - Sondagem sobre os conhecimentos Prévios



Fonte: Acervo das autoras.

Figura 3 - Exibição do vídeo



Fonte: Acervo das autoras.

Professora: *Vocês gostaram do vídeo?*

Alunos: *Sim. Tia, o mosquito dá a dengue, a chicungunha e aquela doença do bebê.*

Professora: *Que doença é essa que dá no bebê?*

Alunos: *Tia eu não lembro, parece que começa com a letra m.*

Professora: *Muito bem, começa com a letra m, é a microcefalia.*

Professora: *O mosquito gosta de água suja?*

Alunos: *Não, gosta de água limpa.*

Professora: *O mosquito gosta de água com cloro?*

Alunos: *Não!*

Professora: *O **Aedes** nasce assim grande?*

Alunos: *Não*

Figura 4 - Distribuição de panfletos



Fonte: Acervo das autoras.

Professora: *O que vocês acharam de importante no panfleto?*

Aluno: *Não deixar água acumulada na laje.*

Aluno 1: *Tia na minha casa tem uma lavanderia que tinha larvas, tem que limpar a lavanderia.*

Aluno 2: *Deixar as garrafas de boca para baixo.*

Professora: *Muito bem, tem mais alguma coisa que vocês gostariam de falar?*

Aluno 1: *Sim tia, não jogar lixo na rua, porque acumula água.*

Aluno 2: *Limpar o quintal.*

Aluno 3: *Tampar a caixa de água.*

Professora: *Estou vendo que todos aprenderam.*

Na segunda etapa a turma foi dividida em dois grupos de três integrantes e coube a cada grupo a responsabilidade de responder a um questionário (Figura 5), o qual continha três perguntas e procedendo assim, provocamos uma interação com os alunos com intuito de obter melhoria na aprendizagem. Dando sequência, distribuímos textos (Figura 6) que forneceram conhecimento científico quanto ao tema abordado. Ao término da explicação do conteúdo, os aprendizes elaboraram os seus próprios panfletos. (Figura 7).

Figura 5 - Os grupos respondendo aos questionários



Fonte: Acervo das autoras.

Figura 6 - Leitura do texto “Todos contra o Aedes aegypti”



Fonte: Acervo das autoras.

Durante a leitura do texto “Todos contra o Aedes aegypti” os alunos mostraram-se interessados. Pediam para fazer a leitura, enquanto eles acompanhavam.

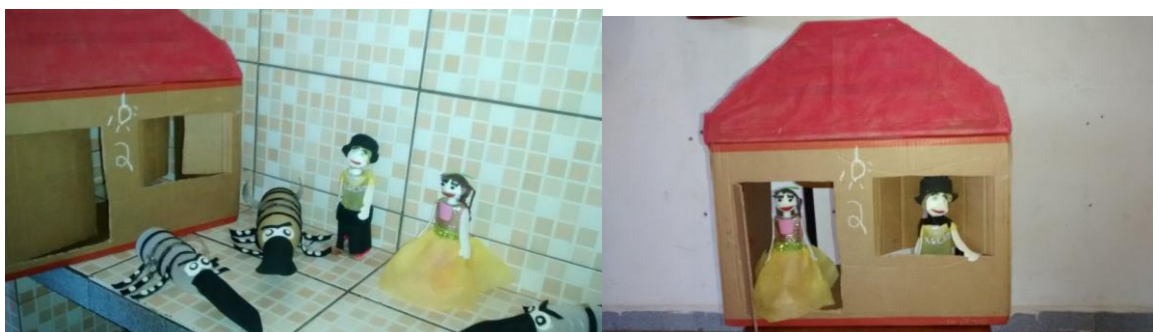
Figura 7 - Confeção do panfleto



Fonte: Acervo das autoras.

Durante a terceira etapa foi exibida uma peça teatral que tinha personagens confeccionados com materiais reciclados (Figura 8), a exemplo do mosquito *Aedes aegypti*, que foi feito com garrafa de iogurte, pedaços de garrafa pet e emborrachado, assim como um menino e uma menina confeccionados com bolinhas de desodorante roll-on, parte de potes de cola branca, copos de iogurte, emborrachado e TNT, e mais, uma casinha feita com papelão e tinta guache, na qual o enredo da história se desdobrou. Logo após, avaliou-se de forma lúdica e significativa os conhecimentos que foram adquiridos no decorrer do projeto, para que pudesse sofrer solução de continuidade na próxima etapa. Todos os alunos sentaram no chão e vibraram com cada personagem. Em alguns momentos, os mosquitos passavam em cima deles e os mesmos gritavam era como se fosse o mosquito de verdade.

Figura 8 - Teatrinho



Fonte: Acervo das autoras.

E por fim, na quarta etapa, utilizou-se um jogo de tabuleiro que representou de maneira lúdica o contexto no qual se desdobra o drama vivenciado pela sociedade no momento atual, relacionado ao mosquito *Aedes aegypti* e suas implicações, ou seja, durante o decorrer do jogo cada equipe elegeu um participante, como seu representante, o qual era sucedido no término de cada partida e assim todos se sentiram contemplados com o atributo de representar os seus respectivos grupos.

O tabuleiro simbolizava um espaço urbano, que era constituído de casas e em cada uma se encontrava um cartão com curiosidades escritas, que eles tinham que interpretar, para que pudessem entender a razão de estarem retrocedendo ou avançando, tais curiosidades eram descritas pelas seguintes frases: Os pneus estão fora de uso e você os deixou secos e em local coberto, pule duas casas; Você deixou os pratinhos das plantas com água acumulada e não os lavou, volte duas casas; Você colocou o lixo em sacolas plásticas, em recipientes com tampa e não o jogaram em terrenos baldios, quintais ou ribeiras. Avance duas casas; Você foi infectado pelo mosquito, vá ao posto de saúde que está na casa 9. (Figuras 9). Foi muito divertido, todos participaram e o mais importante é que conseguiram aprender o conteúdo e não houve nenhuma pergunta sem resposta.

Figura 9 - Jogo de Tabuleiro



Fonte: Acervo das autoras.

(Figura 10). Na conclusão da intervenção pedagógica, os alunos expuseram o que aprenderam para as outras classes.

Figura 10 - Construção da mosquiteira



Fonte: Acervo das autoras.

Alunos: *Tia como é que o mosquito vai ficar aqui dentro?*

Professora: *O mosquito fêmea vai soltar os ovos que ao descer vão ficar na água que vocês colocaram embaixo, quando ele eclodir, o mosquito vai tentar sair mas não vai conseguir, porque ficará preso na rede que vocês colocaram na boca da garrafa, assim o mesmo irá morrer.*

Aluno 1: *Ah tia, entendi.*

Aluno 2: *Vou fazer em casa.*

Aluno 3: *Vou dizer pra minha mãe, agora o mosquito vai morrer.*

Professora: *Muito bem se cada um fizer sua parte vamos acabar com o mosquito!*

Alunos: *Eh, Zica zero, Zica zero!!!*

4 CONCLUSÃO

Diante da gravidade da situação atual acima referida, nós da área de educação, não poderíamos nos manter indiferentes, ou seja, não empreendermos ação alguma, que viesse contribuir para a reversão ou pelo menos a minimização do quadro em foco. Considerando que a nossa missão é colocar o ser humano nos trilhos do conhecimento, tal projeto teve como ponto central a discussão de informações a respeito do mosquito *Aedes aegypti* e as implicações do seu contato com o ser humano, utilizando diversas formas de linguagem. Trabalhamos no sentido de levar o alunado, que é o nosso público alvo, à consciência de que somos todos corresponsáveis pela vitória, na guerra que hoje

ocorre entre o mosquito acima referido e o ser humano, pois se vencermos, todos venceremos juntos, mas se perdermos a derrota também será compartilhada.

Provocamos ao mesmo tempo nos aprendizes, o despertar para o fato de que cada fração de segundo é preciosa nessa batalha que agora acontece. Estimulamos também o processo do aprender, levando-os a reconhecerem que se fizermos tudo que nos é devido fazer, poderemos acabar com o perigo da dengue. Ainda que o ser humano seja superior ao mosquito, que os nossos recursos sejam superiores aos deste, que enquanto as armas daquele são limitadas e a inteligência do ser humano sem limites, esta guerra não tem dia previsto para acabar. Prevenir sempre, lutar contra, até um dia... Desistir nunca!

O resultado da execução da intervenção se mostrou satisfatório, pois tivemos o propósito de dar ao processo de aprendizagem o caráter significativo, não perdendo de vista a intencionalidade de dar à ciência uma linguagem cada vez mais acessível à criança. O projeto teve também como intenção, estimular nos alunos o sentimento de corresponsabilidade e despertar nos mesmos, a ideia de um mundo sistêmico em que tudo está conectado a tudo, pelo qual todos são responsáveis.

As etapas se desdobraram de forma contínua e explicativa. Enquanto o projeto se processou, buscamos diagnosticar a existência dos conhecimentos prévios, que os alunos traziam consigo quanto ao tema abordado e a transposição didática do tema de forma a garantir uma mudança conceitual e uma conseqüente conscientização.

REFERÊNCIAS

BUSCATO, Marcela. RODRIGUES, Ana Helena. **Porque estamos perdendo a guerra: O que deu errado no combate ao *Aedes*, e como consertar isso.** ÉPOCA. São Paulo (SP). Jardim Paulista. P.64- 70. ed.921.8 de fevereiro de 2016.nº921.2016.

CARVALHO, Anna Maria Pessoa; Barros, Marcelo Alves; Gonçalves, Maria Elisa Rezende; Rey, Renato Casal & Vannucchi, Andréa. **Infantosi. Ciências no Ensino Fundamental: o conhecimento físico.** São Paulo: Scipione, 1998.

COLL, Cesar. Construtivismo e educação: a concepção construtivista do ensino e da aprendizagem. In: COLL, CESAR; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS Jesus. **Desenvolvimento psicológico da educação: psicologia da educação escolar.** Porto Alegre: Artmed. 2004.

COLL, Cesar e SOLÉ, Isabel. Os professores e a concepção construtivista. In: COLL, Cesar; MARTIN, Helena; MAURI, Tereza; MIRAS< Mariana; ONRUBIA< Javier; SOLÉ, Isabel; ZABALA, Antoni. **O construtivismo em sala de aula.** São Paulo: Editora Ática. 2004.

ESPINOZA, Ana, **Ciências na escola**: Novas perspectivas para a formação dos alunos. São Paulo: Ática, 2010.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **História e ação do ‘Aedes aegypti’**. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/rededengue/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inford=230&sid=3>
Acessado em 02/04/16.

PORTAL DO PROFESSOR. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. Portal do Professor. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br./index.html>>. Acesso em: 02/04/16.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa**: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

III ENCONTRO MULTIDISCIPLINAR DA FACULDADE AMADEUS

ÁGUA: fonte da vida¹

Gabriela Brás Dos Santos²

Geane Rosas³

Talita Brás Dos Santos⁴

RESUMO

Este trabalho visou sensibilizar os alunos em relação à cultura de preservação da água, mostrando suas múltiplas formas de uso, seus ciclos da mesma, sua importância para a vida e para a história dos povos. O projeto com o tema “água, fonte de vida” que se propôs aqui, apresentou para as crianças uma visão ampla que envolve inúmeros problemas, que o mundo atual vem enfrentando com relação à falta de água. O projeto teve como objetivo geral, conscientizar os alunos de uma forma que eles passem os conhecimentos adquiridos adiante, em sua comunidade escolar e familiar. Através das experiências e dos conhecimentos formados a partir das representações que já estão nos seus esquemas mentais, os alunos puderam perceber a dependência dos seres vivos em relação ao meio ambiente, em especial a água numa aprendizagem significativa, contribuindo, assim, para mudanças de hábitos.

Palavras-Chave: Pesquisa-ação. Projeto didático. Sensibilização ambiental. Pesquisa-ação.

ABSTRACT

This project aimed to help students in public awareness work in relation to the culture of water conservation, showing its multiple forms of use, the cycles of the same, their importance to the life and history of peoples. Working with the theme "Water, source of life" that is proposed here, presented to children a wide vision that involves numerous problems that the world today is facing with regard to lack of water. The overall goal of the

¹ Trabalho apresentado à disciplina Fundamentos e Métodos do Ensino de Ciência do Curso de Pedagogia da Faculdade Amadeus, sob orientação da Prof. Dra. Maria Auxiliadora Santos

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Faculdade Amadeus. E-mail: gabrielafama_fies@hotmail.com.

³ Graduanda do Curso de Pedagogia da Faculdade Amadeus.

⁴ Graduanda do Curso de Pedagogia da Faculdade Amadeus.

project was to educate the students in a way that they passed on the knowledge acquired in their school and family community. In this project, through the experiences and knowledge formed from the previous knowledge of each student, students can perceive the dependence of living beings on the environment, especially water through meaningful learning, contributing to changes in habits.

Keywords: Action Researcher. Project. Water. Preservation. Awareness. Action research.

1 INTRODUÇÃO

O artigo mostra o resultado de uma intervenção pedagógica realizada no terceiro ano do Ensino Fundamental como parte da disciplina Fundamentos e Metodologia do Ensino de Ciências, do curso de Pedagogia. Teve por meta proporcionar aos alunos uma diversidade de experiências, com participação ativa, para sensibilizá-los sobre as questões relativas à água no meio ambiente e assumir de forma independente e autônoma, atitudes e valores voltados à sua proteção e conservação. Além disso, analisa a importância da água para a vida de todos os seres do planeta e a iminente diminuição da mesma a cada dia, devido a problemas com poluição e desperdício, entre outros.

Esse tema foi escolhido visando sensibilizar e conscientizar o aluno no intuito de que ele se torne um transmissor de informações para toda a comunidade, chamando atenção para o uso racional da água e da preservação do meio ambiente, como forma de garantir seu uso para as futuras gerações. Partimos das experiências já vividas pelos alunos no seu âmbito familiar, para contribuir na formação de cidadãos conscientes, aptos para decidirem e atuarem diante da realidade que o mundo vem enfrentando com a poluição e a escassez de água.

Para isso, foi necessário ir além de informações e conceitos, mas discutimos atitudes e formação de valores, que serão apreendidos na prática do dia a dia, no meio social, contribuindo para solidificação do conteúdo.

Foi uma pesquisa qualitativa, seguindo a metodologia da pesquisa-ação. Trabalhamos com objetivo-obstáculo, e buscamos respostas para a seguinte questão de pesquisa: Qual é o objetivo-obstáculo para a criança entender os estados físicos da água?

2 O CONSTRUTIVISMO E O PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Segundo Zabala (1998), o construtivismo é uma concepção sobre como se produzem os processos de aprendizagem. A concepção construtivista reúne uma série de princípios que permitem compreender a complexidade dos processos de ensino-aprendizagem, o que implica na construção do conhecimento quando se articula em torno da atividade intelectual. Os esquemas cognitivos se tornam mais complexos e mais ricos, quando são revisados e modificados para serem adaptados à realidade.

Para o autor (op. cit.), os alunos têm que fazer comparações entre o novo e o velho, identificar semelhanças e diferenças para integrá-las em seus esquemas, desencadeando assim esse processo. Na medida em que isso acontece ele está produzindo uma aprendizagem significativa. A aprendizagem se torna mecânica e superficial, quando estas condições não estão presentes, então, são facilmente esquecidas na estrutura cognitiva. Para a aprendizagem significativa é necessário o papel ativo do aluno.

O autor ainda argumenta que o educador dispõe as condições para que a construção que o aluno faz seja mais ampla ou mais restrita, oriente-se num sentido ou noutro, através da observação dos alunos, da ajuda que lhes proporciona para que utilizem seus conhecimentos prévios, da apresentação que faz dos conteúdos. Mostra seus elementos essenciais, relacionando-os com o que os alunos já sabem e vivem, proporcionando-lhes experiências para que possam explorá-los, analisá-los conjuntamente e de forma autônoma, utilizá-los em situações diversas, avaliando a situação em seu conjunto e reconduzindo-a quando considera necessário. Dessa forma, a intervenção pedagógica é dada como uma ajuda ao processo de construção do conhecimento pelo aluno e nessa intervenção cria-se zonas de desenvolvimento proximal (ZDP). O ensino-aprendizagem é considerado um processo dirigido a superar desafios que possam ser enfrentados e que façam avançar a aprendizagem.

Para a Escola da Vila (1999) uma maneira de superar as práticas atuais, pode ser o uso dos projetos didáticos, que têm como objetivo fazer com que o aluno seja responsável pela produção do seu conhecimento. O projeto didático visa também, promover a utilização do saber não apenas na sala de aula, essa prática leva o aluno à construção do conhecimento. É a ferramenta que permite relações com o exterior da

escola apoiado na realidade dos alunos. Isso leva às grandes responsabilidades e permite que o aluno não dependa apenas de escolhas do professor.

A Escola da Vila (op. cit.) considera que um projeto é constituído por atividades significativas que são encadeadas de acordo com uma dupla orientação: os objetivos didáticos traçados pelo professor e a produção esperada. Depende do grupo de alunos: interesse, motivação, conhecimento prévio, entre outros, isso levará os alunos à participação ativa. O professor também é fundamental não apenas na condução do processo, mas também na definição do tema ou da questão favorecedora do projeto. As atividades integrantes de um projeto devem permitir que os alunos produzam uma atividade significativa, que seja colocado pelo sujeito um novo conhecimento. O professor deve estar atento para que as situações que propõe permitam aos alunos que, de fato, construam uma representação de algo que existe objetivamente, procurando evitar que se limite a uma aprendizagem mecânica e repetitiva.

Bizzo (2009) trata das dificuldades do ensino de ciências nas escolas brasileiras, essas dificuldades configuram até mesmo uma verdadeira “cultura” do fracasso escolar na área de ciências e da necessidade de superar as práticas atuais. Chama atenção para a importância de considerar o conhecimento cotidiano, no ensino-aprendizagem de ciências. A realidade da ciência é uma verdade diferente das outras, não é por ser diferente que a verdade da ciência seja melhor do que os outros conhecimentos.

Para o autor (op. cit.), no conhecimento cotidiano e no científico não existem contradições ou que um esteja correto e o outro errado. O conhecimento cotidiano normalmente é analisado à luz do conhecimento científico, o que se torna uma imagem negativa e diferente. É visto como denominador comum daquilo que um grupo coletivamente acredita. O conhecimento científico tem especialidades que se transformam em ferramentas poderosas no mundo moderno, ele não convive pacificamente com contradições. A tarefa da escola não pode ser feita apenas levando-se em conta as características próprias do conhecimento, mas deve também levar em consideração as características dos alunos, sua capacidade de racionar e seus conhecimentos prévios.

Espinoza (2010) analisa o conceito de objetivo-obstáculo de Jean Louis Martinand e retoma a noção de obstáculo epistemológico usada pela primeira vez em 1948, por Gaston Bachelard. Considera que ao se estudar as condições psicológicas do progresso da ciência, rapidamente se conclui que é preciso formular o problema do conhecimento científico tendo em vista os obstáculos, que impedem o entendimento pela criança. Não

se trata de considerar os obstáculos externos, como a complexidade ou a fugacidade dos fenômenos, nem de culpar a fragilidade dos sentidos ou do espírito humano: está no próprio ato de descobrir, intimamente, onde aparecem, por uma espécie de necessidade funcional, os entorpecimentos e as confusões.

Espinoza, (2010, p. 67) também faz referências a esta questão:

[...]. Choquei-me muitas vezes com o fato de os professores de ciências [...] não compreenderem que não se compreenda [...]. Não refletem sobre o fato de que o adolescente chega ao curso de física com conhecimentos empíricos já constituídos; não se trata, portanto, de adquirir uma cultura experimental, mas de mudar uma cultura experimental, de derrubar os obstáculos acumulados ao longo da vida cotidiana.

A autora continua argumentando que o professor sabe que o aluno já viveu diversas experiências no seu cotidiano e cabe ao professor agir como mediador entre essas experiências e o conhecimento científico. Ele deve despertar no aluno a vontade de adquirir o conhecimento científico para explicar suas experiências vividas. Somente através desta atitude é que será quebrada essa barreira da cultura experimental, pois devemos buscar cada dia mais respostas para os questionamentos que surgem.

Faz, ainda, referência ao exemplo da experiência da mistura do cloreto de sódio e da água, realizada em sala de aula. Muitos alunos já devem ao longo da vida ter realizado essa experiência, porém paramos para analisar se esta mistura gerou uma nova substância? Se no copo estava uma mistura homogênea ou heterogênea? Enfim, questionamentos que foram levantados em classe, onde todos contribuíram com as respostas e chegaram à conclusão após a explicação científica ocorrida no processo.

Para Espinoza (op. cit.) o professor costuma ver as representações apenas como algo que se opõe ao aprendizado, mas, para os alunos, eles são recursos intelectuais que ajudam a pensar, ou seja, nesse contexto as representações dos alunos não são vistas como algo que acrescenta, que contribua para o seu aprendizado. O professor não enxerga dessa forma, porém para o aluno essas representações são recursos intelectuais indispensáveis, são saberes que ajudam a elevar seus conhecimentos. O conceito de objetivo-obstáculo propõe um movimento pelo qual essas representações deveriam localizar-se no cerne de uma proposta pedagógica, no sentido que as ideias, as representações dos alunos sejam mais valorizadas, que o professor escute mais o que o aluno tem a dizer. As indagações dos educandos deveriam ser o cerne dessa questão pedagógica, ou seja, o ponto principal.

A autora anteriormente citada conclui que o ensino de ciências deve contemplar um árduo trabalho em torno daquelas ideias que um sujeito constrói espontaneamente e por si só em interação com o mundo. O indivíduo aprende sim, tanto sozinho, quanto em interação com o outro, ele é capaz de construir seus conhecimentos suas aprendizagens. Motivar os alunos a fazer experiências faz bem para a construção do conhecimento e também para uma aprendizagem significativa, os professores têm que estar atentos para ajudar os alunos a superar os obstáculos para a aprendizagem. A possibilidade de superar um obstáculo é visualizada como o final de um longo processo durante o qual, por meio de diversas e variadas situações, em diferentes momentos da escolaridade, o aluno tenha tido a oportunidade de trabalhar com as representações de que ele dispõe para explicar os fenômenos. Portanto, a didática do ensino de ciências deve considerar como objetivos os obstáculos epistemológicos para a aprendizagem.

3 DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Aplicamos o projeto em uma escola estadual, localizada em Nossa Senhora do Socorro, no Fernando Collor, na turma do quinto ano do Ensino Fundamental, em uma turma formada por 27 alunos entre 09 e 10 anos de idade. No primeiro dia do projeto trabalhamos o tema o ciclo da água, iniciamos perguntando como chovia, com o intuito de conhecer os conhecimentos prévios dos alunos sobre o ciclo da água. Alguns alunos explicaram como ocorre a chuva assim:

Aluno 1 - Gabriel: *A água sobe para o céu, e desce em forma de chuva.*

Aluno 2 - Esthefany: *O vapor sobe para as nuvens, aquece, aí chove.*

Aluno 3 – Jhonatan: *O sol derrete a água, as águas sobem, e depois chove.*

Após as explicações dadas pelos alunos, para problematizar, perguntamos de onde vinha a água que subia, alguns falaram que era do mar, outros dos rios e maré, e alguns disseram que eram todas as opções. Ficamos impressionadas quando um aluno falou que a água que subia em forma de vapor também vinha das roupas do varal. Como alguns alunos citaram na explicação de como chovia, que a água subia em forma de vapor, para conhecer mais sobre suas ideias, perguntamos quais os estados físicos da água durante seu ciclo. Alguns alunos disseram:

Aluno 4: *a água evapora, lá em cima forma nuvens aí vira gelo, e depois chove em gotas.*

Aluno 5: *a água sobe em gás, lá em cima vira gelo, depois chove em líquido.*

Aluno 6: *ela sobe em forma de vapor, fica gelo lá em cima e cai em forma de chuva.*

As respostas mostravam conhecimento sobre o tema, todos participaram usando suas próprias palavras e de acordo com seu conhecimento. O aluno Lucas apenas citou os estados físicos da água: “a água passa pelos três estados físicos: líquido, sólido e gasoso”.

Muitos tiveram dúvidas se a água vira nuvem ou se a água vai para a nuvem. Encaminhamos, então, uma discussão e eles puderam compartilhar com suas ideias sobre o tema, o que os instigou a refletir de maneira mais aprofundada sobre as ideias que já possuíam. Assim, quando os alunos davam uma explicação sobre o ciclo da água, fazíamos intervenções que problematizavam e colocavam em discussão os aspectos levantados, favorecendo, assim, que eles fossem repensando o que sabiam sobre o tema.

Para Zabala (1998) a concepção construtivista é observada nos âmbitos da psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem, compreendendo a complexidade dos processos de ensino e aprendizagem e que se articulam em torno da atividade intelectual que está ligada com a construção de conhecimento. Nossa construção está relacionada a uma rede de esquemas de conhecimentos. São as representações que a pessoa possui e ao longo da vida são revisados e modificados, tornam-se mais complexos e adaptados à realidade, mais ricos em relações. O nível de desenvolvimento dos conhecimentos prévios está ligado à natureza dos conhecimentos do aluno. Para que os alunos possam ter realmente um processo de aprendizagem é necessário descobrir o novo, comparando e buscando novas informações e também buscando novos resultados e experiências, construindo e revisando conteúdos. Dessa forma, ele construirá uma aprendizagem significativa. Assim, poderá tirar suas próprias conclusões e acomodar os conhecimentos em seus esquemas mentais impedindo que sejam facilmente esquecidos.

Dando continuidade à intervenção fizemos, então, uma experiência (Figura 1 e 2). Utilizamos uma tigela transparente com água quente e um prato de vidro tampando a tigela. Colocamos cubos de gelo no prato e quando o vapor da água chegava à superfície onde estava o prato o vapor condensava, deixando assim o prato todo molhado pela parte de dentro o que simbolizava a chuva quando essa água pingava novamente na tigela.

Figura 1 - experiência de ciclo da água



Fonte: Acervo das autoras.

Figura 2 - experiência de ciclo da água



Fonte: Acervo das autoras.

Perguntamos o que aconteceu durante a experiência e Jh disse: *a água quente é o mar, a água quente evaporou e foi para cima onde fica as nuvens, que é o prato com gelo, depois que acumula a água a nuvem fica pesada e chove, que é o “suor” do prato pingando.*

Muitos alunos concordaram com Jh. Porém, a Vitória disse que a tigela com água poderia ser o mar, os rios e os lagos.

Os alunos já possuíam um conhecimento prévio sobre o ciclo da água e à medida que íamos intervindo com perguntas, eles iam respondendo de acordo com o seu conhecimento. Espinoza (op. cit.) argumenta que podemos então estabelecer uma relação entre a ideia, já mencionada, de conhecimentos prévios ou representações ingênuas e o conceito de obstáculo epistemológico.” Costuma-se utilizar com frequência a analogia do *iceberg* para explicar a relação entre as duas noções: as representações ingênuas podem ser associadas à região observável, a que se vê acima da superfície” (ASTOLFI, 1994 apud ESPINOZA, 2010, p. 68).

Os alunos tinham conhecimento sobre o ciclo da água, mas não conseguiam abordar esta questão do ponto de vista da estrutura da matéria, que seria considerado o principal obstáculo, para entender a transformação. Isto é, saber que a matéria é constituída de pequenas partículas (moléculas) que estão em movimento.

Para a autora (op. cit.), essas experiências dão oportunidade para o aluno observar empiricamente que a água sofre transformações, o que, fazendo analogia com o *iceberg*, seria o que o aluno pode interpretar com as suas representações. Porém, a parte submersa, o obstáculo apresentado para o conhecimento mais aprofundado dessa experiência, seria entender que a matéria é formada de partículas e essas partículas estão sempre em movimento e nesse caso, com a influência da temperatura pode sofrer

uma transformação física. Nem sempre o aluno tem conhecimento para superar esses obstáculos epistemológicos.

Após a primeira socialização das ideias pedimos aos alunos que desenhassem como ocorria o ciclo da água, para expressarem que entenderam. Os resultados foram incríveis, surpreendemo-nos. (Figuras 3 e 4).

Figura 3 - Desenho do ciclo da água



Fonte: Acervo das autoras.

Figura 4 - Produção das crianças



Fonte: Acervo das autoras.

No segundo dia falamos sobre a importância da água. Iniciamos fazendo uma revisão sobre o que sabiam acerca de economizar água e da importância da água para a humanidade. Discutimos com os alunos dicas fundamentais de como economizar água, focando no que os alunos entendiam sobre o tema. Os alunos demonstraram já ter superado alguns obstáculos para entendimento do ciclo da água e alguns deram excelentes dicas.

Aluno 7: lavar o banheiro com a água da máquina de lavar roupas.

Aluno 8: desligar o chuveiro para passar sabonete.

Aluno 9: deligar a torneira quando estiver escovando os dentes.

Aluno 10: não varrer a calçada com a água da mangueira, usar a vassoura, não a água.

Com as informações dadas pelos alunos, iniciamos uma reflexão sobre o desperdício de água. Passamos o vídeo “carta escrita em 2070”, com o objetivo de mostrar efeitos do desperdício da água. Depois de assistirmos ao vídeo, realizamos uma discussão sobre as consequências futuras, caso a água continuasse sendo usada de forma inconsequente, fazendo assim um levantamento sobre o que pensavam a respeito do desperdício de água.

Após a discussão separamos a turma em grupos, quando foram elaborados cartazes, conscientizando a escola para não desperdiçar água. Esses cartazes foram colocados no entorno da escola. Retomamos com os alunos o que discutimos ao longo da sequência, voltando a refletir sobre a compreensão da importância da água em nossas vidas, na saúde no dia a dia e como ocorre o seu ciclo.

Para Zabala (1998), os professores precisam perceber os alunos para seu trabalho ter efeito e resultados positivos, de forma que o aluno possa modificar seus conhecimentos através das experiências. Deve-se trabalhar a mente do aluno de forma que construa e reconstrua seus conhecimentos e supere os desafios diários e com isso ele possa ter uma aprendizagem significativa.

4 CONCLUSÃO

Concluimos que a intervenção foi uma forma de refletirmos sobre as questões teóricas relacionadas com o ensino-aprendizagem de ciências. E, com a questão de pesquisa, “Qual é o objetivo-obstáculo para a criança entender os estados físicos da água?”, pudemos discutir o uso da pedagogia de projetos, em uma ação dentro dos pressupostos construtivistas de aprendizagem e levar os alunos à uma aprendizagem significativa.

Procuramos descobrir quando apareciam os obstáculos para entendimento do conceito de transformações físicas da água e valorizamos as representações iniciais dos alunos, tornando possível, através das experiências, fazer com que eles entendessem a estrutura da matéria e suas transformações. Foi possível superar as práticas atuais do ensino de ciências e fazer com que os alunos ficassem motivados e, assim, tirassem suas próprias conclusões e acomodassem os conhecimentos em seus esquemas mentais, com a possibilidade de não esquecer-los.

A proposta de aprender mais sobre o ciclo da água e a sua importância tal como, as formas que podemos economizar a água, é uma das ações que os alunos podem desenvolver para reduzir o desperdício desse recurso natural. Outra forma é cuidar melhor do meio ambiente, olhar cuidadosamente para as ações cotidianas, como escovar os dentes com a torneira fechada, por exemplo, e perceber o quanto eles podem colaborar para sua preservação utilizando racionalmente os recursos disponíveis.

REFERÊNCIAS

- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros e Curriculares nacionais:** meio ambiente saúde. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília 1997: 128p. Vol. 9.
- ESCOLA DA VILA. **O que são projetos e como podem ocorrer nas séries de Ensino Fundamental.** Seminário em Curitiba- out. 99. Mimeografado
- ZABALA, Antoni. **A pratica educativa:** como ensinar. Porto Alegre. Artmed, 1998.
- BIZZO, Nélío. **Ciências:** fácil ou difícil?. São Paulo: Editora Biruta, 2009
- ESPINOZA, Ana. **Ciências na escola:** novas perspectivas para a formação dos alunos São Paulo: Editora Ática, 2010.

COMPROVANDO A EXISTÊNCIA DO AR PARA UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA¹

Lucélia de Almeida Santos Oliveira²

Gisele Lima de Oliveira³

Matheus Henrique dos Santos Felix⁴

RESUMO

O presente artigo relata a aplicação do projeto didático de ciências, realizado com alunos do segundo ano do ensino fundamental. Teve como principal objetivo proporcionar o ensino de ciências através da investigação, utilizando experiências e favorecendo a construção de uma aprendizagem significativa.

Palavras-Chave: Aprendizagem significativa. Investigação. Construção de conhecimento. Pesquisa-ação.

ABSTRACT

This article reports on the application of the science didactic project, carried out with students of the second year of elementary school. Having as main objective to prove the existence of air, through practical experiences, favoring the construction of a meaningful learning.

Keywords: Meaningful learning. Investigation. Construction of knowledge. Action research.

¹ Trabalho apresentado à disciplina Fundamentos e Métodos do Ensino de Ciência do Curso de Pedagogia da Faculdade Amadeus, sob orientação da Prof. Dra. Maria Auxiliadora Santos.

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Faculdade Amadeus.

³ Graduanda do Curso de Pedagogia da Faculdade Amadeus.

⁴ Graduando do Curso de Pedagogia da Faculdade Amadeus.

1 INTRODUÇÃO

O ar é um assunto presente nos itens dos conteúdos programáticos da maioria dos livros didáticos escritos para o Ensino Fundamental. O ar é matéria e ocupa um lugar no espaço. Por ele ser invisível aos nossos olhos precisamos desenvolver práticas pedagógicas em que os alunos possam perceber de forma mais concreta a existência do ar em todos os espaços vazios, ou seja, em todos os espaços que não estão ocupados por outra matéria.

O projeto teve como objetivo desenvolver uma aprendizagem significativa sobre a importância do ar e como podemos comprovar a existência dele. Elaboramos o projeto para ser aplicado com 26 alunos, do segundo ano do ensino fundamental da Escola Municipal Barquinho Amarelo, localizada no município de Nossa Senhora do Socorro, Sergipe. O projeto foi aplicado em duas etapas, nos dias 03 e 04 de setembro de 2016, dividido em duas aulas, totalizando oito horas no total.

Demonstrar a existência do ar através de experiências práticas favorece a construção do conhecimento. Promove a participação ativa dos alunos em atividades práticas dando a oportunidade de levantarem hipóteses para a resolução de problemas, instigando a curiosidade das crianças pelo mundo natural, formulando perguntas, imaginando soluções, buscando informações, manifestando opiniões próprias, tendo a oportunidade de vivenciar na prática o que, na maioria das vezes, só é ensinado na teoria.

O vento é o ar em movimento, também é a forma como as crianças comumente percebem a sua existência. Diante disso abordamos a geração de energia eólica e a importância dessa energia para a proteção do meio ambiente.

No início tivemos dúvidas se iríamos atingir o objetivo do projeto, pois, não tínhamos certeza se crianças com 7 e 8 anos de idade iriam ter interesse em estudar e investigar algo que não é concreto. Diante disso, buscamos desenvolver atividades que os envolvessem no assunto de forma lúdica e prática.

O projeto teve como objetivo geral proporcionar o ensino de ciências através da investigação. Assim, as crianças tiveram oportunidade de levantar hipóteses para resolução de problemas inserindo-as na iniciação científica através de experiências que comprovam que o ar está presente em todos os espaços não ocupados por outra matéria.

Como objetivos específicos determinados: Possibilitar a construção de uma aprendizagem significativa por meio de aulas práticas; participação ativa do aluno na

realização de experiências; comprovar que o ar existe; que o ar é invisível aos nossos olhos; que o ar é matéria e ocupa um lugar no espaço; que o vento é o ar em movimento e que esse movimento é capaz de produzir energia eólica; que é uma energia limpa que não agride o meio ambiente.

2 PRIMEIRA ETAPA DA APLICAÇÃO DO PROJETO

2.1 Discussão Inicial: onde está o ar?

Iniciamos a aplicação do projeto fazendo as seguintes perguntas aos alunos:

- *Vocês acham que o ar existe? Onde podemos encontrá-lo?*

As perguntas iniciais abriram uma discussão sobre o assunto, surgindo várias respostas e também várias perguntas. Todos queriam participar dando sua contribuição sobre o que já sabiam com relação à existência do ar.

Seguimos com nossa aula prática convidando os alunos a dar uma volta no pátio da escola. Cada criança recebeu um brinquedo bolha de sabão e eles rapidamente, fazendo surgir soprar e foram surgindo várias bolhas.

Ao retornarmos para a sala, fizemos algumas perguntas sobre o que eles observaram enquanto sopravam as bolhas de sabão no pátio.

Professores:

- *Vocês perceberam a presença do ar?*

Alunos:

- *Sim*

Professores:

- *Onde o ar estava?*

Alunos:

- *Na nossa boca.*

- *No vento.*

- *Ao redor da gente.*

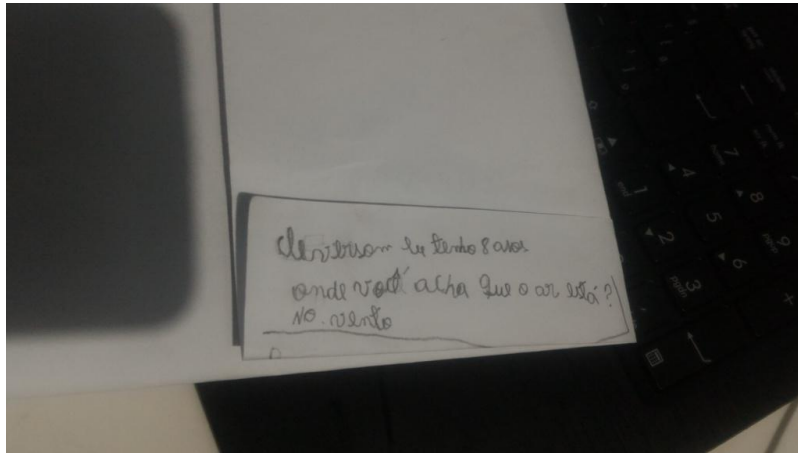
- *Em todos os lugares.*

Professores:

- *Como assim em todos os lugares?*

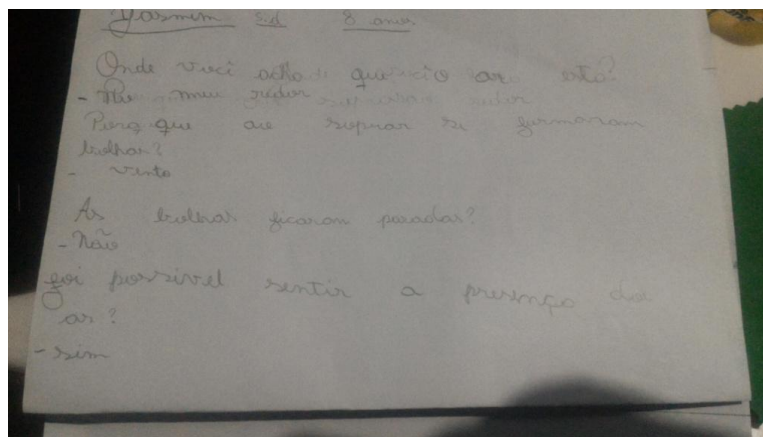
Pedimos que os alunos registrassem suas conclusões no papel.

Figura 1 - Registro aluno A, 8 anos



Fonte: Acervo dos autores.

Figura 2 - Registro aluno B, 8 anos



Fonte: Acervo dos autores.

2.2 Comprovando a Existência do Ar

Professores:

- *Agora nós temos um desafio para vocês.*

Usando essa folha de papel vocês terão que descobrir uma maneira de comprovar a existência do ar.

Alunos:

- *Mas como iremos fazer isso?*

Professores:

- *Vocês terão que descobrir!*

Alunos:

- Já sei, vou fazer um leque e quando eu me abanar vou sentir o vento e provarei que o ar existe.

- Eu vou fazer um avião e jogá-lo no ar.

- Eu vou usar o papel para desenhar.

Após trocarem ideias os alunos começaram as produções comprovando a existência do ar usando apenas uma folha de papel.

2.3 Construindo Conceitos

Construir conceitos sobre algo que não podemos tocar não é tarefa fácil, especialmente quando se trata do ensino de crianças. Desenvolver a prática pedagógica possibilitando a interação da criança com práticas experimentais é um importante recurso metodológico para facilitar o processo de ensino- aprendizagem, sobretudo quando se trata do ensino de ciências nos anos iniciais do ensino fundamental. As crianças possuem uma curiosidade natural da idade, o professor pode usar essa curiosidade como uma ferramenta para promover atividades que permitam a participação ativa da criança em experimentos práticos, aliando a teoria com a prática, despertando o interesse do aluno em estudar ciências por meio da investigação, da constatação de como ocorre determinado processo. Transformando o aluno em sujeito da sua própria aprendizagem, dando a oportunidade para que ele desenvolva habilidades e competências necessárias para o desenvolvimento da aprendizagem científica. Para Penin e Vasconcellos (1994; 1995 apud DEMO, 2011, p. 9) “a aula que apenas repassa conhecimento, ou a escola que somente se define como socializadora do conhecimento, não sai do ponto de partida, e, na prática, atrapalha o aluno, porque o deixa como objeto de ensino e instrução.”

A relação de ensino-aprendizagem deve favorecer a participação e o envolvimento do aluno em praticas onde ele perceba a importância de apropriar-se desse conhecimento. Para que esse processo ocorra de forma satisfatória para ambas as partes, ou seja, para professor e aluno, é necessário que o professor se perceba como mediador desse processo.

Ao assumir o papel de mediador pedagógico, o professor torna-se provocador, contraditor, facilitador, orientador. (...) primeiro o professor faz a leitura do conteúdo, apropriando-se dele. Em seguida, coloca-o à disposição dos alunos que, por sua vez, o refazem, o reconstróem para si, tornando-o seu, dando-lhe um novo sentido (GASPARIN, 2007, p. 113-114).

Assim como o professor deve ser um mediador desse processo, o aluno também deve reconhecer-se como um sujeito ativo dessa aprendizagem. Ele deve ser participativo, questionador, investigador, construtor de sua aprendizagem. Libâneo (1994, p. 156) ressalta que:

[...] deve-se estabelecer vínculos entre conteúdos, as experiências e os problemas da vida prática; pedir para os alunos sempre fundamentarem aquilo que realizaram na prática, mostrar a relação dos conhecimentos científicos com os de outras gerações. Cabe ao professor, em sala de aula, estimular e dirigir o processo de ensino-aprendizagem, utilizando um conjunto de ações, passos e procedimentos de acordo com o nível do grupo de alunos.

2.4 Descobrimo Formas de Guardar um pouco de Ar para Comprovar sua Existência

Para incentivar os alunos a levantarem hipóteses para resolução de problemas, distribuimos balões para eles, e lançamos o desafio.

Professores:

- *Agora vocês terão que descobrir uma forma de guardar um pouco de ar.*

Alunos:

- *Como iremos fazer isso?*

- *Posso encher?*

- *O balão deve ficar de que tamanho?*

- *E depois de cheio como vamos amarrar?*

- *E se o balão estourar?*

Professores:

- *Agora é com vocês, usem a ideia de vocês.*

Após trocarem ideias entre si eles resolveram o problema enchendo os balões. O objetivo dessa experiência foi fazer com que as crianças percebessem que mesmo o ar sendo invisível aos nossos olhos ele é matéria e ocupa um lugar no espaço. Com a realização dessa experiência, os alunos levantaram hipóteses para resolução de problemas e fizeram várias constatações, para isso eles compararam os balões, percebendo que alguns estavam maiores, outros menores, também questionaram o porquê de alguns balões terem estourado, trocaram informações entre eles. Foi uma ótima oportunidade para eles trocarem experiências e construir uma aprendizagem significativa. O ar é matéria e ocupa um lugar no espaço, mas é invisível aos nossos

olhos. Diante disso, precisamos desenvolver práticas pedagógicas que facilitem a comprovação de sua existência.

Na perspectiva Construtivista muda-se o foco de qual a melhor maneira de ensinar para qual a melhor maneira de aprender, ou seja, não basta desenvolver métodos de ensino se esses não forem compatíveis com as necessidades dos alunos. O professor deve reconhecer-se como mediador do processo de ensino aprendizagem, cabe a ele identificar qual a melhor maneira para desenvolver esse processo, orientando e incentivando a construção do conhecimento. O aluno que participa ativamente da construção do seu conhecimento, terá mais facilidade de interpretar o objeto de estudo e a partir daí criar seus próprios conceitos. O conhecimento produzido, ao contrário do reproduzido, não será facilmente esquecido e funcionará como ponte, ligando o conhecimento já existente aos novos conhecimentos adquiridos no decorrer da vida. (ZABALA, 1998)

Para possibilitar a aprendizagem significativa é necessário transformar o aluno em sujeito da ação de aprender. Cabe ao professor competente conduzir essa aprendizagem significativa, orientando o aluno permanentemente para expressar-se de maneira fundamentada, exercitar o questionamento e formulação própria, reconstruir autores e teorias, trazer a pesquisa para algo do seu cotidiano. Permitir que o aluno experimente situações problematizadas e vivencie a teoria trabalhada em sala de aula, de forma prática. A base da educação escolar é a pesquisa, e através dela é possível desenvolver no aluno o questionamento sistêmico e reconstrutivo da realidade. Essa reconstrução compreende o conhecimento inovador e sempre renovado, tendo como base a consciência crítica. (DEMO, 2011)

2.5 Avaliações da Primeira Etapa do Projeto

Usamos uma atividade com algumas figuras e pedimos que os alunos pintassem as figuras de acordo com a ordem da atividade:

- a) Pinte os objetos que produzem vento;
- b) Pinte os objetos que precisam do vento para se mover;
- c) Pinte os instrumentos musicais que precisamos sopra-lo para produzir som

Figura 3 - Aluna fazendo atividade conceitual



Fonte: Acervo dos autores.

Além da aplicação dessa atividade tivemos a avaliação contínua e participativa dos alunos. Todos eles participaram ativamente da realização de todas as discussões e das atividades que foram realizadas nessa primeira etapa. No final da aula reservamos um momento para que os alunos pudessem falar sobre como foi participar dessa aula.

3 SEGUNDA ETAPA DA APLICAÇÃO DO PROJETO

No segundo dia as crianças estavam ansiosas para saber o que iríamos fazer, qual a próxima experiência. Seguimos com a realização de mais um experimento. Os alunos foram orientados a formar grupos com quatro componentes, entregamos folhas de papel ofício e copos descartáveis, colocamos um recipiente com água em cima das mesas, pedimos para que os integrantes amassassem a folha de papel, colocassem no fundo do copo, e em seguida mergulhassem o copo dentro do recipiente com água. Alguns segundos depois pedimos que eles retirassem o copo de dentro do recipiente com água e observassem o que havia acontecido. Alguns alunos amassaram o papel demais e não conseguiram deixá-lo preso no fundo do copo, o papel acabou caindo na água e molhando, mas a maioria dos integrantes do grupo conseguiram fazer a experiência com êxito, sendo assim, entregamos mais uma folha aos alunos que não conseguiram e eles puderam repetir o experimento. Ao término da experiência os alunos fizeram os registros do que observaram na realização da experiência

Após as anotações, começamos as discussões.

Professores:

- *O que vocês perceberam?*

Alunos:

- Que o papel não molhou.

Professores:

- Por que vocês acham que o papel não molhou?

Alunos:

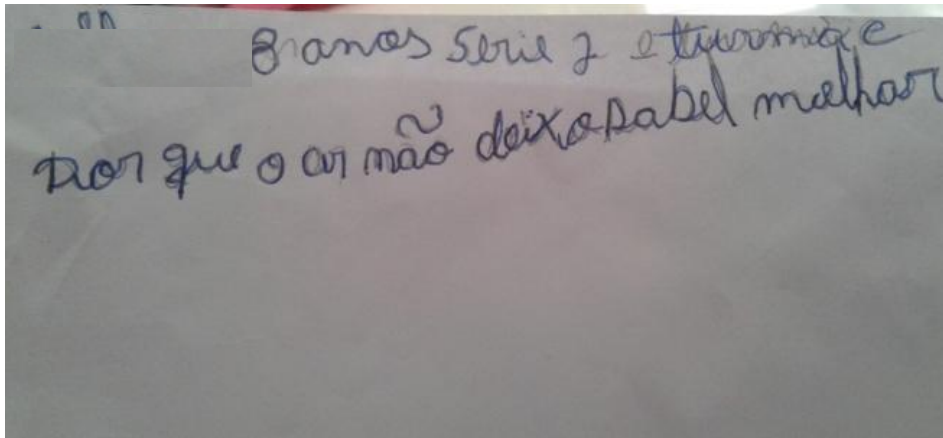
- Não molhou porque a água ficou embaixo e o papel ficou em cima.

- Não molhou porque tinha ar dentro do copo.

- Não molhou porque o copo não estava furado.

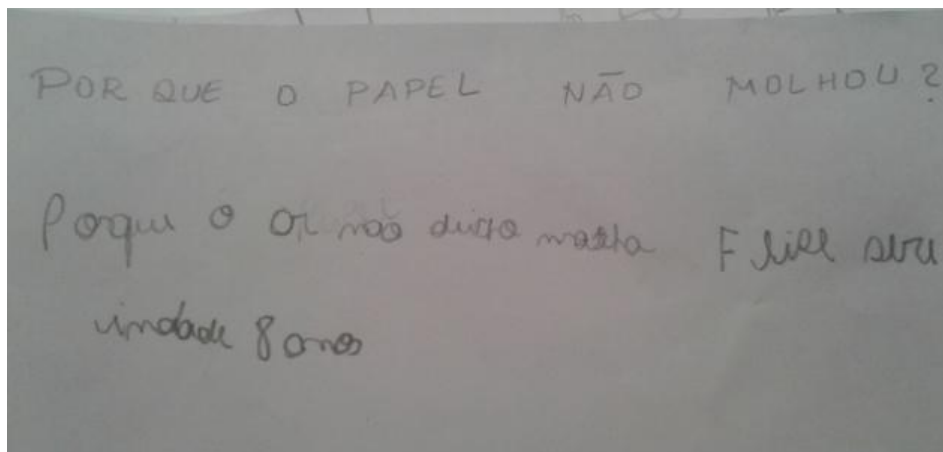
Pedimos que eles registrassem no papel suas conclusões.

Figura 4 - Registro da aluna C de 8 anos



Fonte: Acervo dos autores.

Figura 5 - Registro de D 8 anos.



Fonte: Acervo dos autores.

Os alunos **C** e **D** responderam que o papel não molhou porque o ar não deixou.

Ensinar e aprender são tarefas igualmente complexas. Assim como ensinar é um desafio para o professor, aprender também é um desafio para o aluno, pois o ensino não garante que todos os alunos irão aprender ao mesmo tempo, ou que a forma de ensinar será eficiente para todos. As pessoas são diferentes e cada um tem seu ritmo próprio para desenvolver seu processo de aprendizagem, sendo assim, cabe ao professor criar situações de ensino que possibilitem ao aluno construir seus conhecimentos. O Construtivismo é defendido por vários teóricos como sendo uma forma bastante eficiente para promover aprendizagem significativa. Aprender é muito mais que repetir o que o professor ensina, aprender é ter a oportunidade de vivenciar o aprendizado de forma a ter a capacidade de criar seus próprios conceitos com relação ao assunto que lhe foi apresentado, e assim construir seu conhecimento. (ZABALA, 1998).

Antes de desenvolver um projeto didático é essencial um planejamento detalhado de quais objetivos pretendemos alcançar. O aluno deve participar ativamente da prática do projeto. Para isso devemos escolher o conteúdo a ser trabalhado de acordo com o perfil do aluno, para que ele possa identificar com clareza a importância daquele conteúdo que está sendo trabalhado. E através da prática ele construa seu conhecimento. (ESCOLA DA VILA, 1999).

O ar faz parte dos conteúdos de quase todos os livros de ciências do ensino fundamental. Mas desenvolver um conceito de algo que não podemos ver ou tocar é um desafio para o professor que ensina e para o aluno que precisa construir o conhecimento diante das informações desse conceito.

O ar é uma porção material não visível de nosso planeta. Apesar de não poder ser observado, sua movimentação pode ser sentida quando alguém sopra sobre o nosso rosto ou quando ficamos perto de um ventilador. Essa passagem de ar sobre a superfície de nosso corpo só é possível porque o ar é material, ou seja, é composto por matéria e essa matéria em agitação passa sobre a nossa pele, nos dando a sensação de brisa. Sendo matéria, o ar é composto por uma mistura de gases e se pensarmos em termos da atmosfera terrestre, essa mistura é formada pelos seguintes gases: nitrogênio, oxigênio, carbono, metano, hidrogênio e hélio. O gás mais abundante é o nitrogênio e ele é constantemente impregnado, ou seja, agregado ao solo e aos vegetais através da ação de bactérias que vivem próximas às raízes das plantas. Esse nitrogênio chega até os demais seres vivos, incluindo nós, os humanos, através da alimentação. Nos seres humanos, o nitrogênio está na constituição das proteínas musculares, no material

genético, nas unhas, na pele e nos cabelos. O gás oxigênio é o segundo mais abundante em nossa atmosfera. A grande maioria dos seres vivos utiliza esse gás em seu processo de respiração e, indiretamente, utiliza-o também no processo de obtenção de energia a partir dos nutrientes de sua alimentação. (CIÊNCIA VIVA, 2012).

Porem essa informação não é suficiente para a criança criar um conceito sobre a existência do ar. É necessário desenvolver situações de aprendizagem que lhe possibilitem evidenciar a existência do ar de forma mais concreta. Com a realização de experiências podemos dar a oportunidade para a criança vivenciar o conteúdo, em situações práticas, favorecendo o entendimento e dando maior significado ao conteúdo que está sendo estudado. (ZABALA, 1998).

3.1 Construindo Conceito sobre a Geração de Energia Eólica

Inicialmente procuramos identificar os conhecimentos prévios dos alunos fazendo algumas perguntas.

Professores:

- *Vocês já ouviram falar sobre energia eólica?*

Observamos que a maioria dos alunos nunca tinha ouvido falar sobre esse assunto. Porém quando perguntamos se algum deles já tinha visto um cata-vento, a maioria deles responderam que sim, que havia vários deles bem longe da escola e que quando passavam pela ponte que liga Nossa Senhora do Socorro à Aracaju, eles avistavam as torres bem distantes, mas que não sabiam para que serviam.

Demos sequência à aula explicando para as crianças que o ar também é capaz de produzir energia, os cata-ventos que eles observavam ao longe fazem parte de uma usina eólica localizada, no município de Barra dos Coqueiros. Para facilitar o entendimento das crianças apresentamos dois vídeos (energia eólica- quintal da cultura e o caminho da energia eólica).

Utilizamos também um texto e algumas imagens de usinas eólicas e de residências que usam cata-ventos para produzir energia. Aproveitamos para conscientizar os alunos sobre a importância da energia eólica, explicamos que a energia eólica é uma energia limpa que não agride o meio ambiente.

Depois dos alunos construírem seus conceitos sobre energia eólica, propomos o desafio de cada grupo construir uma maquete que representasse uma usina eólica ou

uma residência que utilizasse o vento para geração de energia. Distribuímos os materiais e orientamos os alunos nas produções das maquetes.

3.2 Culminância do Projeto

Finalizamos o projeto fazendo uma exposição das maquetes e do mural com as produções dos alunos no decorrer do projeto. Também distribuímos balões e cata-ventos.

Os alunos tiveram a oportunidade de vivenciar aulas que com certeza produziram muito conhecimento. Esses momentos ficarão marcados na vida escolar deles e na nossa vida como professores.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desse trabalho demonstra como os projetos didáticos são importantes na organização metodológica do ensino. Na construção de uma aprendizagem significativa a teoria e a prática devem caminhar juntas e de forma organizada, buscando identificar os conhecimentos prévios dos alunos e desenvolvendo formas de ampliar esses conhecimentos.

REFERÊNCIAS

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 7. ed. Campinas: Autores Associados, 2011.

ESCOLA DA VILA.. **O que são projetos e como podem ocorrer nas séries iniciais de Ensino Fundamental**. Seminário 1999 (mimeografado)

ESPINOZA, Ana Maria. **Ciências na escola: novas perspectivas para a formação dos alunos**. Tradução Camila Bogéa, 1 ed. São Paulo: Ática, 2010.

GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

LIBÂNIO, J.C. **Didática**. São Paulo. Cortez,1994.

ZABALA, Antoni. **A Prática Educativa: Como Ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

CIÊNCIA VIVA. **O ar e suas propriedades**. 2012. Disponível em:
<<http://portalcienciaviva.blogspot.com.br/2012/04/o-ar-e-suas-propriedades.html?m=1>>.
Acesso em: 20 ago. 2016.

HORTA VIVA ESCOLA: Escola Aquarela do Saber¹

Vanessa Maria Silva Leite²

Maria da Conceição Cordeiro Andrade³

Maria Alessandra G. M de Aquino⁴

Valdélia Pereira Silva dos Santos⁵

RESUMO

Este artigo retrata como o projeto didático serve como alternativa para auxiliar o professor em sala de aula contribuindo para a aprendizagem significativa e utilização dos conhecimentos prévios dos alunos. O projeto Horta Viva Escolar buscou fazer a correlação entre os conteúdos aprendidos em sala de aula e a prática na horta, tornando o ensino dinâmico e prazeroso. Teve como questão de pesquisa: Como construir conhecimento sobre Horta Escolar para uma aprendizagem significativa? Foi uma pesquisa qualitativa, de acordo com os pressupostos da pesquisa-ação, executada em uma escola de Ensino Fundamental, com uma intervenção pedagógica, utilizando a pedagogia de projetos. Esta experiência na Escola nos possibilitou compreender de fato os conceitos teóricos sobre o construtivismo e como a aprendizagem significativa contribui para o crescimento e desenvolvimento do aluno em sala de aula.

Palavras-Chave: Aprendizagem significativa. Horta escolar. Projeto didático. Pesquisa-ação.

ABSTRACT

This article shows how the didactic project serves as an alternative to assist the teacher in the classroom with the purpose of contributing to meaningful learning, using the students'

¹ Trabalho apresentado à disciplina Fundamentos e Métodos do Ensino de Ciência do Curso de Pedagogia da Faculdade Amadeus, sob orientação da Prof. Dra. Maria Auxiliadora Santos.

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Faculdade Amadeus.

³ Graduanda do Curso de Pedagogia da Faculdade Amadeus.

⁴ Graduanda do Curso de Pedagogia da Faculdade Amadeus.

⁵ Graduanda do Curso de Pedagogia da Faculdade Amadeus.

previous knowledge. The Horta Viva Escolar project sought to correlate content learned in the classroom with practice in the garden, making teaching dynamic and enjoyable. In that the central goal was to provide the change of vision and behavior of the students when cultivating and consuming healthy products. It was a qualitative research, according to the presuppositions of action research, executed in a primary school, with a pedagogical intervention using the pedagogy of projects. This experience in the School enabled us to really understand the concepts of books on constructivism and how meaningful learning contributes to the student's growth and development in the classroom.

Keywords: Meaningful learning. School vegetable garden. Didactic project. Action research.

1 INTRODUÇÃO

O Projeto “Horta Viva Escolar” foi desenvolvido como parte da disciplina Fundamentos e Metodologia do Ensino de Ciências do Curso de Pedagogia com a finalidade de desenvolver um ambiente propício para fazer o ensino dinâmico e prazeroso. Através das atividades os alunos discutiram o ciclo reprodutivo das plantas desde a germinação da semente, a degradação da matéria orgânica provocada por fungos e bactérias, com o trabalho no minhocário e a compostagem para entender como funciona o ciclo dos nutrientes.

A Horta Viva Escolar vem propor ao aluno trabalhar a terra e a desenvolver habilidades no cuidado com as plantas com respeito e formar a consciência de maior preservação do ambiente em que vivem. Buscou ampliar o entendimento da alimentação saudável, como os vegetais são cultivados e como seus nutrientes atuam sobre o corpo humano e quais são seus benefícios. Os alunos compreenderam através do minhocário e da compostagem como poderão trabalhar a diminuição do volume de rejeito produzido pela escola e como essas atitudes sustentáveis podem ser aplicadas e entendidas no seu cotidiano.

O projeto é uma alternativa que o professor pode utilizar na sala de aula, e tem por objetivo que os alunos utilizem os saberes adquiridos em situações diversas fora do ambiente escolar. Teve como objetivo principal contribuir para a aprendizagem significativa, já que o conhecimento obtido em sala de aula foi consolidado na prática através da execução do projeto Horta Viva na Escola.

A troca de conhecimentos adquirida entre o professor e os alunos no desenvolvimento do projeto teve como finalidade principal consolidar a aprendizagem significativa e a desenvolver o hábito de cuidar do meio ambiente, produzir alimentos

saudáveis e promover o consumo, dos mesmos, no cotidiano da comunidade escolar e dos alunos com suas famílias. É possível, através da horta, proporcionar conhecimentos e habilidades que vão permitir aos educandos produzir, descobrir e consumir os alimentos de maneira saudável e apropriada, conscientizando-os sobre a importância em adotar boas práticas alimentares.

O trabalho proporcionou aos alunos a oportunidade de aprender a preparar o terreno para o cultivo de plantas utilizadas como alimento e conscientizá-los da importância de consumir alimento saudável e nutritivo, buscando criar hábitos alimentares e incentivando o cardápio saudável. Além disso, propôs criar na escola uma área adequada para a produção de hortaliças, pela qual os alunos se sintam responsáveis através da coparticipação no projeto. Teve como questão de pesquisa: Como construir conhecimento sobre Horta Escolar para uma aprendizagem significativa?

O projeto foi desenvolvido em uma escola localizada no Conjunto Luiz Alves na cidade de São Cristóvão SE, com alunos do terceiro ano do Ensino Fundamental. Com pesquisas bibliográficas, livros, internet e desenvolvimento de atividades na horta, comprovaram na prática o processo de germinação, o ciclo produtivo das plantas e a destinação correta do lixo orgânico. Teve o intuito de promover a educação integral de crianças e jovens da escola e da comunidade do seu entorno, intervindo na cultura alimentar e nutricional dos escolares e incorporando a alimentação saudável e nutritiva, gerando assim um ambiente sustentável como um eixo da prática pedagógica, despertando o interesse dos alunos para a importância do cultivo da horta e como obter na prática o conhecimento do processo de germinação.

Foi uma pesquisa qualitativa de acordo com a metodologia da pesquisa-ação, com o propósito de trabalhar os conteúdos discutidos em sala de aula, os alunos desenvolveram atividades na horta viva e comprovaram na prática a germinação, o ciclo produtivo das plantas e a destinação correta do lixo orgânico. Os resultados obtidos estão presentes neste artigo.

2 PROJETO DIDÁTICO

O projeto didático é uma alternativa que o professor pode utilizar na sala de aula, com o objetivo de que o aluno utilize os saberes adquiridos em situações diversas fora do ambiente escolar em que os alunos podem escolher o tema ou contribuir para a escolha.

O professor gerencia o projeto com os prazos de início e término determinado e organizado. O projeto deve ser planejado, controlado e revisado sempre que for necessário. Ele deve contribuir para a aprendizagem significativa, para que o novo conhecimento se junte com o conhecimento prévio do aluno e seja acionado sempre que for necessário. Essa integração de conhecimentos é um novo elemento na rede de significados. (ESCOLA DA VILA 1999).

O projeto contribui para a aprendizagem de forma significativa, pois leva o professor a construir o conhecimento juntamente com os alunos, já que os alunos podem escolher o tema do projeto e podem, assim, ter seus conhecimentos trabalhados em meio à execução do projeto, ou seja, a troca é importante para o desenvolvimento cognitivo do aluno. Pois a experiência vivida durante o projeto proporcionará conhecimentos que o aluno irá utilizar fora do ambiente escolar no seu cotidiano. (ESCOLA DA VILA 1999).

3 CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

A sala de aula é um ambiente repleto de diversidade, pois cada aluno é único e possui sua individualidade, cada um tem uma maneira única de processar o que foi ensinado, alguns alunos conseguem assimilar com mais facilidade juntando o conhecimento que já possui com o novo conhecimento adquirido, quando isto acontece chamamos de aprendizagem significativa.

Segundo Zabala (1998), ao longo da vida é criada em nosso cérebro uma rede de esquemas de conhecimento, em que a cada vivência o aprendizado vai tornando possível revisão, modificação e adaptação desta nova rede de conhecimento. Com os conhecimentos prévios e os novos conhecimentos, é possível a revisão e construção de novos conhecimentos, o resultado disto é chamado de aprendizagem significativa. O aluno estabelece uma relação entre o prévio e o novo conhecimento o que lhe permite fazer relações e conclusões, caso o aluno não consiga realizar esta relação, chamamos então de aprendizagem mecânica ou superficial onde o conhecimento presente na estrutura cognitiva facilmente é esquecido.

Ainda para o autor (op. cit.), o ensino deve estabelecer vínculos essenciais entre os novos conteúdos e os conhecimentos prévios. O educador deve conduzir o aluno ao papel ativo e protagonista, deve utilizar os conhecimentos prévios do aluno, e depois expor o conteúdo trabalhado e correlacionar com a realidade do aluno, proporcionando

experiências que possibilitem comparações e análises. Em tais intervenções pedagógicas, pode-se mover a atividade mental do aluno, que passam por momentos sucessivos de equilíbrio, desequilíbrio e reequilíbrio. (COLL, 1983 apud ZABALA, 1998).

Portanto, essa construção e reconstrução dos conceitos é um processo que busca superar desafios e faz com que o aluno avance na aprendizagem. O aluno percebe em si mesmo o quanto progrediu, o quanto foi ajudado, o quanto é interessante e divertido, (SOLÉ, 1993 apud ZABALA, 1998). O resultado não é exclusivamente cognitivo, pois proporciona o autoconceito, como o aluno percebe a escola, o professor, os colegas e como se relaciona com eles. Incidem na capacidade das pessoas em suas competências e no bem estar. A concepção construtivista é complexa, porém vai além dos processos de ensinar e aprender, porque busca através das potencialidades explicar o desenvolvimento integral do indivíduo. (ZABALA, 1998).

4 CRITÉRIOS ESTRUTURANTES PARA O ENSINO DAS CIÊNCIAS

Para Carvalho (2004) os conceitos de ensino-aprendizagem, especialmente estando ligados às ciências naturais sofreram diversas alterações a partir de meados do século XX. Não se pode mais continuar sendo ingênuos sobre como se ensina, pensando que basta ter domínio sobre o conteúdo e ter estratégias para manter os alunos quietos e nos olhando, deduzindo, que, por estarem prestando atenção eles estejam aprendendo. Espinoza (2010) discute a necessidade de definir o currículo de acordo com temas estruturantes, que para ela podem ser: matéria, energia, classificação, energia e sistemas.

Para Carvalho (2004) o professor tem que ser inovador e agente de seus próprios conhecimentos, tem de mostrar uma didática inovadora, contudo não basta saber, o importante mesmo é saber fazer. No que se refere ao ensino de ciências, uma das questões mais antigas da didática está se referindo ao assunto que queremos ensinar, ainda provocando muitas discussões mesmo sendo antiga, sobretudo procure-se responder “por que ensinar o conteúdo proposto?”.

Ainda para a autora (op. cit.), o que queremos ensinar? Por que ensinar o conteúdo que foi colocado? Como também poderemos ir além, devemos inovar sempre, buscando a melhor maneira e ampliar os conteúdos, além do proposto curricular, para melhorar a aprendizagem e assimilação do aluno. Na ação pedagógica, o professor deve sair de sua

zona de conforto e buscar as contribuições da didática, para inovar. Exige-se que o ensino consiga conjugar harmoniosamente a dimensão conceitual da aprendizagem disciplinar com a dimensão formativa e cultural.

Para Espinoza (op.. cit.) é preciso saber para ensinar, os alunos necessitam de professores que estejam entusiasmados a trabalhar na perspectiva em que os mesmos sejam os principais alvos nessa aprendizagem, fazer com que eles enriqueçam a percepção de si próprios e a maneira de como se portar diante da sociedade. O processo de como ensinar deve ter coerência, deve incluir uma aprendizagem significativa e que os alunos possam construir e reconstruir conhecimento. Essa estratégia de ensino integradora faz com que os alunos despertem interesses por situações problemáticas. Esse modelo permite alcançar uma coerência entre os objetivos propostos para o conteúdo a ser ensinado (objetivos conceituais, processuais e atitudinais) e o desenvolvimento metodológico desse ensino.

A Didática e a prática de ensino são duas faces de uma mesma moeda como o são o ensino e a aprendizagem. Então, ao professor cabe introduzir uma proposta didática inovadora. Ele deve ser o mediador, o criador de um ambiente propício à reflexão de pensamentos, a mudança de linguagem e tomadas de decisões coletivas. O ambiente deve ser encorajador, deve proporcionar aos alunos a oportunidade de expor suas ideias através da fala e crescer a linguagem cotidiana para a linguagem científica através do diálogo. Isto permite a evolução dos alunos em conceitos, habilidades e atitudes.

5 O CONHECIMENTO CIENTÍFICO

Para Espinoza (2010), o professor tem o papel fundamental de mediador na construção do conhecimento. Ele é quem faz a ponte entre o conhecimento científico e o despertar do aluno para a construção desse conhecimento, pois fará com que o aluno derrube os obstáculos acumulados ao longo da vida cotidiana. Cabe a ele, despertar no aluno a vontade de adquirir o conhecimento científico para explicar suas experiências vividas. Somente através desta atitude é que será quebrada essa barreira da cultura experimental, pois devemos de fato experimentar viver experiências no nosso dia-a-dia, mas devemos buscar cada dia mais respostas para os questionamentos que surgem.

Para a autora (op. cit.), os obstáculos podem ser definidos como núcleo duro das representações. Corresponderiam as repostas espontâneas que os sujeitos emitem para

explicar as situações pertencentes a diferentes contextos, e os obstáculos seriam as concepções de base que estabilizam, sustentam e reafirmam. Faz-se uma analogia ao *iceberg* para que se possa explicar esse obstáculo. A parte superficial é a noção, da explicação de coisas que podemos observar, porém o obstáculo é a parte submersa é o profundo da questão, do conhecimento que nem sempre compreendemos. Então, é necessário vencermos essa barreira, é de extrema importância fazer com que o aluno transponha essa barreira e possa construir o conhecimento científico.

Espinoza (2010), ainda afirma, o professor costuma ver as representações apenas como algo que se opõe ao aprendizado, mas, para os alunos, eles são recursos intelectuais que ajudam a pensar, ou seja, nesse contexto as representações dos alunos não são vistas como algo que acrescentem, que contribuam para o seu aprendizado. O professor não enxerga dessa forma, mas para o aluno essas representações são recursos intelectuais indispensáveis, são saberes que ajudam a elevar seus conhecimentos. O conceito de objetivo-obstáculo propõe um movimento pelo qual essas representações deveriam localizar-se no cerne de uma proposta pedagógica, no sentido que as ideias, as representações dos alunos sejam mais valorizadas, que o professor escute mais o que o aluno tem a dizer, as indagações dos educandos deveriam ser o cerne dessa questão pedagógica, ou seja, o ponto principal desta questão pedagógica.

6 EXECUÇÃO DO PROJETO HORTA VIVA ESCOLAR

O projeto foi desenvolvido em uma escola localizada no Conjunto Luiz Alves na cidade de São Cristóvão SE. No Ano de 2015, a escola funcionava apenas com a Educação Infantil e em 2016 foi ofertado o Fundamental Menor do 1º ao 5º ano, porém, em 2016 só estão lecionando do Infantil ao 4º ano do Ensino Fundamental, com alunos matriculados nos dois turnos. O projeto Horta Viva Escolar foi desenvolvido com três etapas distintas. Teve fundamento sobre horta nos trabalhos de Passos (s/d), Porto e Marques (s/d) e Reis (s/d).

Após a recepção pela Diretora da escola, fomos apresentadas aos alunos e começamos a interagir e a conversar, para poder avaliar os conhecimentos prévios da turma sobre o tema a ser trabalhado em sala. Perguntamos se eles sabiam o que era uma horta? Que alimentos eram plantados na horta? O que era necessário para começar uma horta? Se as verduras e hortaliças eram importantes para a saúde e o desenvolvimento?

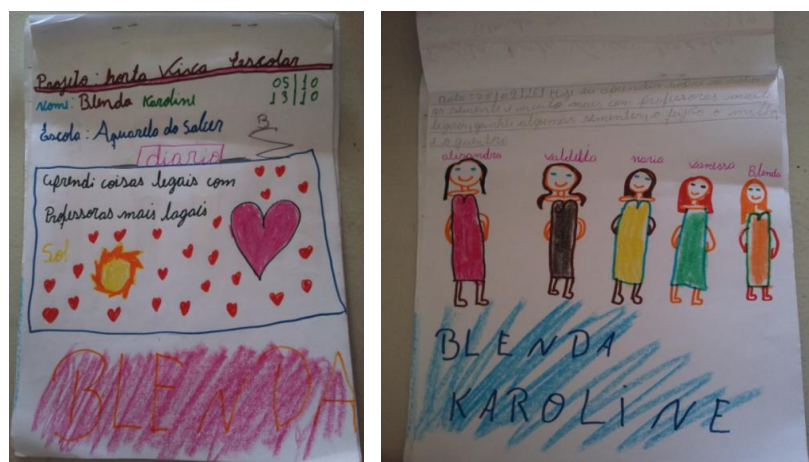
Se as comidas favoritas deles continham verduras e hortaliças? Se as crianças conheciam o processo de germinação? Enfim diversos questionamentos foram levantados e as crianças respondiam prontamente.

Em seguida a conversa, começamos a explicar cada etapa com a ajuda dos alunos, pois cada um tinha uma experiência para relatar em hortas que viram na casa dos avós, ou em passagem por cidades do interior do Estado. Na hora da explicação sobre sementes e os tipos de sementes apresentamos diversas sementes, dentre elas algumas que utilizamos na alimentação diária como: arroz, milho, feijão, tomate, coentro, pimentão e cebolinha. As crianças responderam que conheciam as sementes de manga, jaca, jambo, acerola entre outros e fizeram identificação de alimentos produzidos na horta.

Segundo Espinoza (2010, p. 87) “qualquer experimento escolar proposto pelo professor ou mesmo pelo aluno (situação menos frequente), o professor conhece a resposta e é ele quem aprova a produção dos estudantes”. Esta afirmativa foi comprovada em sala de aula, pois sabíamos as respostas, porém foi surpreendente ver a colaboração dos alunos e o conhecimento que cada um tinha sobre o assunto abordado.

Após a discussão do assunto partimos para a confecção do Diário de Bordo, com folhas de papel ofício, grampeador e canetas coloridas para enfeitar. O objetivo de confeccionar o Diário de Bordo com foi que cada aluno utilizasse o mesmo para escrever ou desenhar as fases do desenvolvimento de suas mudinhas. Deixando-os livres para registrarem suas descobertas de maneira criativa e espontânea, segundo as percepções que tinham do desenvolvimento das mudinhas no processo de germinação. (Figura 1)

Figura 1 - Diário de Bordo com o registro do desenvolvimento de suas mudinhas.



Fonte: Acervo das autoras.

Dando continuidade, distribuimos copos descartáveis, terra preta com nutrientes e sementes (Figura 2) para dar início à plantação das mudinhas para deixar na escola. Cada aluno escreveu o seu nome nos copos descartáveis e se responsabilizaram de cuidar das suas mudinhas. Em seguida, distribuimos dois pacotinhos com sementes tomates, cebolinha, pimentão, coentro entre outros diferentes das que foram plantadas na escola para que pudessem plantar em suas casas. Após a distribuição encerramos os trabalhos do primeiro dia de Projeto. Em todo o processo foram tiradas fotografias para registrar o momento da aprendizagem.

Figura 2 - Material que foi distribuído na sala de aula.



Fonte: Acervo das autoras.

No segundo dia, um participante do projeto passou pela escola para acompanhar o desenvolvimento das mudinhas e observar se os alunos estavam fazendo seus registros no diário de bordo. Foi constatado que as mudinhas (Figura 3) ainda não estavam prontas para serem transferidas do copo descartável para o local que iria ficar de fato, pois o desenvolvimento das mudas não estava uniforme, no tamanho adequado para a transferência do local.

Figura 3 - Desenvolvimento das mudinhas

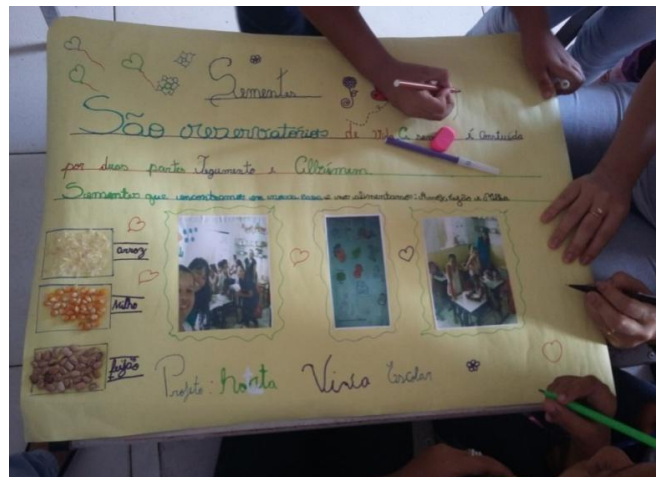


Fonte: Acervo das autoras.

Na última etapa do projeto realizada no dia 13/10 voltamos à Escola para verificar como estava o desenvolvimento das mudinhas, e elaboração de cartazes para organizar uma exposição (Figuras 4) e expor os Diários de Bordo para que os alunos demonstrassem para a equipe diretiva o que de fato aprenderam.

Dividimos a turma em três grupos onde cada grupo escreveu uma frase: “*Sementes são reservatórios de vida*”. Escreveram sobre a estrutura das sementes, que são o Tegumento e o Albúmen, desenharam e enfeitaram, conforme a criatividade de cada grupo. Com o diário de bordo e os cartazes, foi possível avaliar que houve aprendizagem significativa.

Figura 4 - Confeção dos cartazes



Fonte: Acervo das autoras.

Expomos os cartazes na parede e em seguida partimos para a transferência das mudinhas do copo descartável para a garrafa pet (Figuras 5). Após a transferência de todas as mudinhas, lavamos as mãos e retornamos para a sala de aula onde fizemos um delicioso lanche com bolo de cenoura, suco de maracujá e acerola.

Os alunos ficaram alegres porque muitos deles nunca tinham comido bolo de cenoura e gostaram de saber que eles poderiam também plantar a cenoura em suas casas, como fizeram com as mudinhas da escola e as sementinhas que levaram para casa.

Figura 5 - Mudinhas cultivadas e plantadas



Fonte: Acervo das autoras.

Depois do delicioso lanche a equipe diretiva foi chamada à sala e as crianças explicaram tudo o que aprenderam, explicaram os cartazes e explicaram os Diários de Bordo. A maneira a qual as crianças estavam expondo sua produção e criatividade para a equipe diretiva nos deixou bastante orgulhosas de ver o resultado da aprendizagem significativa e de como as crianças aprendem melhor relacionando a teoria à prática.

Para Zabala (1998), essa construção e reconstrução de conceitos é um processo que busca superar desafios e faz com que o aluno avance na aprendizagem. O aluno percebe em si mesmo o quanto progrediu, o quanto foi ajudado, o quanto é interessante e divertido, O resultado não é exclusivamente cognitivo, pois proporciona o autoconceito, como o aluno percebe a escola, o professor, os colegas e como se relaciona com eles. Incidem na capacidade das pessoas em suas competências e no bem-estar. A concepção construtivista é complexa, porém vai além dos processos de ensinar e aprender, porque busca através das potencialidades explicarem o crescimento das pessoas.

7 CONCLUSÃO

O projeto didático é uma alternativa que o professor pode utilizar na sala de aula com o objetivo de contribuir para a aprendizagem significativa, pois na sua execução podemos utilizar os conhecimentos prévios dos alunos gerando uma troca de conhecimento entre o professor/aluno e essa troca visa consolidar a aprendizagem significativa. Teve como objetivo principal contribuir para a aprendizagem significativa, já que o conhecimento obtido em sala de aula foi consolidado na prática através da execução do projeto Horta Viva na Escola.

Quando a proposta de elaboração do projeto surgiu, a princípio surgiram dúvidas e nervosismo, porque teríamos que aplicá-lo em sala de aula, porém na execução foi possível perceber o quanto as crianças têm conhecimentos, são participativas e o quanto prestam atenção a tudo o que é ensinado, e como elas aprendem fazendo a correlação sobre o que está sendo ensinado com as experiências e os saberes que possuem.

As aulas fluíram de uma maneira muito participativa, pois todos contribuíram com relatos de experiências e com as atividades executadas em sala de aula. Esta experiência na Escola nos possibilitou compreender de fato os conceitos sobre o construtivismo e como a aprendizagem significativa contribui para o crescimento e desenvolvimento do aluno em sala de aula. Porém, cremos que o desenvolvimento gerado através do projeto beneficia ambas as partes: o professor enquanto facilitador e o aluno como sujeito construtor de conhecimento, ou seja, um crescimento bilateral. E este crescimento fortalece a aprendizagem significativa porque permite que o aluno assimile e acomode o conteúdo e o utilize em sua vida diária. Este foi o objetivo central deste trabalho mudar a visão e o comportamento dos alunos e de suas famílias ao cultivarem e consumirem produtos saudáveis.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. **Ensino de Ciência**: Unindo a pesquisa e a prática. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

ESPINOZA, Ana Maria. **Ciência na escola**: novas perspectivas para a formação dos alunos. São Paulo: Ática, 2010.

ESCOLA DA VILA. **Projetos Didáticos**: o que são projetos e como podem ocorrer nas séries iniciais de Ensino Fundamental. Seminário em Curitiba. Out 1999 (mimeografado).

PASSOS. Flávio. **Os tipos de sementes e o processo de molhagem**. Disponível em: <<http://www.puravida.com.br/artigos-do-mês/sementes-da-vida-parte-1/>>. Acesso em: 14 set. 2016.

PORTO. Dinorah Poletto; MARQUES. Jennhy de Lourdes. **Ciências o solo, a água e o ar**. Editora Scipione. Nova Edição Incluindo Educação Ambiental. 1994. São Paulo – SP.

REIS. Virgílio dos. **A Horta Escolar**: A arte de aprender com a natureza. Disponível em: <[http://Virgiliiodosreisvarzia.blogstop.com.br/2013/08/a-horta-escolar-arte.de.aprender-com.hotmail](http://Virgiliiodosreisvarzia.blogstop.com.br/2013/08/a-horta-escolar-arte-de-aprender-com.hotmail)>. Acesso em: 10 ago. 2016.

ZABALA, Antonio. **A Prática Educativa**: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

A INFLUÊNCIA DA MEDIAÇÃO NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE CIÊNCIAS NATURAIS: quinto ano do Ensino Fundamental

Heráclito Gomes de Oliveira¹

RESUMO

O presente artigo defendeu a ação mediadora do professor para o processo de ensino-aprendizagem. O vínculo afetivo realizado na ação pedagógica ocorre através de práticas e situações concretas, o que significa o aumento das chances de aprendizagem com êxito. O trabalho apresenta resultados de uma pesquisa-ação, de cunho qualitativo. Dentro desse contexto, o objetivo geral a ser alcançado foi refletir sobre a ação mediadora do professor para o ensino-aprendizagem de ciências. Nas informações coletadas, foi perceptível a relevância da mediação do professor na construção do conhecimento científico pelos alunos, constatada na interação dos alunos durante a realização do projeto didático e expressado tanto verbalmente nos questionamentos realizados, quanto na parte da construção dos registros. Foi possível concluir que a mediação feita pelo professor na ação pedagógica contribui de maneira significativa para a construção do conhecimento dos alunos.

Palavras-Chave: Ensino de ciências. Mediação. Pesquisa-ação.

ABSTRACT

The present article defended the mediating action of the teacher for the teaching-learning process. The affective bond made in the pedagogical action occurs through concrete practices and situations, which means increasing the chances of learning successfully. The work presents results of an action research, of a qualitative nature. Within this context, the general objective to be achieved was to reflect on the mediating action of the teacher for the teaching-learning of sciences. In the information collected, the relevance of the teacher's mediation in the construction of scientific knowledge by the students was observed, verified in the interaction of the students during the didactic project and expressed both verbally in the questions asked and in the part of the construction of the records. It was possible to conclude that the mediation done by the teacher in the pedagogical action contributes significantly to the construction of the students' knowledge.

¹ Graduando do curso de pedagogia da Faculdade Amadeus. Email: herasdealegria@hotmail.com

Keywords: Science education. Mediation. Action research.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por finalidade refletir sobre a influência da mediação no ensino-aprendizagem de ciências em uma turma do quinto ano do Ensino Fundamental, em uma escola da rede pública estadual de Aracaju SE. Está apoiado na perspectiva da Concepção Construtivista de Ensino-Aprendizagem como referencial para análise. Observa-se por parte do construtivismo, que o saber não é algo pronto, e sim um processo em incessante construção como foi discutido por Coll e Solé (2004). Ainda para os autores, o ensino é entendido como um conjunto de interações em que o educando pode desenvolver um processo pessoal de elaboração do próprio conhecimento. A concepção construtivista conduz, assim, a uma nova visão de mundo, em que a relação do professor, dos conteúdos e da ação ativa do aluno se aglutinam para a formação de indivíduos críticos e autônomos.

A partir das inquietações e reflexões durante estágio extracurricular em uma escola da rede privada de ensino, foi possível viver situações com alunos do ensino fundamental no contexto educacional. Fiz, então, a escolha da temática do presente trabalho para refletir sobre a influência da mediação na ação pedagógica no ensino-aprendizagem de ciências. Há anos vem sendo estudado o melhor modo de aprender e ensinar que ainda hoje promove inúmeras discussões. Observa-se no dia a dia que o ser humano nasce com uma predisposição para adquirir novos saberes, desenvolver competências e adaptar seu comportamento ao longo do tempo. Na construção do conhecimento a atuação de um professor mediador, facilitador, afetivo em sua intervenção na sala de aula, resultará de maneira significativa no progresso da autonomia intelectual de seus alunos.

Justifica-se essa pesquisa pela necessidade de esclarecimentos e identificação de aspectos importantes, que poderão estimular a ação do professor em suas práticas educativas e despertar no aluno uma desenvoltura crítica na formação de uma aprendizagem significativa. Será possível sinalizar as oportunidades que o futuro educador poderá ter, ao estudar e analisar a educação, a fim de poder, em sua atuação no segmento educacional, ser um contribuinte convicto de suas realizações através de suas práticas pedagógicas. Esclarecerá algumas influências em sala de aula e colocará a interação como um desafio para o educador, devendo este agir de forma que expresse o

seu interesse pelo desenvolvimento integral dos alunos e, assim, respeitar suas potencialidades. As informações obtidas mostrarão que a aprendizagem depende muito de uma relação construtiva entre professor e aluno.

Dentro desse contexto questiona-se: Quais devem ser as contribuições do professor para a construção do conhecimento do aluno? Que mecanismos podem ser criados pelo professor para a construção do conhecimento no ensino de ciências?

Nesse sentido, o objetivo geral foi: refletir sobre a importância da mediação para o ensino-aprendizagem de ciências. E atingir os objetivos específicos: analisar a ação do professor como mediador de conhecimento; pesquisar a contribuição dos conhecimentos prévios dos alunos e sua relação com o ensino-aprendizagem.

Para tanto foram levantadas as seguintes hipóteses de trabalho:

a) O professor como facilitador forma alunos críticos e autônomos, permitindo que os mesmos construam seu próprio conhecimento. E esse conhecimento se torna autêntico, quando é colocado em prática pelo educando, comprovando assim, a aquisição de aprendizagem significativa.

c) Quanto ao mecanismo, na situação atual de ensino, são oferecidas inúmeras estratégias que facilitam a construção do conhecimento e que viabilizam ao aluno assimilação e acomodação dos conhecimentos apresentados, para que consigam uma aprendizagem significativa. Desta maneira, espera-se do professor uma postura de instrutor–pesquisador, que atualiza constantemente seus próprios conhecimentos.

Coletei dados a partir da execução de uma intervenção pedagógica em uma escola estadual de Aracaju SE com alunos do quinto ano do Ensino Fundamental, nas aulas de Ciências Naturais. Abordei o conceito sobre o solo e realizei experimentos científicos sobre os mesmos, juntamente com os alunos. Dessa maneira, pretendi estimular a participação nos trabalhos, as discussões coletivas, despertar a consciência de valorizar e preservar o meio ambiente, indagar e comprovar as experiências na sala de aula.

2 METODOLOGIA

Para contribuir com o entendimento ao qual o projeto foi proposto, utilizei diversos recursos. Desenvolvi a parte teórica através de pesquisa e análise bibliográficas (livros, monografias, artigos, sites, etc.). Essa pesquisa foi de cunho qualitativo, que na definição de Chizzotti (2006, p. 93), é aquela que “[...] investiga sistematicamente uma situação

problemática em uma dada comunidade ou em uma organização, propondo-se aos membros de um grupo participar, ativamente, [...], da definição do problema a ser investigado.”.

No desdobramento da investigação, atrelada à pesquisa qualitativa, utilizei como instrumento metodológico à pesquisa-ação, que contribuiu com amplo aspecto de desenvolvimento ativo do projeto. Segundo Severino (2007), aquele que faz uso desse instrumento tem a oportunidade de aprimorar a análise de sua prática. Sendo assim, Severino (2007, p. 120) afirma que: “A pesquisa ação é aquela que, além de compreender, visa intervir na situação, com vista a modificá-la. O conhecimento visado articula-se a uma finalidade intencional de alteração da situação pesquisada”.

Efetuei coletas de dados com uma intervenção pedagógica em forma de projeto didático “Vivendo bem com o nosso solo”, executado em uma escola de rede pública Estadual, com alunos do quinto ano do Ensino Fundamental. Segundo Triviños (2013, p.137), “A Coleta e a Análise de Dados são tão vitais na pesquisa qualitativa, talvez mais que na investigação tradicional, pelo envolvimento, nelas, do investigador, que precisa de enfoques aprofundados [...]”.

No decurso do projeto efetuei intervenções na interação com os alunos com o propósito de instigar o conhecimento a ser construído. Foi um estímulo para provocar o educando, para trabalhar sua relação com os componentes dentro da sala de aula, professor, aluno e conteúdo.

Ainda na mesma ocasião, propus aos alunos produções daquilo que eles entenderam, por meio de registro de atividades. Segundo BRASIL (1998), os registros funcionam como uma fonte de informação muito valiosa sobre as crianças no processo de aprendizagem e, também é importante para o professor no ato de ensinar. A partir das observações das atividades analisei as dinâmicas que ocorriam dentro da sala de aula. A esse instrumento de apoio Triviños (2013, p.153), contribui afirmando que:

“Observar”, naturalmente, não é simplesmente olhar. Observar é destacar um conjunto (objeto, pessoas, animais etc.) algo especificamente, prestando, por exemplo, atenção em suas características (cor, tamanho etc.). Observar um “fenômeno social” significa, em primeiro lugar, que determinado evento social, simples ou complexo, tenha sido abstratamente separado de seu contexto para que, em sua dimensão singular, sejam estudadas em seus atos, atividades, significados, relações etc.

Conforme o autor, só é possível coletar informações precisas através de uma percepção aguçada e atenta do observador. Sendo assim, executei o projeto através de

discussões, gravação em vídeo, fotografias, gravação das falas dos alunos, aplicação de questionário entre os alunos, permeados pelo tema proposto no projeto didático.

A gravação das aulas em vídeo é uma ferramenta indispensável para a ampliação do estudo. Para afirmar a importância dessa ferramenta vale citar o que dizem Nascimento e Plantin (2009, p. 80): “O vídeo é uma importante ferramenta que o professor pode utilizar com diferentes propósitos na sala de aula. O vídeo pode ser utilizado para introduzir um novo assunto, despertar a curiosidade, motivar novos temas, simular experiências”.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O professor tem uma grande influência na construção do conhecimento dos educandos. Seu papel como formador de opinião é estabelecer situações de ensino que sejam promissoras para a assimilação do saber. O professor é o facilitador no processo de ensino-aprendizagem. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Ciências (BRASIL, 1997, p. 46), "orientados pelo professor, que lhes oferece informações e propõe investigação, os alunos realizam comparações e estabelecem regularidades que permitem algumas classificações e generalizações.”

Essa afirmação reforça a ideia de que o professor atua como orientador e alguém que acompanha e participa do processo de construção da aprendizagem do aluno. Sendo assim, espera-se de um professor facilitador muito mais que saber expor a matéria. É necessário que suas aulas sejam criativas, para que sirvam de situações em que os alunos possam construir seus conhecimentos.

Nesse contexto, entende-se que a interação do professor com o aluno não pode ser reduzida ao processo cognitivo de construção de conhecimento, pois se envolvem também as dimensões afetivas. Vale ressaltar que, segundo Zabala (1998), na concepção construtivista, a condição de construir conhecimento é estabelecida no envolvimento de uma série de relações que devem contribuir para que os alunos como aprendizes, tenham condições de construir sua aprendizagem sobre o conteúdo que lhes seja apresentado.

Na proposta do construtivismo Coll (2004) mostra que o aluno deve participar ativamente do próprio aprendizado, mediante a experimentação, a pesquisa em grupo, o estímulo à dúvida e o desenvolvimento do raciocínio. Esclarece que a partir de sua ação, o aluno estabelece as prioridades do estudo que está sendo apresentado, quando terá

condições de construir sua própria visão de mundo. Segundo o construtivismo, o educador precisa criar ações desafiadoras para que, através dessas estratégias, os alunos possam conquistar uma aprendizagem significativa.

Na ótica de Coll (2004, p.109), a ideia das relações estabelecidas pelo professor e aluno na sala de aula quando afirmam sobre o resultado dessa interação dizendo: [...] “a aprendizagem dos alunos e o que ocorre na sala de aula é fruto tanto dos aportes individuais dos alunos como da dinâmica das relações sociais que se estabelecem entre os participantes, professor e aluno, no seio da classe”.

Mauri (2004, p. 88) colabora, ainda, com a elucidação sobre a concepção construtivista, que dá relevo à condição do aluno continuar aprendendo e construindo conhecimento. Ela afirma:

A aprendizagem, entendida como construção de conhecimento, pressupõe entender tanto sua dimensão como produto quanto sua dimensão como processo, isto é, o caminho pelo qual os alunos elaboram pessoalmente os conhecimentos. Ao aprender, o que muda não é apenas a quantidade de informações que o aluno possui sobre um determinado tema, mas também a sua competência (aquilo que é capaz de fazer, de pensar, compreender), a qualidade do conhecimento que possui e as possibilidades pessoais de continuar aprendendo.

A autora (op. Cit.) ainda mostra a importância de ensinar o aluno a construir conhecimento, por sua vez, o ensino é entendido como um conjunto de interações através do qual o educando pode desenvolver um processo pessoal de elaboração do próprio conhecimento. Dá ênfase a uma aprendizagem ativa do aluno quando diz:

A aprendizagem contribui para o desenvolvimento na medida em que aprender não é copiar ou reproduzir a realidade. Para a concepção construtivista, aprendemos quando somos capazes de elaborar uma representação pessoal sobre um objeto da realidade ou conteúdo que pretendemos aprender.

Sendo assim, Coll e Solé (2004) esclarecem que a partir de sua ação, o aluno estabelece as prioridades do estudo que está sendo apresentado, tendo condições de construir sua própria visão de mundo. Explica que o conhecimento não é incorporado diretamente pelo sujeito. Pressupõe uma atividade, por parte de quem aprende, que organize e agregue os novos conhecimentos aos já existentes. A educação, nesta concepção, é formada em conjunto por alunos e professores, frente aos desafios praticados na sala de aula, quando os conteúdos abordados servirão para a aprendizagem significativa do aluno. No parecer de Coll e Solé (2004, p. 25) “a concepção construtivista oferece ao professor um referencial para analisar e fundamentar muitas das decisões que toma no planejamento e no decorrer do ensino [...]”.

Assim, professores e aprendizes atuam juntos na construção do conhecimento, refletindo sobre a problemática social mais atual, que permitirá ajudar os alunos a desenvolver sua capacidade de construção, sendo esse um dos procedimentos que servem de instrumento para estimular a aprendizagem. A concepção construtivista conduz, assim, a uma nova visão de mundo, onde a relação do professor, dos conteúdos e da ação ativa do aluno se aglutina para a formação de indivíduos críticos e autônomos na construção do conhecimento.

3.1 Conhecimentos Prévios

Os conhecimentos prévios dos alunos devem ser considerados pelos professores durante todo o processo de ensino. Coll (2004) mostra a importância desse conhecimento, quando afirma que tudo que o aluno traz ao ato de aprender, serve de mediação entre o professor, o ensino e as aprendizagens que efetuam. Ainda para o autor, o professor deve ter consciência da capacidade dos conhecimentos que os alunos já possuem, entende que os mesmos servem como um ponto inicial para explorar novos esquemas, devendo o aluno ser provocado durante o processo de ensino-aprendizagem. O valor significativo do conhecimento prévio dos alunos pode ser confirmado na colaboração do autor Coll (2004, p. 109):

Na mente dos alunos estão armazenadas as suas representações-esquemas ou modelos mentais do mundo físico e social, de maneira que a aprendizagem consiste fundamentalmente em relacionar as informações ou experiências novas com as representações já existentes [...].

O autor (op. cit.) destaca que sobre qualquer tema que for abordado em sala de aula, as crianças vão ter sempre algum tipo de conhecimento, ou porque já sabem algo a respeito, ou porque podem pensar e deduzir. Isso nos faz compreender que toda aprendizagem, para poder ser incorporada, necessita interagir com o conhecimento prévio que o aprendiz traz consigo sobre determinado assunto.

De fato, os conhecimentos prévios que os alunos possuem, tem uma função atuante na sua aprendizagem. Visto que é necessário que eles se apropriem de novos conhecimentos, resultando no seu desenvolvimento cognitivo. Porém, nem sempre esse processo é tão simples, pois pode acontecer de o aluno aprender mecanicamente, sem ter noção do real significado das informações que estão sendo discutidas.

De acordo com Coll et al. (2004):

[...] dentro de um complexo processo de relações que são estabelecidas no convívio escolar, para que o aluno forme sua aprendizagem, o professor estará exercendo sua função de facilitador, onde estará ajudando os alunos a construir significados e atribuir sentido ao que fazem e aprendem.

Logo, é importante que os alunos construam uma aprendizagem significativa, para que os conhecimentos sejam mais facilmente assimilados e acomodados, com menor probabilidade de serem esquecidos.

3.3 Aprendizagem Significativa

As experiências educacionais pelas quais os alunos passam no seu crescimento pessoal, isto é, a quantidade das aprendizagens significativas que podem realizar mediante sua atuação em atividades na sala de aula, deve contribuir para evoluir seu nível de desenvolvimento cognitivo. Portanto, isso não quer dizer que pela quantidade de conteúdo aprendido, o aluno passe a ter uma aprendizagem significativa.

Coll (2004, p. 123), mostra que o fator chave da aprendizagem significativa está relacionado ao que os alunos atribuem a respeito do novo:

O fator-chave na aprendizagem não reside na quantidade de conteúdos aprendidos, mas no grau de significatividade com que os alunos os aprendem e no sentido que lhes atribuem. O nível de significatividade de uma aprendizagem depende da quantidade e da natureza das relações que o aluno pode estabelecer entre o novo material de aprendizagem de seus conhecimentos e suas experiências prévias. Quanto mais substantivas e complexas sejam suas relações, maior será o grau de significatividade da aprendizagem realizada e maior sentido terá para ele.

Sendo assim, o valor que os alunos atribuem aos conteúdos ajudará os mesmos na construção de uma aprendizagem significativa. Nesse sentido, a aprendizagem significativa acontecerá quando um conhecimento novo for relacionado com os existentes anteriormente. Desta maneira, ressaltamos a interação realizada pelo professor com o aluno na construção de uma aprendizagem significativa.

Coll (2004) comenta que a relação estabelecida a partir daquilo que os alunos trazem junto com o que o professor traz e ainda as características dos conteúdos, resulta no processo de construção de significados e de atribuição de sentido. Em síntese, o autor entende que a chave para compreender o processo de construção de conhecimento na sala de aula reside nas trocas que se produzem entre professor e alunos em torno dos conteúdos de aprendizagem.

Percebe-se que através desse processo de relação estabelecido entre estes três elementos: os alunos que aprendem os conteúdos que são objetos de ensino e aprendizagem e o professor, que ajuda os alunos a construir significados, permitem o desenvolvimento cognitivo e afetivo. Sendo assim, compreende-se que todo ato de aprender que os alunos trazem é um elemento mediador entre o ensino do professor e as aprendizagens que realizam.

3.4 Construções de Conhecimentos

A complexidade dos processos de ensino-aprendizagem se articula em torno da atividade intelectual implicada na construção de conhecimentos. Dessa maneira, é entendido que os elementos de relações pontuados anteriormente, formam um conjunto auxiliar que ajuda o aluno no processo pessoal de construção de conhecimentos e na organização do próprio desenvolvimento. Essa construção de conhecimentos realizada pelo aluno é possível em virtude das atividades em que eles se apropriam, para atribuir significado aos conteúdos escolares apresentados. Para afirmar tal realidade citamos o que diz Mauri (2004 p. 89):

[...] para entender que a atividade à qual nos referimos é uma atividade mental. Esta se caracteriza pelo fato de o aluno e a aluna estabelecer relações não arbitrárias, mas pertinentes e valiosas, tanto culturais como pessoalmente, entre o que conhecem pessoalmente e o que pretendem aprender. Essa atividade é, precisamente, a que lhes permite obter uma representação individual de um conteúdo social: ler, contar, pular, estar disposto a relacionar-se com outros sem a mediação da violência, classificar etc. Da mesma forma, o conhecimento é construído mediante um processo de elaboração pessoal, em que nenhum aluno ou aluna pode ser substituído por outro, isto é, algo que ninguém pode realizar em seu lugar.

A autora mostra que a atividade desenvolvida pelo aluno na construção dos conhecimentos não pode ser efetuada de maneira isolada, mas o aluno precisa do auxílio de outros, que o ajudem no processo de representação ou atribuição de significados. Para mediar essa representação, a figura do professor é essencial. Além do mais, os professores devem contribuir com os alunos durante o próprio processo de elaboração pessoal do conhecimento, para que assim, as relações que são estabelecidas entre o próprio conhecimento e a atividade sejam realmente significativas.

Corroborando com a citação previamente destacada, Astolfi (1998, p. 28) traz a seguinte contribuição:

Os alunos mobilizam, de entre os modos de raciocínio e os instrumentos intelectuais de que dispõem potencialmente, aqueles que consideram estar adaptados à situação presente, misturando de forma complexa conhecimentos anteriores, competências adquiridas e representações. Mas esta mobilização não se efetua num vácuo social: simultaneamente, eles se esforçam por perceber o que é que o professor espera deles e por satisfazê-lo.

O autor (op. cit.) mostra que o ensino não deve ser algo estático. Realça que os alunos precisam ver sentido no trabalho que estão realizando possam ter motivação e interesse pelo aprender. Para que este hábito possa ser desenvolvido, é necessário que o professor consiga despertar a curiosidade dos alunos e acompanhar suas ações na solução das tarefas que ele propuser. Sobre este mesmo assunto, Zabala (1998) acredita que para o indivíduo sentir interesse, ele deve ter oportunidade de expressar suas ideias, porque suas potencialidades serão enfatizadas como meio de ampliação de suas experiências.

Segundo Zabala (1998, p. 94):

Para conseguir que os alunos se interessem é preciso que os objetivos de saber, realizar, informar-se e aprofundar sejam uma consequência dos interesses detectados; que eles possam saber sempre o que pretende nas atividades que realizam e que sintam que o que fazem satisfaz alguma necessidade. Mas para isso é indispensável que os meninos e meninas tenham a oportunidade de expressar suas próprias ideias e, a partir delas, convém potencializar as experiências com outras novas, fazendo com que se deem conta, também, de suas limitações, situando-os em condição de modifica-las se for necessário, ao mesmo tempo em que se buscam alternativas.

Tendo em vista a heterogeneidade dos alunos, o professor não pode se valer apenas de um método para ensinar o conteúdo. É preciso diversificar sua abordagem de atividade na sala de aula, para que os alunos tenham opções de interação e dar significados para a construção dos seus conhecimentos.

4 INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS

O trabalho foi realizado com 22 alunos estudantes do quinto ano do Ensino Fundamental, de uma escola da rede Estadual de Ensino, situada no Município de Aracaju/SE. Apliquei um projeto didático subordinado ao tema: “Vivendo bem com o nosso solo”. Filmei as aulas, registrei toda a sequência didática, gravei as experiências dos alunos, solicitei dos mesmos desenhos e escritas, fiz entrevistas, propus esculturas com argila, desenvolvi trabalhos em grupos, discussões, roda de conversa, pintura com

argila, montagem de cartazes. Sendo assim, foi possível extrair uma série de resultados e neste trabalho irei considerar aqueles episódios que melhor representam as ações de mediação.

1º Episódio

Iniciei o primeiro episódio com a apresentação do tema “Vivendo bem com o nosso solo.” Por meio de uma roda de conversa, expus questões problema para explorar o conhecimento prévio dos alunos acerca do tema: Você observa o chão onde pisa? Por quê? Você sabe o que é Solo? Como é formado? Após estes questionamentos alguns ficaram tímidos, mas depois começaram a falar, como pode ser visto nos depoimentos abaixo.

Aluno A. *“O terreno.”*

Aluno B. *“É onde a gente planta árvores, pé de frutas e etc.”*

Aluno A. *“Porque sem ele a gente não pode pisar no chão...”*

Aluno B. *“A mesma coisa, não pode pisar... Ficar sem solo.”*

Aluno C. *“Não podia plantar árvores, plantas “*

Aluno D. *“Se não existisse ela, nós íamos morrer.”*

Aluno A. *“Por vento, terra, poeira, tudo isso ai se acumula no lugar e forma o solo”.*

Aluno B. *“Por camadas, poeira, areia, água...”*

Observando a fala dos alunos no momento em que era feita a introdução do conteúdo, percebi o quanto é vital a mediação na construção do conhecimento, é quando se nota que todos os conhecimentos que os alunos possuem tem seu real significado. Eles demonstraram possuir conhecimento ainda que não sistemático. Entretanto, para que os mesmos possam avançar a participação do professor mediador é fundamental. Sendo assim, tal ação abre espaço para a aprendizagem tanto do professor como do aluno. Com pode ser confirmado nas palavras de Siqueira (2003, p. 98) que diz:

A nosso ver, a relação estabelecida entre professores e alunos constitui o cerne do processo pedagógico. É impossível desvincular a realidade escolar da realidade de mundo vivenciada pelos discentes, uma vez que essa relação é uma “rua de mão dupla”, pois ambos (professores e alunos) podem ensinar e aprender através de suas experiências.

Ainda de acordo com Siqueira (2003), para se tornar um professor facilitador não é tarefa fácil, pois exige uma quebra de paradigmas; onde o professor precisa estar atento à realidade da sala de aula. Deve acompanhar seus alunos passo a passo. Dessa forma, contribuirá para o crescimento gradativo de cada aluno. Isso deve ampliar sua percepção como educador para que tenha uma postura crítica reflexiva no seu fazer docente.

Ao analisar esse episódio de introdução de conteúdo, pude perceber que alguns alunos se mostraram tímidos na hora de interagir com o conhecimento apresentado. Somente depois do convite do professor para que todos pudessem se envolver sem receio de errar, foi possível notar uma maior participação. Nas palavras de Carvalho (1998, p.33) “[...] os alunos necessitam da ajuda do professor para preencher as lacunas, para mostrar as contradições e levá-los a tomar consciência da não coordenação entre as diversas situações.” É papel de o professor trabalhar com o erro dos alunos e aproveitar desta situação para transformá-los em aprendizagem. Na mesma aula de introdução do conteúdo, após comentários sobre o assunto, distribuí livros com o propósito de contribuir para a ampliação dos conhecimentos na forma de um saber científico.

Com o propósito de aprofundar o assunto estudado, utilizei, para sequenciar as aulas ministradas, livros e textos sobre conceito, formação, composição e tipos de solos, distribuídos para os educandos procederem a leitura. No decorrer das aulas, pude constatar o que tinha percebido em uma atividade executada no início do projeto: a dificuldade de leitura dos alunos. Então, isso serviu para melhorar minha interação na aplicação do projeto.

2º Episódio

Neste episódio ministrei o conteúdo através de uma observação com amostras diversificadas de solo, coletadas antecipadamente. Sendo assim, acomodei os materiais em pequenas caixas, o que possibilitou a observação e a manipulação do material pelos alunos. O principal objetivo desta experiência foi levar os alunos a reconhecerem os componentes constituintes do solo. Tal atividade permitiu que utilizassem apenas o tato e a observação das características, visualizando as amostras. Nesta atividade procurei estimular as potencialidades dos alunos e criar um ambiente motivador na construção de uma aprendizagem significativa.

De acordo com Zabala (1998, p.101), é tarefa de o professor criar um ambiente motivador. “Uma das tarefas dos professores consistirá em criar um ambiente motivador, que gere o autoconceito positivo dos meninos e meninas, a confiança em sua própria competência para enfrentar os desafios que se apresentem em classe.”

Em continuidade das ações efetuadas em sala, dividi a turma em grupos de trabalho, onde os alunos foram levados a tocar nas amostras com os olhos vendados, buscando perceber, através do tato, a consistência de cada amostra; se era fofa ou rígida,

molhada ou seca, se sujou as mãos. A partir daí, dei aos educandos oportunidade para refletir sobre o assunto em estudo.

Tal interação tem a contribuição teórica de Carvalho (1998, p. 30) quando diz:

No ensino construtivista, não se ignora a importância da interação professor-aluno. Entretanto, a interação entre os alunos não pode, nem deve, ser desprezada. Na escola, na sala de aula, deve haver tempo para comunicação, reflexão e argumentação entre os alunos- fatores importantes para o desenvolvimento da racionalidade e dos conteúdos metodológicos e atitudinais.

Uma contribuição que traz complemento à ideia da citação acima é, o que segundo Zabala (1998), a ação mental só tem uma validação na construção de aprendizagem, se essa ação estiver envolvida com uma profunda capacidade de reflexão sobre o próprio processo de aprendizagem.

Após essa etapa, convidei os alunos a visitar o jardim da escola. Munidos de lupas eles fizeram análise das características do solo, como cor e textura. Também foram desafiados a encontrar pequenos insetos por onde eles estavam observando.

Aluno A. *Eu achei interessante que o solo tem muitas espécies de animais, como: formiga, barata, essas coisas.*

Também achei interessante que o solo ele muda de cor, quando tá seco e molhado, que ele fica mais escuro quando molhado.

Aluno B. *Várias coisas. Porque antes eu nem pensava em fazer isso, essa criatividade. Mas, eu achei criativo e, foi muito bom.*

Foi para ver sobre o solo, que tinha sobre o solo, se tinha raízes, formigas...

Aluno C. *Porque, eu nunca tinha visto nada pelo chão com a lupa.*

E eu fui o único que achou micros partículas de vidro... formigas, coisas nas árvores e, na areia é... tipo, uma areia mistura uma cor com a outra.

Nesta etapa do projeto procurei criar um ambiente de interação e estimular o interesse dos alunos visitando o jardim da escola. Este momento serviu para enfatizar o que Zabala (2004, p. 101) afirma: “Uma das tarefas dos professores consistirá em criar um ambiente motivador, que gere o autoconceito positivo dos meninos e meninas, [...]”. Isto deu para perceber que cada vez que eles tinham um estímulo na aprendizagem davam mais respostas positivas. Essa afirmação é notada no que os alunos declaram diante do que estavam vivenciando: “*Várias coisas. Porque antes eu nem pensava em fazer isso, essa criatividade. Mas, eu achei criativo e, foi muito bom*”.

Pude ver na prática, o efeito significativo da mediação com as impressões dos alunos no envolvimento do novo conhecimento. Eles mesmos fizeram comparações em relação às aulas que apliquei com a do professor responsável pela turma. Como pode ser visto nessa fala: *“Porque nunca assim... o professor passou alguma atividade assim de moldar, aí quando senhor fez, todo mundo se animou, se divertiu...”* Isso demonstra que com envolvimento, há mais significado.

3º Episódio

Neste dia, desenvolvemos a experiência de como o solo armazena água, com o objetivo de demonstrar a capacidade de infiltração e retenção de água em diferentes solos. A turma foi dividida em quatro grupos de cinco alunos e foram entregues garrafas pets cortadas ao meio, três tipos de amostras de solo (arenoso, argiloso e húmico), papel filtro e água. Estando tudo já montado, para que os alunos pudessem formular hipótese do que iria acontecer e depois confrontar com resultados obtidos após o experimento foram propostas as seguintes perguntas: Quando a água for colocada sobre as amostras, ele se infiltrará (entrará no solo) ou ficará ali parada? Em qual das amostras a água vai começar a pingar antes? A água será cristalina ou terá coloração? De acordo com a fala dos alunos percebi que os mesmos estavam compreendendo a experiência.

Aluno A. *“Sim, por causa que a água ela consegue penetrar em algumas areias muito fácil. Como o húmico, ela passou um pouco devagar e um pouco também rápido.”*

“É o arenoso demorou um pouquinho, mas desceu.”

Aluno B. *“Eu pensava que ia passar primeiro era o arenoso”.*

Depois de terem observado a experiência da impermeabilidade do solo, organizei uma discussão com todos em semicírculo para que eles contassem o que tinham visto. Nesse episódio, foquei na discussão, para estimular os alunos a expressarem suas ideias, pois tinha percebido que alguns já estavam bem adaptados no tocante ao assunto que se comentava. Porém outros não acompanhavam o que estava sendo abordado. Daí procurei mesclar os que aparentemente não tinham o conhecimento ativo, ou seja, mobilização para argumentar, com os mais desenvolvidos. Carvalho (1998, p. 33) contribui da seguinte forma: *“Os alunos necessitam da ajuda do professor para preencher as lacunas, para mostrar as contradições e levá-los a tomar consciência da não coordenação entre as diversas situações”.* Ao mesclar foi possível desenvolver as aulas melhor. Abaixo registrei os resultados da análise feita pelos alunos.

Aluno B. *“Foi é... a água, que o humoso demorou um pouquinho para cair, porque ele é muito grosso”.*

“E o arenoso é meio esfarelado, aí quando colocou a água por cima da areia ele começou a cair rápido”.

“E o argiloso demorou mais um pouquinho a cair.”

Aluno B. *“Teve. Porque como o humoso ele é preto, aí, quando a água caiu, ficou amarelada. Bem assim foi com o arenoso e o argiloso”.*

Aluno C. *“Eu pensei que a cor dela, da argila ia sair. E do humoso ia virar lama.”*

“E do arenoso, ela ia ficar molhado, ia ficar dura quando secasse.”

“A do arenoso ela pode ser pequena, mas demorou mais pra filtrar, ela.”

“E da argila, se não tivesse bem “apiladinha”, a argila, a água não ia conseguir ultrapassar.”

“E do humoso ela é grossa, parecia que ela ia ser a única que ia demorar, mas ela foi a mais rápida.”

Após a conclusão da experiência solicitei aos alunos que escrevessem e/ou fizessem um desenho contando o que fizeram e explicando o que analisaram na experiência. (Figuras 1, 2 e 3). Astolfi (1998, p.19) afirma sobre o valor dos registros realizados pelos alunos: “Aquilo que se aplica à comunicação oral aplica-se igualmente à escrita, nomeadamente aos relatórios de experiências, acompanhados de desenhos e de esquemas, que são textos típicos da tradição escolar do ensino das ciências.”

Com efeito, a mediação do professor na construção do conhecimento científico é essencial, pois segundo Carvalho (1998), o conhecimento dos alunos não deve ser baseado em uma construção aleatória, mas o professor precisa estar engajado para desenvolver a construção do conhecimento nos alunos, semelhante a que é aceita pela comunidade científica e cultural.

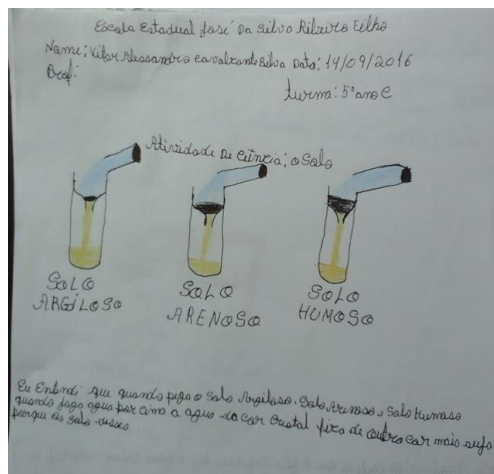
Observei nesse episódio, que todos esboçavam um sentimento de empolgação à medida que desenhavam e conversavam entre si. Vendo esta atitude dos educandos, procurei provocar seus conhecimentos utilizando o diálogo, com a finalidade de produzir reflexão, reconstrução e reelaboração do conhecimento ministrado.

Para Zabala (1998, p. 95) o diálogo tem uma função colaborativa na interação na sala de aula:

[...] será necessário, em primeiro lugar gerar um ambiente em que seja possível que os alunos se abram, façam perguntas e comentem o processo que seguem, através de situações de diálogo e participação, como meio para a exploração dos conhecimentos prévios.

Na aplicação do projeto didático em sala de aula, procurei utilizar o maior número possível de mecanismos, que promovessem cada vez mais a reelaboração e reconstrução do conhecimento efetuado pelos alunos. Apoiei tal ação baseado no que afirma Astolfi (1998, p. 19): “Esperamos encontrar nele, sob a pena do aluno, uma descrição dos fatos científicos previamente estabelecidos, que a experimentação lhe dá oportunidade de redescobrir.” Com isso, extraí dessa experiência o entendimento de que nas relações de conteúdo, professor e aluno na sala de aula, muitas situações podem contribuir para que o aluno avance na construção de conhecimento.

Figura 1 - Registro dos alunos



Fonte: Acervo do autor

As relações efetuadas entre professor/aluno na construção de conhecimento são ainda mais ampliadas quando é promovida a oportunidade de reflexão na sala de aula.

Conforme afirma Carvalho (1998, p. 36) na seguinte declaração:

E o professor que propõe problemas a serem resolvidos, que irão gerar ideias que sendo, discutidas, permitirão a ampliação dos conhecimentos prévios; promove oportunidades para a reflexão, indo além das atividades puramente práticas; estabelece métodos de trabalho colaborativo e um ambiente na sala de aula em que as ideias são respeitadas.

Em destaque, percebi que o uso diversificado de mecanismos na sala de aula contribuiu eficazmente para a aquisição de conhecimento por parte do educando.

4º Episódio

No dia deste episódio, aconteceu uma situação inesperada que exigiu da minha parte mais que conhecimento teórico, pois no decorrer da aplicação do projeto, as atividades previstas para esse dia foram todas realizadas em tempo menor que o previsto. Daí precisei executar uma atividade extra, utilizando o tempo.

Executei uma experiência, sendo que dessa vez foi uma mistura dos solos com água em um recipiente de vidro. (Figuras 2 e 3)

Figura 2 - Registro dos alunos



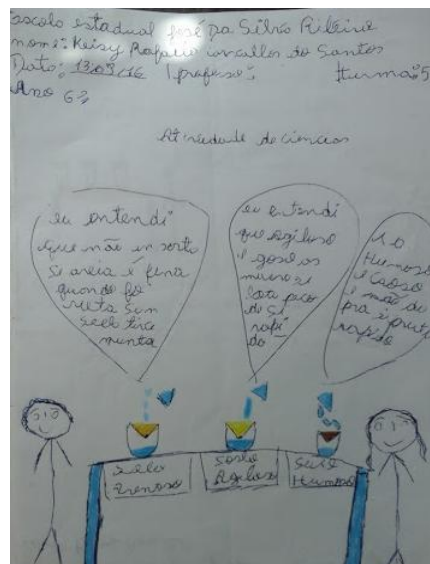
Arenoso ele demora a cair, acho que por conta que areia é grossa.

Argiloso ele foi bem rápido a cair a água. Porque acho que areia é fina.

Humoso ele foi bem rápido acho que ele é úmido que foi rápido ao cair.

Fonte: Acervo do autor

Figura 3 - Registro dos alunos



Eu entendi que não importa, se areia é fina...

Eu entendi que argiloso é grosso mais desce rápido.

E o humoso não desceu pelo funil rápido.

Fonte: Acervo do autor

5º Episódio

Para este episódio, propus aos alunos que fizessem pesquisa de imagens sobre o solo, em revistas. As mesmas revistas que os alunos juntamente com o professor trouxeram de casa. O objetivo era fazer com que os educandos verificassem nas imagens

os tipos de solo. Nas imagens apareciam muitos ambientes diferentes, que ainda não tinham sido explorados pelos alunos.

Nesta aula, fiz uma revisão oral sobre a aula anterior reforçando o assunto abordado para que os alunos fizessem comparações. Em roda, combinamos que seriam distribuídos cola, cartolinas, tesouras e livros para que realizassem em grupo a montagem de um mural com as imagens pesquisadas.

Após a colagem deveriam organizar os materiais usados. E os cartazes confeccionados seriam reservados para serem exibidos no final do projeto, na culminância.

A realização desta atividade foi importante para observar o grau de percepção que eles adquiriram ao longo dos dias. Observando a atividade, percebi que alguns já demonstravam evolução na identificação dos tipos de solo que eram encontrados nas imagens. Outro ponto que mostrou avanço foi a disposição que muitos tiveram de procurar o professor para confirmar suas impressões quanto ao assunto estudado. Desta forma, procurei valorizar suas conquistas e mediar seus conhecimentos de maneira afetiva.

Embasei minha ação em consonância com o pensamento de Zabala (1998, p. 96) quando se expressa dizendo que:

O aluno encontrará o campo seguro num clima propício para aprender significativamente, num clima em que se valorize o trabalho que se faz, com explicações que os estimulem a continuar trabalhando, num marco de relações em que predomine a aceitação e a confiança, num clima que potencializa o interesse por empreender e continuar o processo pessoal de construção do conhecimento.

A influência do professor/ aluno na construção do conhecimento está intrinsecamente ligada. A atitude do professor em valorizar o educando na construção do conhecimento possibilitará as modificações necessárias para que o aluno caminhe em direção a uma aprendizagem significativa.

6º Episódio

No sexto episódio, introduzi a aula com uma explanação sobre a utilidade do solo, que trouxe uma compreensão mais aguçada sobre a importância do solo para a agricultura, como também seus componentes úteis relacionados à matéria-prima, manufatura de vários produtos. Assim sendo, foram exibidos dois vídeos, o primeiro foi “panela de barro-como se faz” e o segundo “de onde vem o vidro?” Após a exibição, os alunos trocaram informações entre si a respeito dos vídeos. Demonstraram muito

interesses pelos trabalhos vistos nos vídeos. Revelaram desejo de realizar alguma experiência com a manipulação de argila.

7º Episódio

Sequenciei o projeto com o suporte da exibição dos vídeos da aula anterior. Neste momento, fizemos modelagem de objetos com argila, tal procedimento teve a mediação do professor. Esta atividade teve como intencionalidade a socialização de conhecimento, a interação em grupos e a oportunidade de trabalhar o conteúdo significativamente. Na efetivação dessa ação, pude perceber na fala dos próprios alunos a concretização do sujeito ativo na construção de conhecimento:

Aluno B. É interessante, muito criativo, tem muita criatividade e, muita inteligência também... que muitas pessoas nem tinham esse pensamento pintar com areia.

Foi muito interessante... É também é, bem criativo moldar, porque assim todo mundo ajuda. Porque nunca assim... o professor passou alguma atividade assim de moldar, ai quando senhor fez, todo mundo se animou, se divertiu...

Apoiei minha ação sobre a interação de grupo no que Zabala (1998, p. 101) afirma ao dizer que:

Para facilitar o desenvolvimento do aluno é preciso utilizar o grupo-classe, potencializando o maior número possível de intercâmbios em todas as direções. Para isso será imprescindível promover a participação e a relação entre professores e os alunos e entre os próprios alunos, para debater opiniões e ideias sobre o trabalho a ser realizado e sobre qualquer das atividades que se realizam na escola, escutando-os e respeitando o direito de intervirem nas discussões e nos debates.

Segundo Carvalho (1998), em vez de procurar o professor, os alunos observam os trabalhos que os grupos vizinhos estão fazendo e compreendem o procedimento certo, assim são capazes de modificar, de corrigir e acertar. Esta postura mostra que o educando tem uma estrutura de compreensão para construir seus conhecimentos.

Dando continuidade à aplicação do projeto propus expor o trabalho desenvolvido pelos educandos no dia do fechamento do projeto. A organização e distribuição das tarefas foram efetuadas de maneira bem desenvolvida. A turma foi dividida em grupos. Foram distribuídas nas mesas materiais como argila, papel A4, jornais, pincéis e tinta guache.

As falas dos alunos neste episódio, demonstram grande apreciação na situação de manipular o material em sala de aula.

Aluno A. “Eu pude aprender fazer panela, vasos... muitas outras coisas com a argila... a argila a gente pode fazer diversas atividades e diversos objetos”.

Aluno A. *O barro é muito fácil de lidar e eu nunca tinha feito nada com barro e é muito interessante.*

Por causa que o barro, ele é como se fosse uma massinha, só que depois ele fica duro.

A argila é muito interessante fazer objetos de argila.

Aluno B. *É interessante, muito criativo, tem muita criatividade e, muita inteligência também... que muitas pessoas nem tinha esse pensamento pintar com areia.*

Aluno C. *Porque, eu pensei que quando a argila ficasse um pouquinho dura, ela não poderia mais amolecer muito.*

É uma condição muito apropriada para os educandos, pois é oferecida a oportunidade de aprender fazendo. Este conteúdo procedimental contribuiu de maneira significativa para o desenvolvimento cognitivo dos educandos.

Acredito que envolver os alunos em atividade de manipulação contribui não só para despertar interesse, mas também ampliar as possibilidades de aprendizagem dos conteúdos de ciências e criar relações saudáveis entre eles, uma vez que as crianças não tinham experiências em realizar trabalhos dessa natureza na proposta das aulas. Isso pode ser notado na declaração dos alunos:

“Foi muito interessante... E também é, bem criativo moldar, porque assim todo mundo ajuda. Porque nunca assim.... o professor passou alguma atividade assim de moldar, ai quando o senhor fez, todo mundo se animou, se divertiu [...]” (Aluno A)

Carvalho (1998, p.35) oferece uma contribuição muito pertinente sobre a ideia de manipulação efetuada pelos alunos nas atividades propostas pelo professor, afirmando o seguinte:

[...] o professor tem que criar atividades nas quais os alunos possam manipular e explorar os objetos, criar regras de conduta que lhe permitam trabalhar de maneira satisfatória e alegre- sem que a algazarra tome conta da classe -, criar liberdade intelectual para que eles não tenham receio de expor suas ideias e de fazer perguntas.

Estando já com os materiais em suas mesas, os alunos, muito empolgados, mostraram suas criações. Cada um mostrava com orgulho sua obra prima. Todos expressaram a oportunidade de participar dessa aula como algo pouco usado, ou não utilizado na sala de aula. Em alguns casos, os alunos se interessaram em saber onde era vendida a argila para que eles pudessem adquirir posteriormente. Os utensílios moldados foram levados ao sol ou colocados em lugar adequado para secagem. Na análise desse

episódio, foi enriquecedor entender que o professor para ajudar o aluno a construir conhecimento, tem que planejar suas aulas além do conteúdo.

E conforme as palavras de Carvalho (1998, p. 35), “Espera-se do professor construtivista muito mais do que saber expor a matéria e ter bom relacionamento com os alunos.” Sendo assim, a interação professor/aluno no ensino conseguirá atingir seu objetivo, que é levar o aluno a construir seu conhecimento.

De acordo com Zabala (1998), a elaboração do conhecimento exige o envolvimento pessoal, o empenho do aluno na realização das tarefas, mas somente isso não é suficiente, o aluno ainda precisa de uma ajuda especializada, estímulos e afetos por parte dos professores e dos demais colegas. Ainda segundo esse autor, ajuda oferecida aos alunos serve como apoio nas atividades que estão ao alcance deles.

No episódio de modelagem, observei o empenho e dedicação por parte dos alunos na construção dos utensílios. Isso serviu para ressaltar o valor de uma aula diferenciada e criativa, que lança “mão” de várias estratégias de ensino para promover uma ampla oportunidade de interação aos alunos. As imagens são exemplos dessa afirmação. (Figuras 4)

Figura 4 – Produção dos alunos



Fonte: Acervo do autor

8º Episódio

Nesse dia, a aula teve por objetivo que os alunos comparassem as características dos solos como: densidade, textura, cor, consistência. Para a efetivação dessa aula as crianças trouxeram amostras de solos de casa e depois de analisarem descobriram que no próprio bairro onde eles moram existe uma variedade de solos. Segundo Carvalho (1998), é uma das competências do professor criar espaço de atividade nas quais os alunos possam manipular e explorar os objetos e esse mesmo espaço deve possibilitar aos alunos a capacidade de desenvolver sua liberdade intelectual.

Depois de verificar o solo coletado pelos alunos, comecei a preparação das tintas com o solo, cola e água, mediando as ações. Após a mistura ficar pronta eles trocaram as cores das tintas obtidas para que a pintura ficasse mais colorida. Muitos demonstraram grande admiração com o resultado dessa experiência e com o aprendizado, como pode ser notado através dessas falas:

Aluno A. Muito legal a mistura da cola, do solo e da água.

Eu achei interessante que o solo serve para muitas coisas, como pintura...

Aluno B. É porque assim, eu nunca tive essa criatividade de pintar com o solo. Mas, eu achei bem criativo, porque tem que pintar, deixar o que quiser... eu achei bem criativo e bom.

Aluno C. Porque eu não sabia, se juntasse água, cola e areia, ia ficar aquilo. E também eu e meus colegas discutimos o que a gente podia fazer para melhorar aquilo. Aí, a gente pegou, jogou areia por cima e a pintura ficou melhor.

Nesse episódio, não é difícil ser notado a reconstrução dos alunos diante do objeto estudado, isso se confirma nas falas anteriormente citadas. A esta resposta positiva dos alunos sobre a capacidade de reconstrução, Carvalho (1998, p. 36) afirma:

Assim, o aluno reconstrói na escola conhecimentos que já foram construídos. Por exemplo, o aluno constrói a noção de quantidade de movimento, de visão ou de vida, mas essas noções já fazem parte do rol de conhecimentos elaborados pelo trabalho científico ao longo do tempo. Desse modo, o professor deve estar engajado no processo de reconstrução do conhecimento de seus alunos, não de uma construção qualquer, aleatória, mas daquela aceita pela atual comunidade científica e cultural.

A pintura com tinta de solo (Figura 5) oferece aos professores a possibilidade de tratar do tema ensino do solo de forma motivadora para o aluno. Isto porque dois dos materiais utilizados, solo e água, são partes integrantes da natureza e estão presentes no dia a dia dos alunos.

Figura 5 - Pintura com solo



Fonte: Acervo do autor

O terceiro material, a cola, pode ter sua utilização abordada como elo que une esses dois importantes recursos naturais, mostrando a dependência de um em relação ao outro: o solo não existe sem a água e vice-versa; e os dois são fundamentais para os seres humanos e a biodiversidade animal e vegetal do planeta.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objeto de estudo compreender o papel da mediação para o ensino-aprendizagem de ciências naturais, com uma turma do Ensino Fundamental. Através das relações e dos registros realizados com os alunos foi comprovada a relevância da mediação, sendo notável a construção do conhecimento dos alunos. A relação desenvolvida através do projeto didático contribuiu para a construção do conhecimento, mostrando a grande importância do papel do professor como mediador. Ainda foi possível perceber que, ao proporcionar possibilidades variadas de situações de aprendizagem, os alunos conseguem avançar nas suas habilidades. Foi bastante perceptível a valor da interação professor/aluno no projeto didático, decorrente do prazer dos alunos nas atividades propostas.

Finalmente, acredito que a partir do momento em que o professor desenvolve um relacionamento com aluno de forma a criar um ambiente oportuno para aprendizagem, ele promove dinâmica durante a discussão dos conteúdos, o que conseqüentemente contribui para que os alunos se tornem seres participativos no processo de construção de sua própria aprendizagem. Estimula a interação, capacidade de construir novo saberes, a criatividade, entre outros fatores que contribuem para o desenvolvimento da autonomia e da aprendizagem significativa.

Ressalto que na sala de aula onde desenvolvi o projeto didático, pude presenciar que alguns alunos no início se mostraram retraídos com a minha chegada. Foi uma surpresa quando os mesmos começaram a interagir a partir do momento em que realizei experimentos científicos. Eles começaram a interagir e a ficar curiosos, a participar das discussões e questionar.

REFERÊNCIAS

- ASTOLFI, Jean-Pierre; PETERFALVI, Brigitte; VÉRIN, Anne. **Como as crianças aprendem as ciências**. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: ciências naturais** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.
- _____. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, MEC/SEF, 1998.
- Carvalho, A. M. P et al. **Ciências no Ensino Fundamental: o conhecimento físico**. São Paulo: Scipione, 1998.
- CHIZZOTT, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- COLL, Cesar. Construtivismo e educação: a concepção construtivista do ensino e da aprendizagem. In: COLL, Cesar et al. **Desenvolvimento psicológico da educação: psicologia da educação escolar**. Porto Alegre: Artmed. 2004
- COLL, Cesar e SOLÉ, Isabel. Os professores e a concepção construtivista. In: COLL, Cesar et al.; **O construtivismo em sala de aula**. São Paulo: Editora Ática. 2004.
- MAURI, Teresa. O que faz com que o aluno e a aluna aprendam os conteúdos escolares? In: COLL, Cesar et al. **O construtivismo em sala de aula**. São Paulo: Editora Ática. 2004.
- NASCIMENTO, Sílvia Sousa de; PLANTIN, Christian (org.) **Argumentação e Ensino de Ciências**. Curitiba: CRV, 2009.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. Ver. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.
- SIQUEIRA, Denise de Cássia Trevisan. **Relação professor-aluno: uma revisão crítica**. Disponível em: <www.conteudoescola.com.br>. Acesso em 20 de nov. de 2016.
- TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. 1 ed. 22 reimpr. São Paulo: Atlas, 2013.
- ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. 1 edição. Porto Alegre: Artmed, 1998.

III ENCONTRO MULTIDISCIPLINAR DA FACULDADE AMADEUS

FOLCLORE LAMBE-SUJO

Alessandra Virgínia B. B. Braz¹

Juliana Costa²

Vanessa Santos³

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo geral, estimular discussões e reflexões entre alunos e educadores acerca da valorização étnica racial e a inclusão de conteúdos folclóricos em sala de aula. Os objetivos específicos foram contribuir para a diminuição do processo de exclusão social, reduzir a incorporação de preconceitos pelas crianças, desenvolver atitudes de valorização da cultura regional e de respeito às pessoas negras, sua história e cultura, valorizar o folclore sergipano, desenvolver habilidades e competências de linguagem oral e escrita. Dentro desse contexto questionou-se: como a inserção da cultura afro-brasileira, através de personagens folclóricas como lambe-sujo e o saci-pererê, pode produzir um aumento significativo no rendimento escolar? Os procedimentos metodológicos foram os de uma pesquisa-ação, de cunho qualitativo. O projeto foi aplicado em uma escola de Educação Infantil no turno vespertino, com os alunos de quatro a cinco anos de idade. Foi um projeto interdisciplinar do curso de pedagogia da Faculdade Amadeus.

Palavras-Chave: Aprendizagem. Educação Infantil. Natureza e Sociedade. Pesquisa-ação.

ABSTRACT

The objective of this study was to stimulate discussions and reflections among students and educators about ethnic racial valorization and the inclusion of folkloric contents in the classroom. The specific objectives were to reduce the process of social exclusion, to reduce the incorporation of prejudices by children, to develop attitudes of appreciation of the regional culture and to respect black people, their history and culture, to value Sergipe

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Faculdade Amadeus. E-mail: alevborges2011@hotmail.com.br

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Faculdade Amadeus.

³ Graduanda do Curso de Pedagogia da Faculdade Amadeus.

folklore, to develop skills and competences Oral and written language. Within this context it was questioned: how can the insertion of Afro-Brazilian culture, through folkloric characters such as lick-dirty and saci-pererê, produce a significant increase in school performance? The methodological procedures were those of an action research, of a qualitative nature. The project was implemented in a kindergarten school in the evening shift, with students from four to five years of age. It was an interdisciplinary project of the pedagogy course at Amadeus College.

Keywords: Learning. Early Childhood Education. Nature and Society. Action researcher.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo foi interdisciplinar, realizado como parte das disciplinas Linguagem Oral e Escrita e Natureza e Sociedade do Curso de Pedagogia da Faculdade Amadeus. Apresenta a cultura afro-brasileira como um fator indispensável na construção do espaço educacional e uma importante influência nas transformações sociais. Delimitamos nossa pesquisa ao âmbito da cultura afro-brasileira sergipana, mais precisamente a do Lambe-Sujo e do Saci Pererê, analisando os seguintes aspectos: qual a importância dessa cultura para o desenvolvimento da criança no processo de aprendizagem e como a caracterização do lambe-sujo e do saci Pererê leva à descoberta e à construção de um convívio social harmonioso, utilizando as próprias mãos, de uma forma descontraída e gratificante. Nesse ato de contribuir e construir, a criança desenvolve certo conhecimento sobre seu lugar no mundo dentro de um contexto sociocultural.

Ressaltamos a relevância da cultura afro-brasileira como grande incentivadora da interação entre a criança e o meio que a cerca, contribuindo para o desenvolvimento de sua aprendizagem. A cultura é importante dentro do espaço escolar, garantindo aos alunos o acesso às histórias de faz de conta, às rodas de conversas e sua musicalidade.

A tradição do lambe-sujo existe há décadas, passando de geração a geração, e é possível perceber que seu conteúdo cultural vem sofrendo modificações ao longo do tempo. Denota-se, no espaço escolar, que as crianças já não são mais estimuladas culturalmente, deixaram de lado as danças tradicionais, os instrumentos musicais (timbau, cuíca, tambor, tamborim, pandeiro, reco-reco), que eram bastante utilizados até pelos índios, além das comidas típicas. O divertimento e o lazer foram substituídos por jogos eletrônicos, dispositivos que dispersam a atenção da criança, paralisam-na em frente da tela do computador, esquecendo o movimento do próprio corpo. (JIMÉNEZ, 1990, p. 3).

No ato de construir e preservar o conhecimento cultural, a escola tem um papel fundamental para estimular a volta às raízes da cultura afro-brasileira, a exemplo do reisado, do bumba meu boi, caboclinhos, lambe-sujo, cacumbi, taieira e chegança no Estado de Sergipe, bem como outras culturas que são raramente incorporadas à prática pedagógica.

Dentro desse contexto, questionou-se: como a inserção da cultura afro-brasileira, através de personagens folclóricas como lambe-sujo e o Saci-Pererê, pode produzir um aumento significativo no rendimento escolar?

Nesse sentido, o presente estudo tem como objetivo geral estimular discussões e reflexões entre alunos e educadores acerca da valorização étnica racial e a inclusão de conteúdos folclóricos em sala de aula. Ademais, traz, ainda, como objetivos específicos: contribuir para a diminuição do processo de exclusão social; reduzir a incorporação de preconceitos pelas crianças; desenvolver atitudes de valorização da cultura regional e de respeito às pessoas negras, sua história e cultura; valorizar o folclore sergipano; desenvolver habilidades e competências de linguagem oral e escrita da criança.

A escolha do tema justifica-se pela relevância de despertar o interesse pelo folclore de Sergipe, envolvendo os educadores e alunos, através de atividades lúdicas, contação e recontação de histórias, musicalização e colagem, visando à construção dos valores sociais e morais contidos em cada história contada sobre o acervo cultural de nosso Estado.

Foi uma pesquisa qualitativa, pesquisa-ação desenvolvida em uma turma de Educação Infantil com faixa etária de quatro a cinco anos de idade, no turno vespertino. Para fundamentação teórica, utilizamos os autores Espinoza (2010), Zabala (1998), Costa (2006), Portugal (1948), dentre outros.

2 REVISÃO DE LITERRATURA

2.1 Entendendo o Conhecimento Prévio através da Roda de Conversa

Conforme estabelece o PARECER CNE/CEB Nº: 20/2009, partindo do conhecimento prévio do aluno, permitimos a eles a possibilidade de formar seus conhecimentos e experiências vividas por eles mesmos; dando credibilidade a bagagem

que foi adquirida, seja em seio familiar, ou em qualquer outra organização social que também formem o caráter dessas crianças.

[...] a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. (BRASIL, 1996)

O conhecimento prévio dos alunos mostra saberes que eles possuem e que são essenciais para o aprendizado. Esses conhecimentos foram construídos durante suas vidas através de interações com o meio físico e social e na procura de explicações sobre o mundo que a cerca. (PESSOA, VANNUCCHI, BARROS, GONÇALVES E REY, 1998).

Sendo assim, é através da Roda de Conversa que o educador tem por objetivo explorar as competências e habilidades comunicativas dessas crianças, criando possibilidades no plano verbal e abrindo caminhos para que as crianças sejam capazes de produzir seus próprios conhecimentos; narrar suas experiências vividas ou imaginadas (pois desde pequenas já as possuem), interagindo com o outro e construindo sua subjetividade; relacionar novos conhecimentos agregados com vivências e conhecimentos já apreendidos; aprender a ouvir o outro e ampliar sua oralidade.

Para Fernandes (2011, p. 29), “os conhecimentos prévios dos alunos devem ser considerados pelos professores durante todo o processo de ensino”. Mas para que isso ocorra, é necessário pensar em situações problemas que venham desafiar os alunos, para que eles possam refletir sobre o tema. Pois, quando levamos em conta a aprendizagem que o aluno tem em relação a um determinado conteúdo, estamos dando a possibilidade para esse aluno expor seus conhecimentos e, através de suas experiências, poderão tirar suas dúvidas e transmitir aos demais alunos suas habilidades. Baseado nesse pensamento, Piaget afirma que “o ser humano é ativo na construção de seu conhecimento e não uma massa ‘disforme’ a ser moldada pelo professor” (PIAGET, 1983, p. 296).

Nesse sentido, o autor mostra que a capacidade de conhecer e aprender se constrói a partir das trocas estabelecidas entre o sujeito e o meio. Uma forma de promover a interação e uma aprendizagem mais prazerosa é quando envolvemos o lúdico associado ao desenho. Dessa forma, o aluno poderá não só ouvir e contar experiências, mas também estará produzindo de forma concreta seus conhecimentos e estará aprendendo com muito mais motivação e empolgação.

Pois, segundo Freinet (1998, p.16), “a ludicidade é uma necessidade da criança e, para que ela se desenvolva integralmente, precisa brincar livremente”. Entretanto, isso

não significa dizer que o professor não precisa planejar, acompanhar e observar. Essa liberdade tem que ser sentida, apreciada pela criança por conseguir realizar tal atividade, pois sabemos que nenhuma atividade realizada no ambiente escolar seria aplicada de qualquer maneira. Essas atividades realizadas pelos alunos são mediadas pelo professor, e dentre elas veremos o desenho.

2.2 O Trabalho com o desenho da Linguagem Escrita

Ao trabalharmos com o desenho na educação infantil, estamos trazendo a realidade mental da criança para o papel, fazendo com que o mesmo venha evoluir em suas projeções, ideias e imaginações, ou seja, daquilo que compreendem como realidade.

À medida que o pensamento da criança evoluiu, os traços gráficos se transformam com os progressos das capacidades representativas a criança fará os desenhos de forma detalhada de acordo com os avanços ligados ao pensamento e com as evoluções de pensamento, elas começam a manifestar o desejo de serem fiéis a realidade, assim como as compreendem. (PORTUGAL, S/D, p.10)

Desse modo, a escola tem em suas mãos uma enorme oportunidade de proporcionar um processo de aprendizagem prazeroso à criança quando relacionar ao contexto escolar o lúdico, o desenho e a linguagem oral, através da roda de conversa (importante ferramenta na construção da subjetividade) onde poderá desenvolver na criança a criatividade, a autonomia, e a conversação.

[...] é um dos instrumentos da Pedagogia de Freinet que visa à livre expressão e, na dinâmica educativa, é, também, [...] um momento importante para o grupo se conhecer e se organizar. [...] é um momento privilegiado no atendimento à necessidade de exprimir sentimentos e ideias e comunicar-se com os outros. (FERREIRA, 2003, p. 30)

2.3 Conhecimento de Natureza e Sociedade na Educação Infantil

Natureza e Sociedade é o estudo dos fenômenos naturais e sociais relacionados à educação e sua interação com a criança, através dos quais se desenvolve o conhecimento do mundo em que ela vive. De acordo com o RCNEI (Referencial Curricular da Educação Infantil (BRASIL, 1998, p.181), as crianças, desde que nascem, participam de diversas práticas sociais no seu cotidiano, dentro e fora da escola. Dessa forma, adquirem conhecimentos sobre a vida dentro da sociedade e o que acontece no seu

entorno. A família, os parentes e os amigos, a instituição, a igreja, o posto de saúde, a rua, entre outros, constituem espaços de construção do conhecimento social. Na instituição de educação Infantil, a criança encontra possibilidade de ampliar as experiências que traz de casa e de outros lugares; de estabelecer novas formas de relação e de contato com uma grande diversidade de costumes, hábitos e expressões culturais; cruzar histórias individuais e coletivas; compor um repertório de conhecimentos comuns àquele grupo, etc.

Segundo o RCNEI (BRASIL, 1988, p. 171), à medida em que desenvolve e sistematiza conhecimentos relativos à cultura, a criança constrói noções que favorecem mudanças no seu modo de compreender o mundo, permitindo que ocorra um processo de confronto entre suas hipóteses e explicações com os conhecimentos culturalmente difundidos nas interações com os outros, com os objetos e fenômenos e por intermédio da atividade interna e individual.

O ensino de ciências sociais possibilita que a criança adquira conhecimento através das experiências realizadas na sala de aula, mediante o levantamento de suas hipóteses e observação dos fatos para assim comprovar o real. O professor deve planejar suas aulas, aguçando a curiosidade do aluno e aproveitando o conhecimento prévio da criança.

Segundo BIZZO (2001, p. 52),

As atividades das aulas de ciências devem ser planejadas de forma tal que as relações estabelecidas possam emergir como consequência do trabalho realizado. Muitas vezes os próprios estudantes não têm consciência dos conhecimentos que já possuem. É importante planejar a realização de sessões de perguntas e respostas dedicadas a levantamento de ideias que os alunos já têm sobre os fenômenos que serão estudados e suas explicações para significados de termos e expressões. Dependendo da idade dos estudantes e do desenvolvimento de sua capacidade de registro gráfico ou escrito, pode-se pedir para que sejam feitos desenhos, entrevistas ou pequenos registros de reflexões por parte de um pequeno grupo, ou mesmo individualmente.

Nas brincadeiras culturais, pode-se trabalhar espaço e tempo, possibilitando uma aprendizagem significativa envolvendo aspectos diferentes na aprendizagem da criança. Em relação ao espaço, o professor deve trabalhar o lúdico junto à criança. Assim, promove atividade recreativa no ambiente restrito para esse fim. Esse ambiente deve ser com diversas cores e com diversos painéis mostrando os grupos folclóricos sergipanos para que a criança possa explorar a cultura nas brincadeiras, visto que elas farão uso da imaginação, criando representações da realidade que as cerca.

3 APROPRIAÇÃO DE DISCUSSÃO E RESULTADOS

A metodologia utilizada para o desenvolvimento do projeto foi qualitativa de acordo com a metodologia da pesquisa-ação. Através de fontes bibliográficas, foi possível adquirir dados sobre o Lambe-Sujo e Saci Pererê.

Começamos com exposição básica da história do Saci Pererê - quando surgiu e suas características físicas - depois apresentamos a vestimenta dele. A partir daí, foram feitas várias perguntas: se eles sabiam da verdadeira história do Saci Pererê, por que ele tinha uma perna só, como ele andava, e se eles gostavam da história.

Levar para o conhecimento das crianças a cultura afro-brasileira, através da prática com materiais emborrachados e recicláveis, bem como alguns instrumentos representando a história do Saci Pererê e lambe-sujo, foi gratificante. Pudemos observar que as crianças não tinham conhecimento de toda história, que é uma cultura brasileira que pode ser apresentada a eles por meio das vestimentas e instrumentos musicais. Ficamos surpresas por perceber que as crianças não conheciam a cultura afro-brasileira, a qual, em outras gerações, fora utilizada nas histórias contadas por nossos familiares e que ainda existe em nossa geração, principalmente o grupo folclore Lambe-Sujo.

Brougère (2000, p. 98) critica aqueles que consideram o brinquedo uma futilidade:

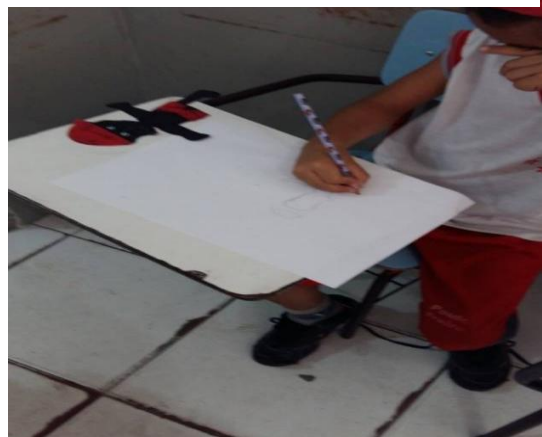
Se o brinquedo é um objeto menor do ponto de vista das ciências sociais, é um objeto de profunda riqueza. A sua sombra, a sociedade se mostra duplamente naquilo que é mais, sobretudo naquilo que se dá a conceber as suas crianças. Assim sendo, mostra a imagem que faz da infância. O brinquedo é um dos reveladores de nossa cultura, incorpora nossos conhecimentos sobre a criança ou, ao menos, as representações largamente difundidas que circulam as imagens que nossa sociedade é capaz de agregar.

No segundo momento, as crianças desenvolveram uma atividade escrita, o “desenho do Saci Pererê preferido” (fig.1).

Durante esta atividade pudemos perceber que as crianças tinham dificuldade em desenhar qualquer desenho sugerido pelo adulto. Entretanto, escrever os seus nomes desenvolveram com maior facilidade.

Para Luquet (1969, p. 139) “a criança desenha sem nenhuma intenção de

Figura 1 - Atividade escrita e desenho “Meu Saci Pererê Preferido”.



Fonte: Acervo das autoras.

representar algo, no entanto, ao terminar a sua atividade gráfica, já consegue estabelecer alguma interpretação sobre o que desenhou, atribuindo-lhe algum nome.”

No terceiro momento, foi construído junto com as crianças colagem com emborrachado formando o Saci Pererê. Logo depois, as crianças construíram também dois instrumentos, como tambores e cuícas, permitindo o processo de construção da aprendizagem. Ao ficar pronto, as crianças puderam tocar com os instrumentos que eles próprios construíram. (fig.2)

Figura 2 - Alguns instrumentos usados na cultura afro-brasileira: Lambe-sujo.



Fonte: Acervo das autoras.

Acerca das canções de roda como meio pedagógico de incentivar a oralidade, RCNEI (1998, p. 76) confirma:

A ampliação da capacidade das crianças de utilizar a fala de forma cada vez mais competente em diferentes contextos se dá na medida em que elas vivenciam experiências diversificadas e ricas, envolvendo os diversos usos possíveis da linguagem oral como conteúdo exige o planejamento da ação pedagógica de forma a criar situações de fala, escrita e compreensão da linguagem.

No quinto momento, foi feita uma roda de conversas com as crianças para falar um pouco sobre a aceitação de suas semelhanças e diferenças, a inclusão social, o Lambe-Sujo e o Saci Pererê e sua semelhança com o grupo folclórico de Laranjeiras, no Estado de Sergipe. Observamos a alegria delas com as histórias contadas e representadas pelas próprias crianças que foram caracterizadas por vestimentas e utensílios descritos pelos historiadores (figura 3).

Figura 3 - Contação de história e utilização dos instrumentos.



Fonte: Acervo das autoras.

Para Wajskop (2007, p. 41) “os brinquedos constituem-se hoje em objetos privilegiados da educação das crianças, desde que inseridos numa proposta educativa que se baseia na interação delas, tendo significado quando utilizados pelas crianças para brincar.”

O professor deve organizar um espaço para as crianças desenvolverem sua criatividade, com intuito de estimular a imaginação delas nesse espaço, propiciando a manipulação de objetos e brincadeiras, disponíveis e organizados de acordo com a idade de cada aluno.

Conforme Machado (1995, p. 27),

Enquanto usa, manipula, pesquisa e descobre um objeto a criança chega a próprias conclusões sobre o mundo em que vive. Quando puxa, empilha, amassa, desamassa e da nova forma, a criança transforma, dar forma a materiais como quiser, propicia à criança instrumento para o crescimento saudável, que estimulam a explorar o mundo de dentro e o mundo de fora dando a eles nova forma, no presente e no futuro a partir de sua vivência.

No sétimo momento, finalizamos aplicação do projeto, tiramos foto junto com as crianças em agradecimento por ter cedido o espaço para as estagiárias: Alessandra Virginia Borges, Juliana Costa, Vanessa Santos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo proposto mostrou a importância da cultura afro-brasileira na educação infantil, comprovando, através da pesquisa bibliográfica e de campo, que a inserção de temas culturais no processo de aprendizagem da criança deve ser, portanto, iniciada já na pré-escola.

Na transformação social, o ato de construir e preservar o conhecimento cultural e conhecer a cultura sergipana é fundamental, uma vez que as manifestações culturais vêm, cada vez mais, diminuindo dentro da sociedade. Devido ao aumento do consumo da tecnologia (jogos, vídeo games e outros) as crianças perderam ainda mais o interesse pela nossa cultura brasileira.

Os objetivos deste estudo foram alcançados: fizeram-se presentes discussões e reflexões entre alunos e educadores sobre a cultura sergipana da cidade de Laranjeiras e a inclusão social das pessoas negras, utilizando a roda de conversa e a contação de uma história tradicional (Saci-Pererê) e uma atual (Lambe-sujo), levadas ao conhecimento das crianças através de objetos (emborrachados, revista, material reciclável). A experiência fora significativa para a aprendizagem das crianças, pois, pudemos verificar que não tinham qualquer conhecimento da história ali representada por meios lúdicos.

Em relação a preservação cultural regional, é importante que as raízes da cultura afro-brasileira sejam perpetradas - as danças tradicionais, como o reisado, do bumba-meu-boi, caboclinhos, lambe-sujo, cacumbi, taieira, são brincadeiras educativas que deveriam está no cotidiano das crianças, pois elas nos contam a história antepassada do nosso povo, de onde viemos e quem somos.

A presença da cultura sergipana dentro do contexto da educação infantil desencadeia e fortalece o processo de aprendizagem, tendo em vista que a criança poderá usar sua criatividade e se desenvolver intelectual e emocionalmente através das atividades lúdicas. Para que esse processo aconteça no ambiente escolar, é fundamental o esforço dos educadores em ensinar às crianças o valor de nossa cultura, em detrimento do uso da tecnologia como meio único para divertimento e lazer.

Desta forma, podemos concluir que o educador desempenha papel crucial no aprendizado da criança e é o responsável por criar um ambiente que estimule a criança no seu desenvolvimento cognitivo. Ao preservar a cultura sergipana, o educador elaborará

estratégias que possibilitarão a socialização do aluno com as outras crianças, além de proporcionar de forma prazerosa uma aprendizagem significativa.

Um espaço como um Mural Cultural dentro da escola pode ser um ambiente incentivador e criativo, lúdico e alegre, sendo organizado por todas as crianças para elas possam conhecer de perto a cultura afro-brasileira.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Referencial curricular Nacional para a Educação Infantil: Formação pessoal e social**. Ministério da Educação e Desporto. Secretária da Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, VOL.3,1998. Disponível em: <<http://portalmeec.gov.br/arquivos/pdf/volume3.pdf>>. Acesso em: 21 ago. 2016.

BRASIL. **Parâmetros Nacionais de Qualidades para a Educação infantil**. Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica, Brasília 2006. Disponível em <<http://nd.ufsc.br/files/2012/02/Par%C3%A2metros-vol-2.pdf>>. Acesso em: 21 ago. 2016.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FERNANDES, **E a aprendizagem significativa**. Revista Nova Escola, dez. 2011. Disponível em http://www.robertexto.com/archivo3/a_teorias_ausubel.htm. Acesso em 29 de Agosto de 2016.

FRINET, Célestin, **Pedagogia do Bom Senso**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LUQUET, Georges Henri. **O Desenho infantil**. Porto: Livraria Civilização. Editora. São Paulo, Cortez, 1999.

MACHADO, Marina Marcondes. **Jogo e Brinquedo, Brincadeiras e a educação**. 12 ed. São Paulo: Cortez. 1999.

PORTUGAL, JOÃO C. S. **A Importância Do Desenho Na Construção Da Aprendizagem Infantil** S/d Leopoldina – MG

PESSOA, VANNUCCHI, BARROS, GONÇASLVES, E REY, apud, AUSUBEL, D. **Aquisição e Retenção de Conhecimentos: uma perspectiva cognitiva**. Lisboa: Editora Plátano, 1998.

PIAGET, Jean. **Psicogênese dos conhecimentos e seu significado epistemológico**. 1983. Disponível em: <<http://educador.brasilecola.uol.com.br/trabalho-docente/pesquisa-acao.htm>><<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>>. Acesso em: 09 set. 2016.

ZABALA, Antônio **A Prática Educativa: Como ensinar**. Porto Alegre, Artmed, 1996

RESUMOS

Anais

ISSN 2358-0070

**III ENCONTRO
MULTIDISCIPLINAR DA
FACULDADE AMADEUS**

PROCESSO DE FORMALIZAÇÃO DE PRESTADORES DE SERVIÇOS AUTÔNOMOS

Alonso Siqueira de Oliveira Junior ¹

RESUMO

Com os altos níveis de desemprego no Brasil, as pessoas veem no mercado informal uma alternativa para conquistar sua fonte de renda, gerando um aumento da economia informal do país, assim esse estudo se faz necessário para o esclarecimento a respeito dos direitos e obrigações dos prestadores de serviços. Diante do exposto, nosso problema é: como se dá o processo de formalização e tributação de pessoa física prestadores de serviços individualmente? Tendo como objetivo geral, compreender o processo de formalização e tributação de pessoa física prestadores de serviços individualmente. Uma vez que, com o auxílio dos profissionais de contabilidade possam obter ajuda para serem formalizados podendo usufruir dos benefícios previstos. A metodologia empregada tem caráter descritivo, explicativo e documental baseado em pesquisas bibliográficas que fundamentam todo o conteúdo. Pretende-se dirimir as dúvidas sobre a formalização e a lei específica para os profissionais autônomos, pois muitos a desconhecem, e não sabem os trâmites pelos quais ela se opera.

Palavras-Chave: Empreendedores. Formalização. MEI.

¹ Graduando do curso de Ciências Contábeis da Faculdade Amadeus. E-mail: alonsosiqueirajr@hotmail.com. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Contábeis pela Faculdade Amadeus, sob a orientação do Prof.: Priscila Jesus Mendonça.

APURAÇÃO DE CUSTOS EM UMA ENTIDADE SEM FINS LUCRATIVOS: FORNECIMENTO DE ALIMENTAÇÃO

Marizangela Salvador de Oliveira¹

RESUMO

A apuração de custos como ferramenta de auxílio a contabilidade gerencial tem grande relevância nas entidades de Terceiro Setor, que caracteristicamente são formados por instituições de direito privado, sem fins lucrativos e que buscam, o bem-estar social. Porém, existem entidades sem fins lucrativos cuja função é prestar assistência e auxílio a determinados profissionais. A exemplo disto destaca-se o SESC - Serviço Social do Comércio, que atende os comerciários em diversas atividades como: assistencialismo, cultura, lazer, educação, saúde e serviço de alimentação, Este trabalho tem por objetivo compreender a sistemática da contabilização de custos no fornecimento de refeições do SESC. A metodologia empregada tem caráter descritivo e explicativo, fazendo uso de revisão bibliográfica e documental. Assim, entende-se que com auxílio da contabilidade de custos, é proporcionar o controle financeiro da produção no fornecimento de refeições no SESC, que contribui com informações essenciais para tomada de decisões, assim tratando de fornecer informações fidedignas aos usuários, externos e internos através de registros contábeis com o propósito de evidenciar em pesquisa resultados e sugestões na teoria e prática. Se o fornecimento das refeições de baixo custo é viável ou inviável para a empresa estudada, de acordo com os custos contábeis e financeiros.

Palavras-Chave: Terceiro setor. Contabilidade. Bem-estar. Informações.

¹ Graduanda do Curso de Ciências Contábeis da Faculdade Amadeus. E-mail: mari.olivi.contabeis@gmail.com. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para obtenção do título de Bacharel em Ciências Contábeis pela Faculdade Amadeus, sob a orientação da Profa. Priscila Jesus Mendonça

ELABORAÇÃO DA FOLHA DE PAGAMENTO EM UMA AUTARQUIA PUBLICA INDIRETA: ITPS

Genésio Medeiros Neto¹

RESUMO

O Brasil vem enfrentando uma longa crise econômica, o que vem fazendo as empresas não conseguirem honrar suas obrigações. Entre elas a folha de pagamento é uma das mais importantes e essenciais. A crise também afeta as empresas públicas, autarquias, como é o caso do Instituto Tecnológico de Pesquisa de Sergipe (ITPS). O estudo ou questão refere-se à elaboração da folha de pagamento em uma autarquia pública indireta, o ITPS. Diante desse cenário, foi elaborado o seguinte objetivo, entender a elaboração e contabilização da folha de pagamento de um órgão da administração pública indireta, cujos vínculos empregatícios são de diversas naturezas. Quanto a metodologia utilizada foi descritiva, bibliográfica e foi realizada coleta de informações através de entrevista de natureza quantitativa e qualitativa. O método utilizado foi o estudo de caso e documental, através da apresentação das movimentações da Folha de pagamento, para contextualizar sua aplicação que se refere à conclusão deste estudo.

Palavras-Chave: Autarquia. Folha de pagamento.

¹ Graduando do curso de Ciências Contábeis. E-mail: ntmedeiros@yahoo.com.br. Trabalho apresentado como requisito para Conclusão do Curso de Bacharel em Ciências Contábeis da Faculdade Amadeus.

VALORIZAÇÃO DO PROFISSIONAL CONTABIL NA FUNÇÃO DE PERITO CONTADOR E AS ALTERAÇÕES DO NOVO CÓDIGO DE PROCESSO CIVIL

Antonio Vieira Santos¹

RESUMO

A perícia contábil é uma especialidade da Ciências Contábil que oferece ao profissional a diversidade de exercer diversas funções, entre essas, a perícia contábil judicial, que antigamente tinha nuances em alguns requisitos que prejudicava o trabalho do profissional, o Novo Código de Processo Civil trouxe melhoramento no rigor científico e técnico da escolha do profissional e no quesito honorários. Assim, o presente estudo teve como objetivo geral compreender a importância do trabalho do perito contábil judicial e as mudanças advindas com o Novo Código de Processo Civil. A relevância deste estudo se apoiou no propósito de mostrar a sociedade uma visualização da atuação dos profissionais contábeis neste mercado de trabalho, visto que, a perícia pode se tornar uma área atrativa aos que optam por uma atividade profissional paralela, ou mesmo para aqueles que queiram se inserir na perícia como atividade exclusiva e ainda, aos acadêmicos, que poderão atuar na perícia após a formação. A metodologia utilizada foi uma pesquisa bibliográfica em livros. Espera-se concluir que o perito precisa ser um profissional habilitado, ético e intelectualmente preparado para exercer a atividade, com virtudes morais e éticas e total compromisso com a verdade para que possa realizar com competência seu trabalho.

Palavras-Chave: Perícia Contábil. Perito Contábil. Ética. Ciências Contábeis. Judiciais.

¹ Graduando do Curso de Ciências Contábeis da Faculdade Amadeus. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para obtenção do título de Bacharel em Ciências Contábeis pela Faculdade Amadeus.

APLICABILIDADE DOS INDICADORES ECONÔMICO-FINANCEIROS NA GESTÃO EMPRESARIAL NO RAMO DE MATERIAL DE CONSTRUÇÃO DE PEQUENO PORTE

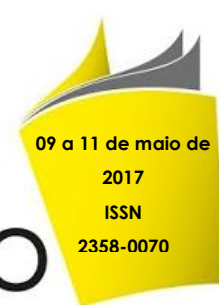
Daniella Soares Nascimento¹

RESUMO

A análise de demonstrativos surgiu e se desenvolveu dentro do sistema bancário norte americano, desde o final do séc. XIX, quando instituições financeiras se utilizavam desta ferramenta para analisar concessão de empréstimos para as empresas. Desde então, desenvolveu-se cada vez mais demonstrativos a fim de si analisar todos os aspectos financeiros de todos os níveis de organização. O Presente trabalho científico visa demonstrar a importância da aplicabilidade dos indicadores econômico-financeira para tomada de decisão em uma empresa de pequeno porte, no ramo de material de construção, demonstrando ao gestor quais os indicadores financeiros apresentados que serão considerados mais relevantes para auxiliar na tomada de decisão. Esse estudo tem por objetivo fundamentar as análises das demonstrações através de seu Balanço Patrimonial e da Demonstração do Resultado do Exercício, para que seja analisada a situação econômica financeira da empresa. Para tanto o presente trabalho dará noções básicas de Contabilidade, Contabilidade Gerencial, Demonstrações Contábeis e suas análises, utilizando como metodologia o estudo de caso e documentos fornecidos pela contabilidade da empresa. Espera-se concluir sobre os índices, qual será o de maior relevância para auxiliar na tomada decisão.

Palavras-Chave: Indicador econômico-financeiro. Demonstrações Contábeis. Tomada de decisão.

¹ Graduanda do Curso de Ciências Contábeis da Faculdade Amadeus. E-mail: daniella.sn@hotmail.com . Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para obtenção do título de Bacharel em Ciências Contábeis pela Faculdade Amadeus, sob a orientação da Profa. Priscila Jesus Mendonça.



III ENCONTRO MULTIDISCIPLINAR DA FACULDADE AMADEUS

FORMALIZAÇÃO EMPRESARIAL: Microempresa optante pelo Simples Nacional no município de Itaporanga D'Ajuda-se

Tatiane Santos Oliveira¹

RESUMO

Atualmente vivenciamos um período em que o ambiente empresarial está cada vez mais competitivo. Assim, para se manter no mercado econômico e obter lucratividade, as empresas devem estar preparadas para enfrentar os desafios da concorrência empresarial, analisando não só o mercado em que atua, mas também aplicando o controle financeiro e buscando formas de enquadramento mais adequados para a sua empresa. Isto porque, a depender da opção, a empresa poderá apresentar melhores condições financeiras para se manter no cenário empresarial. Considerando as situações de enquadramento, pode-se destacar o SIMPLES Nacional, o qual unifica vários tributos, facilitando e reduzindo os custos tributários, bem como gerando vários benefícios para o empresário. Partindo deste tipo de enquadramento, o trabalho em questão tem como objetivo geral entender os procedimentos necessários para a formalização de uma microempresa no município de Itaporanga D'Ajuda SE. Quanto à metodologia empregada será a pesquisa bibliográfica e documental. Sendo caracterizado como de natureza descritiva, explicativa e exploratória. Ressalta-se que este trabalho irá contribuir para fins de conhecimento do processo de formalização de uma empresa optante pelo SIMPLES, bem como demonstrando os benefícios de sua legalização.

Palavras-Chave: Formalização. Microempresa. Procedimentos, Simples nacional.

¹ Graduanda do Curso Ciências Contábeis da Faculdade Amadeus. E-mail: tatianesoliveiraa@gmail.com. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para obtenção do título de Bacharel em Ciências Contábeis pela Faculdade Amadeus.

PLANEJAMENTO TRIBUTÁRIO DOS IMPOSTOS SOBRE FATURAMENTO PARA EMPRESAS PRESTADORAS DE SERVIÇOS DO LUCRO PRESUMIDO

Edilene Santos de Jesus¹

RESUMO

O planejamento tributário surge com o objetivo de fomentar a redução de custos e despesas empresariais assegurando que as decisões tomadas não venham causar danos ao contribuinte. Surge pela necessidade diante da diversidade de taxas, impostos e contribuições que são arcadas pelos contribuintes, seja pessoa jurídica ou física, que podem ser cobradas de forma compulsória e tendo em vista à necessidade de redução dos impactos da alta e complexa carga tributária brasileira, onde o Brasil está entre os países que possuem uma das mais elevadas cargas tributárias. O presente trabalho tem como objetivo demonstrar os efeitos de um planejamento tributário na apuração dos impostos PIS e COFINS sobre o faturamento de uma empresa prestadora de serviços no ramo de carga de transporte, tributada com base no lucro presumido, através do levantamento e avaliação dos seus dados. O estudo em foco é classificado como uma pesquisa exploratório e explicativo, abordando suas informações de forma quantitativo e qualitativa. As características adotadas em seus procedimentos definem como estudo de caso e documental. Será ressaltada a importância do planejamento tributário perante a gestão empresarial e fiscal. Como resultado é apurado o valor do ônus financeiro para a entidade, durante o período avaliado, evidenciando as proporções dos resultados. Pretende-se saber quais os efeitos de um planejamento tributário para tal empresa.

Palavras-Chave: Planejamento tributário. Legislação. Contabilidade.

¹ Graduanda do Curso de Ciências Contábeis da Faculdade Amadeus. E-mail: edilenesj07@gmail.com. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para obtenção do título de Bacharel em Ciências Contábeis pela Faculdade Amadeus.

COMO SE CONTABILIZA A DESPESA PÚBLICA EXECUTADA POR MEIO DE SUPRIMENTO DE FUNDOS

Francisco Edivando de Araujo¹

RESUMO

A preocupação dos efeitos com os gastos públicos fez com o que o governo prestasse contas dos mesmos. A lei 4.320 definiu normas gerais para elaboração e controle dos orçamentos e balanços da união, estados e municípios e do Distrito Federal. Depois dessa lei, a contabilidade se tornou muito importante para a área pública. A Administração Pública prevê, em determinadas situações, a utilização de uma sistemática especial para realizar despesas que, por sua natureza ou urgência, não possam aguardar o processamento normal da execução orçamentária e financeira, por meio de um procedimento denominado concessão de suprimento de fundos. O governo repassa a verba para a secretaria da educação do estado, que é repassada para as escolas estaduais por meio de empenho. Diante do exposto surge a seguinte questão: Como se dá a contabilização da despesa pública executada por meio de suprimentos de fundos? O objetivo desse trabalho é mostrar como o processo de liberação de recurso através do suprimento de fundos, seu processo de liberação, como esse recurso pode ser gasto e como ele é contabilizado na secretaria da educação do estado. Como fonte, utiliza a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental.

Palavras-Chave: Contabilidade pública. Suprimento. Estado.

¹ Graduando do Curso de Ciências Contábeis da Faculdade Amadeus. E-mail: vandogato@msn.com. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para obtenção do título de Bacharel em Ciências Contábeis pela Faculdade Amadeus.

TRIBUTOS IMOBILIÁRIO NO PROCESSO DE COMPRA E VENDA

Josefa Rodrigues de Carvalho¹

RESUMO

A Tributação revela-se um fato importante para a manutenção do Estado, visto que, a principal forma de arrecadação ocorre por meio de tributos, existem mais de 100 que são pagos pela sociedade. O presente trabalho, parte da análise das normas que regem a tributação no mercado imobiliário, com a finalidade de possibilitar a identificação de princípios e valores próprios, que possibilitem um estudo mais esclarecedor sobre tributos decorrentes da compra e venda de imóveis. Diante deste fato, foi definido o problema de: Como se dá o processo de contabilização dos tributos decorrentes dos imóveis nas operações de compra e venda? Com isso, o objetivo geral do estudo é entender como se dá o processo de contabilização dos tributos decorrentes dos imóveis nas operações de compra e venda. Foi utilizado o método de pesquisa de estudo de caso com referência aos imóveis na planta, imóveis usados e imóveis novos. Espera-se que com esse trabalho possa se entender a vantagem e a desvantagem na compra de imóveis novos, usados, e na planta.

Palavras-Chave: Tributação. Imóveis. Compra. Venda.

¹ Graduanda do Curso de Ciências Contábeis da Faculdade Amadeus. E-mail: josy_dede2@hotmail.com. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para obtenção do título de Bacharel em Ciências Contábeis pela Faculdade Amadeus.

MEI E EIRELI CARACTERÍSTICAS DAS CATEGORIAS

Derivaldo de Souza Santos¹

RESUMO

O desenvolvimento econômico do país no início do ano de 2002 teve um aumento na taxa de desemprego, tornando o crescimento de pessoas que buscam no setor informal um meio de sobrevivência. Para atender a necessidade de formalização, foi criada uma simplificação da legislação e instituíram figuras jurídicas específicas, uma delas foi o Micro Empreendedor Individual – (MEI), anos depois, em 2011, o governo precisou fazer uma evolução do MEI, em que foi criada a empresa Individual de Responsabilidade limitada – (EIRELI), que corresponde a uma modalidade diferente de pessoa jurídica formada por apenas uma pessoa física. Portanto, o problema de pesquisa consiste em: quais as diferenças entre o MEI e da EIRELI no tocante aos requisitos para sua formalização e os ônus tributários de suas operações, o objetivo geral é o esclarecimento entre as duas formas de formalização de empresas e suas vantagens tributárias. A metodologia utilizada foi descritiva e bibliográfica, fazendo um breve levantamento do ramo de atividade a ser executado, dessa forma, nota-se que na maioria dos casos, é melhor optar pela EIRELI, pois, as vantagens que a legislação nos mostra em um grau comparativo entre o MEI e a EIRELI, que é melhor priorizar a EIRELI sendo que ao escolher essa modalidade de empresa possui algumas vantagens como, por exemplo: pode possuir mais de um funcionário, como também, o patrimônio jurídico não incorpora o da pessoa física, possibilitando assim, um melhor recurso para o empresário individual.

Palavras-Chave: Diferença. MEI. EIRELI.

¹ Graduando do Curso de Ciências Contábeis da Faculdade Amadeus. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para obtenção do título de Bacharel em Ciências Contábeis pela Faculdade Amadeus.

A CONTABILIZAÇÃO DAS RECEITAS E DESPESAS EM UMA AUTARQUIA DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA DO ESTADO DE SERGIPE

Natali Leite dos Santos¹

RESUMO

Na Contabilidade Pública é de fundamental importância realizar os registros e mensuração de todos os fatos contábeis. A administração pública deve controlar as suas receitas como também as suas despesas para poder aplicar corretamente e com eficiência os seus recursos e, além disso, prestar conta à sociedade dessa aplicação. As entidades públicas são caracterizadas por dois níveis, a administração pública direta e indireta. Nesta última, existe um fato diferente em relação à primeira, pois embora sejam compostas por órgãos públicos, apresentam algumas características de entidades privadas. Diante deste fato, foi definido o seguinte problema de estudo: Quais são as peculiaridades da contabilização das receitas e despesas em uma autarquia da Administração Pública do Estado de Sergipe? Sendo assim, o objetivo geral do estudo é entender as peculiaridades da contabilização das receitas e despesas em uma autarquia da administração pública do Estado de Sergipe. A metodologia utilizada no presente trabalho foi à pesquisa exploratória e descritiva e quanto aos procedimentos, foi fundamentada na pesquisa bibliográfica e documental. Espera-se que este trabalho traga informações necessárias para o entendimento da contabilização das receitas e despesas em uma autarquia da administração pública do estado de Sergipe.

Palavras-Chave: Administração Pública. Receita Pública. Despesa Pública.

¹ Graduanda do Curso de Ciências Contábeis da Faculdade Amadeus. E-mail: natalileites@gmail.com. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para obtenção do título de Bacharel em Ciências Contábeis pela Faculdade Amadeus, sob a orientação da Profa. Priscila Jesus Mendonça

FORMALIZAÇÃO DE MEIs

Denise Andrade Trindade¹

RESUMO

Com base no último levantamento do IBGE (2003) feito no Brasil, constatou-se que haviam mais de dez milhões de trabalhadores operando na informalidade. Diante deste quadro, o governo analisou a necessidade de procurar alternativas para legalizar estes trabalhadores. E assim, surgiu a Lei Complementar nº 128/2008, que possibilitou ao empreendedor informal a sua legalização de acordo com critérios estabelecidos para o microempreendedor individual. Com o enquadramento como microempreendedor individual, o trabalhador passa a contribuir com uma taxa única de tributos, sendo isento dos tributos Federais, possibilitando o desenvolvimento operacional e estratégico dos negócios. Passa a gozar de alguns benefícios como pensão pós morte, aposentadoria por idade e invalidez, salário maternidade entre outros. Neste contexto o objetivo geral deste trabalho é entender como se dá o processo de Formalização do Microempreendedor Individual. Quanto à metodologia aplicada, será realizada pesquisa bibliográfica e documental. Além disso, este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa descritiva, explicativa e exploratória, buscando assim fundamentar e justificar a importância deste tema. É importante ainda destacar que este conteúdo tem grande relevância, considerando que muitos empreendedores não têm conhecimento do processo da formalização da empresa, justificando-se assim a seriedade desta pesquisa. O resultado esperado deste estudo é passar informações, de forma segura, prática e com entendimento objetivo, para que os futuros empreendedores se sintam seguros em abrir seu negócio.

Palavras-Chave: Microempreendedor Individual. Formalização.

¹ Graduanda do Curso de Ciências Contábeis da Faculdade Amadeus. E-mail: deniseandtrind@gmail.com. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para obtenção do título de Bacharel em Ciências Contábeis pela Faculdade Amadeus, sob a orientação da Profa. Priscila Jesus Mendonça.

CONTABILIZAÇÃO DO SISTEMA DE MICROCRÉDITO DE UM BANCO NO ESTADO DE SERGIPE

Caio Augusto Andrade Souto¹

RESUMO

Nos últimos anos o Brasil vem convivendo com diversas mudanças na sua estrutura econômica. Diante destas mudanças, houve um elevado crescimento nos setores de comércio e serviços, ocasionando uma maior demanda creditícia. Com o intuito de atender a esta demanda e, ao mesmo tempo auxiliar o desenvolvimento econômico do país o Governo Federal criou o programa de microcrédito, que é concedido pelas instituições financeiras, com a finalidade de apoiar as necessidades dos micro e pequenos empreendedores de todo o país. O trabalho em questão aborda a forma de contabilização do microcrédito em um banco na cidade de Aracaju (SE). O objetivo geral desse trabalho é explicar a importância do sistema de microcrédito para as instituições financeiras. Na intenção de alcançar o objetivo geral, foram escolhidos os seguintes objetivos específicos: Apresentar o processo da concessão de crédito aos clientes do banco e demonstrar como se dá a contabilização das receitas com concessão de crédito. O norteamento da pesquisa se deu no intuito de aprofundar o estudo sobre a concessão de crédito nas instituições financeiras, se fez necessário entender como as mesmas realizam seus processos de contabilização. Foram utilizadas as metodologias de pesquisa explicativa e qualitativa, além de um estudo bibliográfico para aprimorar os conhecimentos a respeito das concessões de crédito. Assim foi possível verificar que o conhecimento da contabilização dessas concessões, não são só importantes para as instituições financeiras que possuem um sistema de microcrédito, mas para todos os profissionais contábeis que estejam trabalhando nessa esfera de concessão de crédito.

Palavras-Chave: Microcrédito. Concessão de crédito.

¹ Graduando do Curso de Ciências Contábeis da Faculdade Amadeus. E-mail: caioaugustoandrade42@gmail.com. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para obtenção do título de Bacharel em Ciências Contábeis pela Faculdade Amadeus.

DIFERENCIAL COMPETITIVO: um estudo da qualidade no atendimento ao cliente em uma organização empresarial

Clesiane Matos da Silva¹

RESUMO

Este estudo, em andamento, tem como objetivo analisar a percepção dos clientes da Petrox Pneus III em Aracaju/SE quanto à qualidade no atendimento. Tendo em vista que os clientes estão cada vez mais exigentes quando pretendem adquirir produtos ou serviços, o marketing é uma ferramenta que pode ser usada tanto para a gestão de relacionamento com os clientes, como também na criação de valor para o negócio. Em vista disso, embora já bastante debatido, a escolha do tema desta pesquisa se justifica devido à sua relevância nos estudos organizacionais, pois, com o intuito de reter e fidelizar os clientes para que se tornem lucrativas, as empresas precisam encontrar vantagens competitivas para se diferenciarem dos concorrentes e conseguirem se manter no mercado, de modo que a qualidade no atendimento é um grande diferencial competitivo para obtenção de melhores resultados na organização. Esta é uma pesquisa de cunho qualitativo, configurando-se como um estudo de caso do tipo exploratório e descritivo em uma empresa de revenda de pneus em Aracaju/SE. Para coleta de dados, fez-se uso de questionário composto de questões abertas e fechadas. O trabalho se encontra na fase de finalização da coleta e início da análise dos dados.

Palavras-Chave: Cliente. Marketing de Relacionamento. Qualidade no atendimento. Satisfação.

¹ Graduanda do Curso de Administração da Faculdade Amadeus. E-mail: clesiane.matos@bol.com.br
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para obtenção do título de Bacharel em Administração pela Faculdade Amadeus.

A INDEPENDÊNCIA FINANCEIRA ATRAVÉS DA UTILIZAÇÃO DO MARKETING MULTINÍVEL (MMN), APLICADO EM UMA EMPRESA DE COSMÉTICOS

Annehely Oliveira Souza¹

Bruno Souza Ferreira²

RESUMO

Este trabalho aborda as melhorias que o marketing de rede trouxe para as pessoas que optaram por atuar nesse sistema, especificamente no grupo Hinode. O marketing de rede, também conhecido como Marketing Multinível (MMN) é um modelo de negócios onde os distribuidores envolvidos no sistema podem construir sua rede de distribuição e, é através dela que os produtos são levados ao consumidor de forma direta sem precisar de atravessadores, obtendo assim ganhos e recompensas, através das vendas diretas e por meio do recrutamento destes novos distribuidores. A questão central deste trabalho é quais foram as melhorias profissionais, pessoais e financeiras percebidas pelas pessoas que optaram por investir no grupo Hinode. Nosso objetivo geral é investigar quais melhorias foram estas na opinião dos próprios distribuidores. A metodologia utilizada foi uma pesquisa descritiva com abordagem qualitativa. As conclusões serão expostas ao fim desta pesquisa que ainda está em construção.

Palavras-Chave: Marketing de Rede. Empreendedorismo. Vendas diretas.

¹ Graduanda do Curso de Ciências Contábeis da Faculdade Amadeus. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para obtenção do título de Bacharel em Administração pela Faculdade Amadeus.

² Graduando do Curso de Ciências Contábeis da Faculdade Amadeus. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para obtenção do título de Bacharel em Administração pela Faculdade Amadeus.

CONDUTA ÉTICA E SEUS REFLEXOS: o estudo comparativo em Profissionais da Contabilidade e Administração

Gabriella Moreira Andrade ¹

RESUMO

Os contadores e administradores atuam diretamente na gestão patrimonial, tornando-os constantes parceiros dentro das organizações. Esses profissionais atuam dentro de uma conduta ética e moral ilibada com o objetivo de intuito de manter o bom funcionamento e a gestão dessas empresas, fato esse, cujo objetivo visa priorizar a manutenção das boas praticas gerenciais que devido à proximidade das funções, imbricam numa relação estreita entre esses grupos de profissionais. A conduta ética proporcionam aos profissionais a capacitação para que eles saibam atuar entre seus pares de forma ilibada resultando não só na atuação correta, mas também na prestação de serviços para a sociedade como um todo. O presente trabalho será relacionado ao tema conduta ética e seus reflexos: o estudo comparativo entre os profissionais de contabilidade e administração, cujo objetivo geral é identificar o quantitativo de apuração ética com os profissionais, identificar as principais faltas de conduta ética, apontar as principais penalidades aplicadas pelos conselhos de classe. Será realizado em Sergipe nos Conselhos Regionais de Contabilidade e Administração (CRC-SE e CRA-SE), para tanto, foi utilizado a metodologia de análise documental e dados quantitativos. Espera-se encontrar um resultado satisfatório com reflexos positivos no setor econômico como um todo.

Palavras-Chave: Conduta. Ética. Profissionais. Contabilidade. Administração.

¹ Graduanda do Curso de Ciências Contábeis da Faculdade Amadeus. E-mail: gabriella-mor@hotmail.com. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para obtenção do título de Bacharel em Ciências Contábeis pela Faculdade Amadeus, sob a orientação da Prof. Msc. Priscila Jesus Mendonça.

EMPREENDEDORISMO JUVENIL: como jovens de Aracaju/SE podem abrir e manter seus empreendimentos¹

Elaine Torres de Andrade²

Maria Lucilaine Silva Santos³

Isabela Gonçalves de Menezes⁴

RESUMO

Este trabalho, em andamento, apresenta casos de jovens empreendedores de Aracaju, Sergipe, destacando as responsabilidades assumidas por essa categoria quanto ao novo empreendimento. Ademais, discute sobre a importância significativa do empreendedorismo que se evidencia como uma “corrente” que só cresce a cada ano, dentre outros motivos, devido ao momento econômico que o nosso país atravessa e as dificuldades de inserção dos jovens no mercado de trabalho. Em vista disso, a escolha deste tema pode ser justificada pela relevância e atualidade do debate sobre a importância do empreendedorismo juvenil. Objetivou-se investigar como jovens empreendedores podem abrir e manter seus empreendimentos no mercado de Aracaju, Sergipe. Especificamente, buscou-se analisar os motivos que levaram os jovens empreendedores pesquisados a abrir seus negócios, o que os motiva nessa jornada empreendedora, além de identificar peculiaridades que devem ser levadas em consideração nesse processo. Quanto à metodologia, esta é uma pesquisa qualitativa, de cunho exploratório e descritivo, que estudou casos de jovens empreendedores, na faixa etária entre 18 e 29 anos, estabelecidos no município de Aracaju, Sergipe. Para a coleta de dados, fez-se uso de questionário com dezoito perguntas abertas e fechadas. A pesquisa encontra-se na fase de finalização da coleta e início da análise dos dados.

Palavras-Chave: Empreendedorismo. Inserção profissional. Jovens empreendedores.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para obtenção do título de Bacharel em Administração de Empresas pela Faculdade Amadeus, sob a orientação da Prof (a): Dra. Isabela Gonçalves de Menezes.

² Graduanda do Curso de Administração da Faculdade Amadeus. E-mail: elaineandrade1988@gmail.com.

³ Graduanda do Curso de Administração da Faculdade Amadeus. E-mail: lucilaineaju2009@hotmail.com.

⁴ Bacharel em Administração, Doutora em Educação, professora do curso de Administração da Faculdade Amadeus. E-mail: isagmenezes@gmail.com.

RESPONSABILIDADE DOS PROFISSIONAIS NAS INTERPRETAÇÕES DOS ÍNDICES FINANCEIROS E ECONÔMICO NAS ORGANIZAÇÕES

José Jemison Rodrigues da Silva¹

RESUMO

O trabalho tem como objetivo mostrar a responsabilidade dos profissionais de contabilidade assim como aos administradores a importância dos indicadores financeiro e econômico extraídos dos demonstrativos. A necessidade deste tema se deu pelo alto índice de empresas que fecham, segundo dados do SEBRAE a cada 100 empresas que abrem 38 delas encerram suas atividades antes de completarem 5 anos. Acredita-se que uma má administração e/ou falta de conhecimento técnico no que diz a respeito da responsabilidade do profissional contábil, tem contribuído para esse elevado número. Relevante é inculcar o desejo nos *Stakeholder*², apenas nos lucros que podem colher em curto prazo ou até mesmo ao final de cada exercício, mas também a preocupação de acompanhar um dos princípios fundamentais que é a continuidade das entidades. Muito embora se tenha facilidades em abrir um negocio não podemos descartar que o crescimento de uma pessoa jurídica não acontece do dia pra noite, necessário é o acompanhamento e nutrição dessa “pessoa”, para isso é imprescindível uma efetiva participação do profissional da contabilidade nas interpretações dos índices financeiro de uma instituição. A definição de um contador gerencial também é parte dessa pesquisa, para este fim será necessário dispôr dos conceitos da contabilidade gerencia, assim como analisar cada índice de rentabilidade e endividamento extraídos dos demonstrativos.

Palavras-Chave: Contabilidade gerencial. Sistema de informação. Processo decisório.

¹ Graduando do Curso de Ciências Contábeis da Faculdade Amadeus. E-mail: jemisonrodrigues@hotmail.com. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para obtenção do título de Bacharel em Ciências Contábeis pela Faculdade Amadeus, sob a orientação da Profa. Priscila Jesus Mendonça

² Uma pessoa ou grupo que possui participação, investimento ou ações e que possui interesse em uma determinada empresa ou negócio.

GESTÃO DA QUALIDADE NO ESTOQUE: estudo de caso na empresa Figueiredo Novidades – Aracaju/SE

Pedro Alves de Figueiredo Junior¹

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo destacar quais os impactos na gestão do estoque a partir da implantação e implementação da ferramenta 5s na empresa Figueiredo Novidades. Para tanto, foi necessário apresentar o método de implantação/implementação da ferramenta de gestão da qualidade 5s, buscando identificar a disposição e organização do estoque no período anterior e posterior ao emprego da referida ferramenta 5s, aplicando questionários com os funcionários, realizando análises do antes e depois da aplicação da ferramenta 5s. O estudo foi desenvolvido por intermédio de uma pesquisa qualitativa caracterizada como um estudo de caso. Por se tratar de uma pesquisa em andamento, a conclusão está em fase de elaboração.

Palavras-Chave: Estoque. Ferramenta 5s. Gestão da qualidade. Sensos.

¹ Graduando do Curso de Administração da Faculdade Amadeus. E-mail: admpedrojunior@hotmail.com. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para obtenção do título de Bacharel em Administração pela Faculdade Amadeus.

A QUALIDADE NO ATENDIMENTO DOS CANAIS DIGITAIS DA AGÊNCIA BRADESCO SIQUEIRA CAMPOS¹

Filipe Machado de Menezes²

Robério Rocha de Oliveira³

RESUMO

Atualmente a tecnologia faz parte de praticamente todos os âmbitos de nossa vida. Seja no trabalho ou em casa procura-se sempre a praticidade e economia de tempo para organizar o cotidiano. Partindo dessa premissa, as mais distintas organizações tem investido sobremaneira na implementação e atualização dos serviços em tudo que existe de mais moderno no mercado tecnológico para atender as demandas dos clientes. Diante dessa perspectiva, o objetivo deste trabalho é analisar a percepção dos clientes internos da agência Siqueira Campos do banco Bradesco sobre como os clientes externos têm utilizado os canais digitais de atendimento. Para obter estas informações como metodologia utilizada, realizou-se uma pesquisa mediante aplicação de questionário com os clientes internos da agência em questão, já que estão diariamente em contato direto com os clientes externos identificando suas demandas preferenciais e opiniões sobre a utilização dos canais digitais. O trabalho tem como finalidade identificar a importância dos benefícios na utilização dos canais digitais, verificando se os clientes estão preparados para a utilização dos serviços disponibilizados e por fim, perceber o grau de satisfação com a implantação dos canais e a opinião dos clientes em relação a sua utilização. Esta pesquisa está na etapa de análise dos dados.

Palavras-Chave: Atendimento Bancário. Canais Digitais. Clientes.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para obtenção do título de Bacharel em Administração pela Faculdade Amadeus.

² Graduando do Curso de Administração da Faculdade Amadeus.

³ Graduando do Curso de Administração da Faculdade Amadeus.

III ENCONTRO MULTIDISCIPLINAR DA FACULDADE AMADEUS

EDUCAÇÃO INFANTIL NO ESPAÇO EM QUE CUIDAR E EDUCAR CAMINHAM JUNTOS

Joseane Araujo Alves¹

RESUMO

Neste artigo pretendo analisar se a prática pedagógica está atendendo o processo de ensino-aprendizagem na mesma proporção que o cuidar, em uma escola de Educação Infantil. E, ainda, se valorizam a conquista da autonomia e da liberdade de expressão e proporcionam a socialização das crianças. A questão levantada neste artigo é se ocorre uma resposta significativa e fundamentada na expectativa dos pais. A hipótese apresentada é que no campo de interesse pedagógico gerado no cotidiano escolar há um intenso trabalho de adaptação para que aconteça um desligamento entre berçário e escola. O projeto justifica-se mediante a minha experiência pessoal no trabalho em creche, em que percebi a necessidade de desenvolver um ensino-aprendizagem significativo. Foi uma pesquisa de cunho qualitativo e um estudo de caso. O referencial teórico escolhido segundo a necessidade do estudo encontrou bases no que diz ou orienta a LDB (9394/96) (BRASIL, 1996), as resoluções Nº 002 E 003/2004 (BRASIL, 2003, 2004), O RCNEI (BRASIL, 1998) e os estudos de Wallon, Piaget e Vygotsky segundo OLIVEIRA (2002). Espera-se entender o educar e o cuidar para o desenvolvimento integral da criança, na Educação Infantil.

Palavras-Chave: Cuidar. Ensino-aprendizagem. Educação Infantil.

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Faculdade Amadeus. E-mail: milenaaj10@hotmail.com. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Amadeus.

EDUCAÇÃO INCLUSIVA: uma contribuição para o aprendizado dos alunos com Transtorno do Espectro Autismo na Educação Infantil

Nadja Araujo Tavares¹

RESUMO

A ênfase dessa pesquisa, é dada ao aluno autista na educação infantil, público que tem crescido cada vez mais na rede regular de ensino. Mais concretamente como se dá o processo de ensino-aprendizagem dessas crianças e algumas das leis que garantem esse direito. Bem como o significado do termo autismo e as características do quadro de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). E visando as dificuldades que as crianças autistas encontram para realizar o aprendizado temos a possibilidade de socializar com os métodos Análise de Comportamento Aplicada (Applied Behavior Analysis) (ABA) e Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Déficit Relacionados à Comunicação (Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handicapped Children) (TEACCH). Discutimos sobre alguns aspectos históricos da educação especial. Este trabalho foi muito importante para minha compreensão e aprofundamento desse tema, visto que me permitiu compreender melhor a cerca do autismo e como agir concretamente no ensino da criança autista para que elas realmente aprendam o conteúdo aplicado de forma prazerosa. Além disso, me permitiu aperfeiçoar competências de investigação, organização da informação e colocá-las em prática.

Palavras-Chave: Aprendizado. Autismo. Educação Infantil

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Faculdade Amadeus.